



PROFLETRAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – *CAMPUS* DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO
PROFISSIONAL

GÉSSICA CRISTIANE DIANA

**PROPOSTA DE ENSINO SOBRE CONTOS E CAUSOS E ASPECTOS DA
INTERTEXTUALIDADE**

CASCAVEL – PR

2023

GÉSSICA CRISTIANE DIANA

**PROPOSTA DE ENSINO SOBRE CONTOS E CAUSOS E ASPECTOS DA
INTERTEXTUALIDADE**

Dissertação para o Exame Final apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Nível de Mestrado Profissional (Profletras), área de concentração em Linguagens e Letramento, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella

CASCAVEL – PR

2023

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Diana, Géssica Cristiane
Proposta de ensino sobre contos e causos e aspectos da
intertextualidade / Géssica Cristiane Diana; orientadora
Aparecida Feola Sella. -- Cascavel, 2023.
129 p.

Dissertação (Mestrado Profissional Campus de Cascavel) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação,
Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Intertextualidade. 2. Contos. 3. Causos. 4. Unidade
didática. I. Sella, Aparecida Feola, orient. II. Título.

GÉSSICA CRISTIANE DIANA

**PROPOSTA DE ENSINO SOBRE CONTOS E CAUSOS E ASPECTOS DA
INTERTEXTUALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Profletras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Letras, área de concentração Linguagens e letramentos, linha de pesquisa Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes, APROVADA pela seguinte banca examinadora:

Orientadora - Aparecida Feola Sella

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Clarice Cristina Corbari

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Valdeci Batista de Melo Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Sonia Cristina Poltronieri Mendonça

Escola Estadual Orcírio Thiago de Oliveira (Campo Grande/MS)

Cascavel, 27 de março de 2023

A duas criaturinhas que marcaram minha vida com
pensamentos e memórias inesquecíveis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que contribuiu para que este sonho se tornasse realidade.

À minha família, que sempre me apoiou e incentivou a estudar, proporcionou-me uma vida digna e feliz, contribuindo para a realização de meus sonhos.

À minha orientadora, Professora Doutora Aparecida Feola Sella, por todo o conhecimento compartilhado, pela disponibilidade, pelas conversas, orientações e compreensão. Agradeço-lhe imensamente.

Às professoras Clarice C. Corbari, Valdeci B. M. Oliveira e Sonia C. P. Mendonça, pelas contribuições dadas durante a banca de qualificação e defesa final.

A todos os professores do Profletras, por todos os conhecimentos compartilhados, pela compreensão, pela amabilidade, enfim, por tudo com que contribuíram para que este momento fosse possível.

*Educação não transforma o mundo. Educação muda
as pessoas. Pessoas transformam o mundo.
(PAULO FREIRE).*

DIANA, Gécica Cristiane. **Proposta de ensino sobre contos e causos e aspectos da intertextualidade**. 2023. 129 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Letras – Profletras). Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

RESUMO

Nesta pesquisa, o objetivo geral corresponde à elaboração de uma unidade didática para alunos do sétimo ano sobre o ensino da intertextualidade e sobre textos que constituem exemplos de contos e causos, inclusive sobre textos produzidos por ex-alunos de uma escola estadual do campo, localizada no Sudoeste do Paraná, publicados no livro *Contos e Causos do Ouro Verde* em 2004, com a intenção de ressaltar a produção textual local. Propõem-se atividades sobre os seguintes subtipos de intertextualidade: alusões, *détournement*, paródia e paráfrase, por serem considerados mais sugestivos para exemplificações a alunos do sétimo ano. Este estudo corresponde a uma pesquisa qualitativa interpretativista e seguiu a abordagem sobre a intertextualidade como uma categoria da coerência textual viável para processos de leitura. Seguem-se, principalmente, as contribuições de Koch (1991; 2003), Moisés (2006), Oliveira (2006) e Marcuschi (2007; 2008). Enfocam-se textos variados para exemplificação juntamente com textos específicos para o resgate de elementos ligados à escola da comunidade e sua respectiva história. Percebeu-se que a intertextualidade está presente nos gêneros abordados ao estabelecer correlações entre os textos. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com o trabalho do professor e promover uma ressignificação dos gêneros causos e contos, por meio da análise de elementos intertextuais e interdiscursivos nos textos em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Causo. Conto. Ensino Fundamental. Intertextualidade.

DIANA, Géssica Cristiane. **Propuesta de enseñanza sobre cuentos e historias y aspectos de la intertextualidad**. 2023. 129 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Letras – Profletras). Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

RESUMEN

En esta investigación, el objetivo general es la elaboración de una unidad didáctica para estudiantes de séptimo grado sobre la enseñanza de la intertextualidad y sobre textos que constituyen ejemplos de cuentos e historias, incluyendo textos producidos por exalumnos de una escuela pública del interior, ubicada en el sudoeste de Paraná, publicado en el libro *Contos e Causos do Ouro Verde* en 2004, con la intención de resaltar la producción textual local. Se proponen actividades sobre los siguientes subtipos de intertextualidad: alusiones, *détournement*, parodia y paráfrasis, por considerarse más sugerentes de ejemplificación para estudiantes de séptimo grado. El presente estudio corresponde a una investigación cualitativa interpretativa y siguió el enfoque de la intertextualidad como categoría de coherencia textual viable para los procesos de lectura. Les siguen principalmente las contribuciones de Koch (1991; 2003), Marcuschi (2007; 2008), Moisés (2006) y Oliveira (2006). Se enfocan textos variados como ejemplos junto con textos específicos para rescatar elementos vinculados a la escuela local y su respectiva historia. Se notó que la intertextualidad está presente en los géneros abordados al establecer correlaciones entre los textos. Se espera que esta investigación pueda contribuir con el trabajo del docente y promover una resignificación de los géneros narrativos *causo* y *cuento*, a través del análisis de elementos intertextuales e interdiscursivos en los textos en cuestión.

PALABRAS-CLAVE: Causo. Cuento. Enseñanza Fundamental. Intertextualidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Turma da Mônica - Espelho, espelho meu	18
Figura 2 – Frank & Ernest - Contos de fadas atualizados.....	35
Figura 3 – Cascão e os três porquinhos	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplos de intertextualidade: forma e conteúdo	38
Quadro 2 – Slogans criados pela empresa Hortifruti: campanha “Hollywood”	41
Quadro 3 – Exemplos de intertextos inspirados em ditados populares.....	42
Quadro 4 – Exemplos de captação: Canção do Exílio X Hino Nacional X Canção do Expedicionário	43
Quadro 5 – Exemplos de subversão: Canção do Exílio por Trevisan e Mendes.....	44
Quadro 6 – Exemplo de paródia.....	47
Quadro 7 – Exemplo de paráfrase.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 SOBRE TEXTO E GÊNERO: ENFOQUE NO CONTO E NO CAUSO	17
1.2 OS GÊNEROS CAUSO E CONTO.....	20
1.2.1 O caso	20
1.2.2 O conto	23
1.2.2.1 Elementos constitutivos do conto	25
1.2.2.2 Classificações do conto	27
1.2.2.3 O conto moderno.....	28
1.2.2.4 O conto popular.....	29
2 SOBRE A INTERTEXTUALIDADE COMO FATOR DE TEXTUALIDADE	34
2.1 ALUSÃO, PARÓDIA, PARÁFRASE E <i>DÉTOURNEMENT</i>	46
3 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE ENSINO DA INTERTEXTUALIDADE: UNIDADE DIDÁTICA	51
3.1 METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	51
3.2 DESCRIÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA	54
3.2.1 Planejamento das aulas	55
3.2.2 Momentos da unidade didática	56
3.2.3 Comentários finais ao professor.....	91
4 UNIDADE DIDÁTICA: A ABORDAGEM DA INTERTEXTUALIDADE VOLTADA PARA O 7º ANO	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS	125

INTRODUÇÃO

Lembro-me com muita nostalgia dos momentos de minha infância em que meus avós e meus pais contavam as histórias da família e antepassados, traquinagens, costumes, modos de vida, crenças, alegrias e tristezas. Afinal, as dificuldades eram muitas: famílias grandes, pouca fartura, precariedade na área da saúde, o que causava muitas perdas, mas, mesmo assim, as boas lembranças jamais serão esquecidas.

São momentos como esses que marcam nossa vida, aquele cheiro que te lembra a infância, a comida da avó, as brincadeiras inocentes, as broncas merecidas, os banhos de chuva, as celebrações religiosas e as novenas, para a criançada, uma grande oportunidade de rever os amigos e brincar muito. As histórias de visagens, lobisomens e bolas de fogo, utilizadas como estratégias para controlar a criançada. Hoje, vejo a importância de tudo aquilo.

Com todas as transformações e avanços tecnológicos, o modo de vida do ser humano tem mudado rapidamente. Em muitos ambientes, o hábito de visitar e conversar com os vizinhos e familiares tem sido substituído por aparelhos digitais, telas que prendem nossa atenção por horas, afastam-nos da convivência física, deixam-nos absortos no trabalho e dependentes das redes sociais.

Após uma década de experiência docente em escolas do campo, percebi que, no meio rural, ainda se tem o costume de contar aos filhos e netos histórias do passado, manter certos vínculos de amizade com os vizinhos, sentar-se para “tomar um chimarrão” e prostrar. Entretanto, nem sempre o conto e o causo recebem a importância merecida no ambiente escolar, ficando sua abordagem atrelada a atividades em que apenas são tratadas questões relativas à leitura e interpretação do texto. Não se considera toda a história, a polifonia, a interdiscursividade e a intertextualidade presentes, que denotam a história de um povo ou comunidade.

Tais apontamentos suscitaram a seguinte questão: De que forma o estudo da intertextualidade em contos, causos e textos produzidos por alunos, com a colaboração de membros da comunidade, pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa? Esta pesquisa poderá colaborar com o trabalho docente, uma vez que, além de embasada teoricamente, propõe a abordagem do processo intertextual de maneira diferenciada ao agregá-lo ao estudo dos gêneros anteriormente

mencionados, assunto pouco explorado no espaço educacional e que, muitas vezes, carece de materiais didáticos acessíveis ao educador.

Diante disso e com base nos estudos de Marcuschi (2007), depreende-se que os gêneros estão inseridos em nosso cotidiano e alguns deles compõem a nossa história, crenças, valores e tradições, muitas vezes influenciando em atitudes e modos de pensar. Pode-se dizer que eles se articulam ao exposto, visto que apresentam elementos compostos por conhecimentos, impressões e saberes que permeiam vários outros conhecimentos, impressões e saberes carregados de sentido, que são parte de nosso legado (OLIVEIRA, 2006).

Ao considerar que as infinitas possibilidades proporcionadas pela compreensão dos gêneros textuais podem auxiliar no ensino da leitura e produção de texto, percebe-se que se torna significativo e carregado de sentido para o educando entender a sociedade em sua dinâmica por meio do funcionamento dos gêneros. Este trabalho pretende identificar semelhanças e aproximações, proporcionadas pela intertextualidade, existentes entre os textos analisados, e cuja análise serve de aporte para a proposta da unidade didática. Essa intertextualidade pode indicar características do modo de vida, das dificuldades, dos costumes, da linguagem e variações locais, além de sugerir lacunas intertextuais a serem procuradas em textos oficiais, livros, artigos científicos ou materiais didáticos.

Para esta pesquisa, também foram selecionados dois textos produzidos por Borsati e Cucchi (2004), ex-alunas da escola local, constantes no livro *Contos e causos do Ouro Verde* (2004). Por isso, considera-se um resgate da própria história da escola, uma vez que as produções selecionadas contribuem no sentido de trazer um viés da tradição oral da comunidade, pois são transcrições baseadas em depoimentos de familiares ou vizinhos.

Como resultado desta investigação, elaborou-se uma unidade didática que considera as relações intertextuais e interdiscursivas presentes nos gêneros textuais em questão, de forma a apontar a importância deles para o ensino e ainda demonstrar o quão importante e eficaz é o reconhecimento e a valorização da cultura local.

Na unidade didática, foram preparadas atividades distintas, organizadas de tal forma que fossem de fácil compreensão para o professor, para aplicação em sua prática docente. Assim, optou-se pelos gêneros *causo* e *conto* em uma abordagem voltada para uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental.

Na unidade didática, recorreu-se à análise de relações intertextuais presentes nos contos e causos de autoria nacional, além de especial atenção aos textos produzidos pelos ex-alunos em 2004, que, conforme mencionado, apresentam características similares aos gêneros conto e causo. Por isso, optou-se por designá-los como “exemplos embrionários”, visto que, em nossa verificação, observou-se a ausência de alguns elementos que caracterizam tais gêneros, embora a coletânea leve o título anteriormente exposto.

Quanto à elaboração do livro *Contos e Causos do Ouro Verde*, esclarecemos que se trata de uma produção realizada no ano de 2004, como conclusão de um projeto do Sesquicentenário do Paraná, o qual teve como intuito um resgate da história da comunidade Ouro Verde. Ao analisar o livro, percebem-se relações intertextuais construídas, provavelmente, devido ao contexto e ao direcionamento dado para a elaboração dos textos; além disso, nota-se que as produções presentes nessa obra mantêm uma linguagem com expressões próprias da localidade.

No que se refere à intertextualidade, procurou-se exemplificar seu conceito, a fim de torná-lo mais acessível ao discente; por isso, utilizaram-se anúncios publicitários, ditados populares e imagens, enfim, elementos pertencentes ao cotidiano de nosso público-alvo, nos quais a intertextualidade ficasse evidente.

Devido à situação pandêmica, tal estudo ocorreu de maneira propositiva, de forma a considerar as referências teóricas. Essa perspectiva corresponde ao perfil de pesquisa qualitativa e interpretativista, que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2008), tem como intuito buscar e compreender fenômenos, tendo a instituição escolar como local privilegiado para a realização de tal abordagem.

Portanto, a elaboração de uma unidade didática sobre o ensino da intertextualidade nos textos presentes na unidade constitui o objetivo geral desta pesquisa. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se estabelecer um levantamento teórico sobre a estrutura do causo e do conto; verificar o conceito da intertextualidade, considerando características viáveis para um sétimo ano; analisar os elementos intertextuais e interdiscursivos presentes nos gêneros abordados e organizar a unidade didática com base na pesquisa realizada.

Assim, esta dissertação está organizada em quatro seções, que se subdividem, dispostas, após a introdução, da seguinte forma: A primeira seção apresenta uma noção sobre os conceitos de texto e gênero textual, segundo as análises de Koch (1991; 2003) e Marcuschi (2007; 2008). Na subseção um, estão presentes definições,

classificações e características pertencentes aos gêneros *causo* e *conto*, pautados, principalmente, nos estudos de Coelho (2000; 2008), Moisés (2006), Oliveira (2006), Pontes (2006), Batista (2007) e Cascudo (2018).

Na segunda seção, *Sobre a intertextualidade como fator de textualidade*, apresenta-se o conceito de intertextualidade com base em Koch (1991; 2003), em que se buscou relacionar elementos intertextuais aos gêneros em questão e explorar os tipos de intertextualidade.

Na sequência, está a terceira seção, relativa à metodologia utilizada neste trabalho, detalhes sobre o lócus da pesquisa e a *Descrição da proposta de ensino da intertextualidade: unidade didática*, a qual apresenta de forma detalhada a unidade didática intitulada *A abordagem da intertextualidade voltada para o sétimo ano*, subdividida em duas subseções que descrevem o passo a passo para aplicação em sala de aula. Além disso, a subseção *3.3 Comentários finais ao professor* apresenta observações que esclarecem ao professor certas informações.

Na quarta seção, *Unidade didática: a abordagem da intertextualidade voltada para o sétimo ano*, está a versão da unidade pronta para impressão, com orientações ao professor, explicações breves sobre os principais conceitos utilizados, número de aulas necessárias, conteúdos contemplados e objetivos da unidade.

Reitera-se que a unidade didática foi dividida em quatro momentos, com o intuito de otimizar o trabalho docente. Apresentou-se a sugestão de doze horas-aulas, com o objetivo de explorar a Análise Linguística, Escrita, Semiótica, Leitura e Oralidade, de acordo com o que é proposto pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Como objetos de conhecimento¹, têm-se o *Conto e suas características*, *Causo e suas características*, *Contação de Causos e Intertextualidade*.

Por fim, estão as considerações finais, em que constam as expectativas em relação à pesquisa e aos resultados esperados para este estudo, que foi realizado em caráter propositivo.

¹ De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), os conteúdos passam a ser chamados de objetos de conhecimento.

1 SOBRE TEXTO E GÊNERO: ENFOQUE NO CONTO E NO CAUSO

Para a realização deste estudo, recorreu-se a conceitos como texto, gênero, contos e causos, bem como ao conceito de intertextualidade e suas respectivas classificações. Para tal, foram consideradas abordagens teóricas, em especial, de Koch (1991; 2003) e Marcuschi (2007; 2008).

1.1 SOBRE A NOÇÃO DE TEXTO E DE GÊNERO TEXTUAL

Segundo Marcuschi (2008), a definição de texto passou por transformações, sendo vista e tratada distintamente, dependendo da abordagem teórica. Para o pesquisador, “o texto é uma (re)construção do mundo e não uma refração ou reflexo” (MARCUSCHI, 2008, p. 72), definido como um fato que acontece dentro de um contexto comunicativo.

Com os avanços nos estudos linguísticos e diferentes abordagens teóricas, Koch (2003) observa que

[...] o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social (KOCH, 2003, p. 26).

Dessa forma, o texto pode ser compreendido como um processo de interação, no qual ocorre uma troca de conhecimentos, indo além de uma mera sequência de informações. O texto é repleto de sentidos, que causam diferentes percepções e desperta nos leitores distintas reflexões.

Esse direcionamento leva a noção de texto para, pelo menos, duas direções que regem pesquisas no âmbito da Linguística Textual. Praticamente, há a tendência de considerar o texto em sentido amplo e sentido restrito. No primeiro caso, Koch (1984) explica que se trata de qualquer manifestação por meio de sinais de um código, um poema, um romance, em uma pintura, em um filme, ou seja, pode ser um sistema de signos verbais e não-verbais.

Em sentido restrito, o discurso é manifestado, linguisticamente, por meio de textos. Segundo Fávero (2005), o texto consiste, então, em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo, independentemente de sua extensão.

Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos fatores de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade.

Além disso, o texto escrito pode ser considerado uma organização interna, pelo fato de não haver possibilidade de reajustes e relação entre os interlocutores para cada evento particular da enunciação. Seria o caso de considerar o texto como uma estruturação interna de mensagens ou expressões de várias sentenças fixadas pela escrita (KOCH,1984).

De acordo com os estudos de Koch (1984), é preciso reconhecer a continuidade de sentido, uma vez que a coerência e coesão é que são responsáveis pela tessitura do texto.

É relevante atentar para o fato de que a compreensão que o leitor terá de um texto está condicionada aos outros textos que este traz consigo. Para Koch (2003), trata-se de “conteúdos de consciência” que são ativados durante a leitura. Assim, a compreensão do que seja um texto depende do reconhecimento de que um texto se realiza por meio de determinado gênero textual, e seus sentidos ficam praticamente atrelados à circulação social que envolve tal gênero.

O indivíduo, ao ter contato com um texto, provavelmente, fará conexões com outros textos guardados em sua memória. Desse modo, entende-se que a noção de texto depende da forma como o leitor pode assumir sua perspectiva de análise. A fim de contextualizar tal explicação, apresenta-se a figura a seguir:

Figura 1 – Turma da Mônica - Espelho, espelho meu



Fonte: Sousa (1999)

Quanto à noção de texto em sentido restrito, é possível perceber que a Figura 1 retrata uma tirinha que comporta signos no plano da ilustração e no plano verbal.

Tanto um plano quanto outro exigem uma leitura que acione outros textos, o que é dado pelo produtor do texto como uma das condições de leitura.

Se for considerado o texto em sentido mais amplo, é possível acionar mais especificamente a noção de discurso, de diálogo, e as categorias mais fixas, internas ao próprio texto, podem ser redimensionadas, e perguntas como *quem produziu o texto, por que, como o gênero circulou, em que veículo*, podem trazer a análise do texto para outro patamar, e o texto passa a ser visto como um mediador entre o produtor e o leitor.

Na tirinha anterior, o texto em sentido amplo seria a questão de um gênero (Conto de Fadas: Branca de Neve) estar inserido no gênero tirinha. Seria restrito, se considerarmos que os personagens são reveladores de ironia. A Mônica, juntamente com o seu fiel Sansão, representam intimidação (igualmente, talvez, à Madrasta da Branca de Neve); o Espelho representa o intimidado, o que lembra os personagens Cebolinha e Cascão, aparentemente submissos à Mônica. O Espelho, porém, poderia se livrar de possíveis consequências, uma vez que a Mônica não perguntou se “havia alguém mais bonita no mundo do que eu”.

Como a expressão “no mundo” foi omitida, a Mônica poderia ter um trunfo para uma resposta positiva do Espelho (que não pode mentir). Mas o Espelho não se furta de demonstrar que entendeu a jogada da Mônica e responde “Nesta tira, não”. Aqui está o tom irônico da tira. Portanto, podemos considerar que há intertexto de gênero (sentido amplo), de características de determinados personagens (sentido estrito) e quebra de expectativa (o Espelho mantém suas verdades e a Mônica não consegue se impor).

Ao abordar os gêneros textuais, Marcuschi (2007) afirma:

[...] os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2007, p. 19).

Apesar de sua dinamicidade e maleabilidade, estão relacionados ao contexto, período e situacionalidade em que ocorrem. Também é pertinente mencionar que seu domínio denota poder e controle social, uma vez que são definidos por Marcuschi

(2007) como “artefatos culturais” que vêm sendo construídos pelo homem com o passar do tempo.

Ao longo dos anos, os gêneros expandiram-se, foram modificados, adaptados ou até criados, enquanto outros caíram em desuso; todavia, sua infinidade é incontestável. A partir do século XIII, o avanço da industrialização e da tecnologia propiciaram o surgimento de novos gêneros e maneiras de comunicação, sejam elas orais ou escritas (MARCUSCHI, 2007).

Marcuschi (2007) assevera que, devido ao amparo proporcionado por veículos de comunicação, como jornais, internet, rádio, revistas e televisão, é possível abrigar novos e distintos gêneros, pautados em outros já existentes. Como exemplos, citam-se e-mail, bate-papos virtuais, mensagens de texto, blogs, memes, vlogs, aulas on-line, evidenciando o que Bakhtin (2006) denominou de processo de “transmutação”, no qual um gênero sofre adaptações, originando outros. Assim, a designação de um gênero implica fatores históricos e sociais.

Para Marcuschi (2008), os gêneros não devem ser vistos como estruturas fechadas, mas como entidades dinâmicas, detentoras de poder e controle social, sendo parte da sociedade e não simples elementos. O pesquisador afirma que gêneros são entidades complexas, variáveis, dinâmicas, interligadas a comunidades discursivas, sociais e históricas, o que torna mais complicado classificá-los.

1.2 OS GÊNEROS CAUSO E CONTO

Os gêneros textuais fazem parte do nosso cotidiano e estão presentes em grande parte de nossos atos comunicativos, sejam eles gestos, olhares ou tons de fala. Marcuschi (2008, p. 156) afirma que eles “têm uma identidade e são entidades poderosas, limitando nossa ação na escrita e nos condicionando a escolhas predeterminadas”. Neste trabalho, o foco será dado ao estudo do conto e do causo, e, para tal, faz-se necessária uma contextualização desses gêneros.

1.2.1 O causo

De acordo com Pontes (2006), o ato de contar histórias corresponde a um costume antigo dos povos, das mais diferentes culturas, e equivale a uma maneira de perpetuar a tradição, os valores e a história da humanidade. Desde a pré-história, o

ser humano vem contando sua trajetória, inicialmente com a pintura rupestre, o que nos permitiu conhecer sobre seu modo de vida e, mais tarde, deixando-nos escritos e símbolos que foram evoluindo, assim como a humanidade, até chegar aos tempos atuais.

Toda comunidade possui uma cultura e costumes próprios que são repassados geração após geração, transmitidos pelos pais e avós aos filhos e netos, e assim sucessivamente. Em sua maioria, as histórias são contadas oralmente, preservando também a variedade lexical da comunidade. A essas narrativas populares, dá-se o nome de causo.

Para Pontes (2006),

Os textos que atualizam o gênero causo oral são manifestações populares, que continuam fazendo parte da vida daqueles que se reúnem para, através dos chamados causos, trocar experiências. Em outros termos, pode-se dizer que os causos têm a função de resgatar narrativas cotidianas passadas e transportá-las para um universo atual, pois, assim, mantêm viva a cultura de suas comunidades (PONTES, 2006, p. 25).

Para a autora, os contadores de causo são vistos como pessoas sábias e geralmente desempenham um papel notório na comunidade. Com as transformações ocorridas na sociedade, muitas histórias locais e heranças culturais acabaram sendo deixadas de lado, por isso, uma retomada desse gênero, resgatando a história da comunidade/escola, faz-se de grande valia.

Para refletirmos sobre esse gênero, tomemos como base o estudo realizado por Oliveira (2006). Nele, o autor concluiu que o causo equivale a um gênero próprio, dotado de características e estruturas particulares, que contribuíram para a constituição de quatro categorias dentro do gênero: lúdica, crítica, revide e aterrorizante. Segundo esse autor, a lúdica está relacionada ao humor; a crítica, ao sarcasmo; o revide, à vingança; e a aterrorizante, ao medo.

Para Oliveira (2006), o causo articula-se com outras manifestações, tais como cultura, artesanato, culinária, crenças e danças, e está mais presente nas esferas do modo de vida rural, associado a aspectos culturais, morais e religiosos. Segundo o pesquisador, é possível perceber que, em geral, os contadores são indivíduos conhecidos na comunidade e possuem um vasto conhecimento de mundo, sendo viajantes, professores, líderes ou idosos.

Todavia, não basta apenas o conhecimento. O contador necessita ter o dom da retórica, o poder de cativar seus ouvintes, adaptando-se às distintas histórias que relatar, alternar o tom de voz, a gestualidade, a expressão corporal, incorporar a narrativa e torná-la real ao seu espectador, possibilitando-lhe visualizar a cena (OLIVEIRA, 2006).

Por exemplo, ao contar um caso humorístico, o contador deve utilizar gestos, entonações e expressões condizentes com a temática escolhida, fazendo-o como se tivesse presenciado toda a história.

Já ao retratar um caso de terror, é importante que o contador realize alternâncias em sua narração, evidenciando tons e sons que tornem a narrativa viva, real ao ouvinte, proporcionando-lhe vislumbrar a imagem, experimentando as sensações possíveis. Por exemplo, no caso *A abóbora Ernesta*, que, após ser menosprezada devido ao seu tamanho, muda de aparência, adquire traços mais rudes e assustadores e passa a apavorar as crianças em noites de Halloween, para que a narrativa se torne mais instigante, o contador deve adaptar o tom de voz, o ritmo e, se possível, até a escolha do ambiente.

Outro aspecto relevante corresponde ao fato de que o contador de casos tende a não contar suas narrativas da mesma forma e, ao recontar uma história, provavelmente não o fará igualmente, mas irá crescer, alterar ou omitir detalhes. Assim, pode-se dizer que as narrativas orais apresentam uma atribuição educativa, já que são mecanismos de transmissão de valores, conhecimentos e crenças. Além de representarem o que Cândia (1971) denominou de *modus vivendi*, pois muitas dessas narrativas originaram-se durante festas, encontros religiosos, trabalhos comunitários e até velórios, demonstrando, uma vez mais, a vinculação desse gênero com a trajetória das comunidades.

Quanto à definição dos termos “conto popular” e “caso”, existem divergências entre alguns autores, pois, enquanto uns preferem não os diferenciar, outros os concebem como gêneros com características próprias. Batista (2007) realizou uma interessante pesquisa acerca das particularidades do caso e, de acordo com a autora, esse gênero se caracteriza por apresentar relatos de fatos vividos ou presenciados pelo contador, não sendo, pois, um relato anônimo, já que no caso são apresentadas informações sobre a origem, espaço e tempo, assim como as personagens envolvidas costumam ser conhecidas do contador, o que constitui um retrato da história de uma comunidade ou região.

Outra estratégia utilizada pelos contadores, para atestar a veracidade de sua narrativa, é utilizar expressões que apresentam Deus como testemunha: “juro por Deus que é verdade”, “juro por nosso Senhor”, “Deus sabe” ou ainda, “isso aconteceu mesmo, juro”; de maneira a convencer o ouvinte (BATISTA, 2007).

A referida autora define *causo* como “uma narrativa que se assemelha ao conto pela simplicidade e concisão, com as diferenças já abordadas” (BATISTA, 2007, p. 104). Para a autora, a presença de elementos sobrenaturais no *causo* contribui para cativar o leitor, tendo em vista que, apesar de fatos exagerados suscitarem mais dúvidas quanto à autenticidade da história, deixam o leitor curioso. Ademais, não causa estranheza que um *causo* leve a outros, devido aos aspectos comuns que possam apresentar. Dessa forma, frequentemente, a contação de histórias constitui uma conversação extensa, com alternância de contadores e temas.

Conforme exposto por Batista (2007), são vários os temas que podem ser abordados nos *causos*, tais como: histórias envolvendo o sobrenatural, onças, situações cômicas, trágicas, caçadas, pescadores viajantes, invasões, enfim, elementos condicionados à realidade da comunidade. Por exemplo, no *lócus* desta pesquisa, os elementos mais comuns são histórias da formação da comunidade, de assombrações, onças, bolas de fogo, lobisomens e bruxas, dentre os quais foram selecionados aqueles relacionados à formação da escola e da comunidade.

Diante do exposto e com base nas pesquisas realizadas por Oliveira (2006) e Batista (2007), percebe-se que o gênero *causo*, apesar de todas as transformações da sociedade, ainda permanece vivo e merece destaque na instituição escolar, principalmente em comunidades interioranas, nas quais o hábito é mantido e consiste em uma forma de preservação cultural da localidade.

1.2.2 O conto

Ao aprofundar o estudo desse gênero, percebem-se várias teorias sobre sua história e também sobre sua definição. O conto corresponde a um gênero antigo, primeiramente transmitido na modalidade oral e que, conforme a passagem dos séculos e a evolução da humanidade, passou a ser vinculado na forma escrita, sofrendo adaptações (MOISÉS, 2006).

De acordo com Moisés (2006), é difícil precisar a história do conto; mas, dadas as informações até então coletadas, pode-se dizer que equivale a “um precursor das manifestações literárias”.

Dentre algumas das teorias que tentam elucidar seu princípio, Moisés (2006) menciona a dos irmãos Wilhelm e Jacob Grimm. Segundo ela, tal narrativa teria surgido dos mitos arianos que circulavam na Índia na era pré-histórica. Há, também, a teoria de Vladimir Propp (2010), o qual afirma que, no conto maravilhoso, é possível observar sinais que remontam aos modos de produção e aos clãs. Para o referido autor, por serem consideradas insatisfatórias, tais teorias vêm sendo substituídas por uma visão mais flexível, de que a gênese do gênero teria suas raízes em costumes distintos.

Segundo Moisés (2006), existem também apontamentos de que o surgimento remonta ao período antes de Cristo, citando a desavença entre Caim e Abel, e outras narrativas pertencentes à Bíblia, como a parábola do filho pródigo, a ressurreição de Lázaro e a história de Salomé, como os primeiros exemplos desse gênero.

Para Moisés (2006), Histórias como a *Odisséia* ([VII a IX a.C.] 2014), de Homero, *As Fábulas de Esopo* ([VI a.C.] 2013), as narrativas de Sherazade, em *As mil e uma noites* ([IX] 2017), *Ali Babá e os Quarenta Ladrões* ([IX] 2017), também teriam colaborado para a construção/definição do conto.

Pelo que se pôde perceber, nos estudos feitos por Moisés (2006), o conto sofreu transformações, acompanhando a evolução da humanidade, alcançando seu período de ascensão na Idade Média, com autores como Chaucer, com *Canterbury Tales* (XIV), Boccaccio, Margarida de Navarra e também Cervantes, Perrault e La Fontaine (MOISÉS, 2006).

Depois de um período “esquecido”, novamente, no século XIX, o gênero vive um período de grandiosidade e, segundo Moisés (2006), após a segunda metade do século, divide o cenário literário com o romance, com o aparecimento de mais autores de prestígio, o que colaborou para o desenvolvimento do gênero².

Moisés (2006) afirma:

² Dentre os autores de renome, citam-se os franceses Balzac, Flaubert e Maupassant, o inglês Edgar Allan Poe, o russo Tchecov e, no Brasil, Machado de Assis. Conforme Moisés (2006), no século seguinte, o gênero atinge seu ápice como forma erudita. Nesse período, em nossa literatura, figuram nomes como: Monteiro Lobato, Alcântara Machado, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Dalton Trevisan, Moacyr Scliar, entre outros.

[...] o conto é, provavelmente, a mais flexível das formas literárias. Entretanto, em que pese às contínuas metamorfoses, não raro espelhando mudanças de ordem cultural, ele se manteve estruturalmente uno, essencialmente idêntico, seja como “forma simples”, seja como “forma artística”. Doutra modo, nem se poderia falar em conto, se estamos dispostos a atribuir ao vocábulo um sentido próprio e, tanto quanto possível, consistente (MOISÉS, 2006, p. 36).

Percebe-se que, em suma, o conto manteve sua essência, apesar das mais variadas histórias e mudanças adjacentes, provavelmente, o que contribuiu para a sua consolidação literária.

1.2.2.1 Elementos constitutivos do conto

Em síntese, o gênero textual conto é caracterizado por apresentar poucos personagens, situação inicial, conflito, clímax e desfecho. Sendo considerado uma tipologia narrativa curta, trata-se de um gênero sempre presente nos conteúdos escolares e livros didáticos (MOISÉS, 2006).

Diante disso, importantes autores apresentaram sua definição de conto, como Machado de Assis (1873), que o definiu como “gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade”.

Cortázar (2006) também o caracterizou como um conceito de difícil definição, observando os aspectos múltiplos e antagônicos. Segundo o escritor argentino, para que um conto seja significativo, ele deve ultrapassar os limites da história que conta, suscitar ao leitor crenças, valores que propiciem perceber a riqueza cultural que há no texto lido.

Já para Bosi (1995), mesmo tratando-se de uma narrativa curta, o conto corresponde a um gênero intenso e se assemelha, em certos aspectos, ao romance e à novela. Também apresenta uma variedade de temas, sendo fácil agradar a um considerável número de leitores.

Para o modernista Mário de Andrade (1972, p. 5), o gênero corresponde “àquilo que seu autor batizou com o nome de conto”, considerando uma questão difícil de responder, dada a amplitude que essa narrativa abrange, mostrando que não há uma receita pronta para produzir um conto, apesar de existirem elementos presentes nesse

tipo de narrativa que colaboram para considerá-lo pertencente a essa modalidade, dentre as quais, Moisés³ (2006) aponta as seguintes:

- o espaço da narrativa é reduzido, restringindo-se, por vezes, a um cômodo, casa, rua ou estabelecimento;
- geralmente apresenta apenas um conflito, em torno do qual a história deve ser desenvolvida;
- costuma apresentar poucos personagens, os quais estão, em geral, relacionados ao conflito existente;
- apresenta uma situação inicial, equivalente à apresentação dos personagens de maior relevância na história;
- apresenta um desfecho, o que atribui ao texto um sentido completo (início, meio e fim), impossibilitando a continuidade da narração como outra característica do gênero;
- a narrativa desenrola-se no passado.

Nesse tipo de produção, não é incomum que os personagens sejam designados apenas como “homem, mulher, menina, jovem”, embora ao leitor seja permitido conhecer particularidades destes, sem ao menos saber seus nomes. Nas palavras de Moisés (2006, p. 48), “o conto monta-se, portanto, à volta de uma só ideia ou imagem da vida, desprezando os acessórios e, via de regra, considerando as personagens apenas como instrumentos da ação”.

Apesar de apresentar outros fatos “adjacentes” no enredo, a fim de entreter o leitor e postergar o clímax, tais relances costumam ser breves e retomar em seguida o foco da narrativa, mostrando que todo o resto circunda o núcleo, neste caso, o conflito. Além disso, Cortázar (2006) assevera que, devido à sua complexidade, isso pode explicar “porque há tão poucos contos verdadeiramente grandes” (CORTÁZAR, 2006, p. 151).

Outro fator relevante é quanto ao narrador, que, por vezes, coloca-se como alguém que presenciou a história ou ficou sabendo por outrem, remetendo-nos ao ditado “quem conta um conto, aumenta um ponto⁴”.

³ Os elementos aqui apresentados correspondem a uma síntese presente na obra de Moisés (2006, p. 37-72).

⁴ Conhecido ditado popular, refere-se ao fato de que sempre que alguém conta uma história, acrescenta, modifica ou omite informações.

O enredo, no conto, é elaborado às claras, parecido com alguma situação cotidiana na qual ocorre um estopim, até que o conflito exploda, tendo como uma de suas cartadas prender o leitor até o desfecho (MOISÉS, 2006).

Quanto ao foco narrativo, pode ser relatado pela personagem principal ou secundária, por um narrador onisciente ou observador. Moisés (2006) menciona que, quanto ao foco narrativo, em todos há vantagens e desvantagens, pois, dependendo da escolha do autor, isso pode tanto contribuir para o desenvolvimento da história como limitá-lo. Assim, nenhum seria perfeito, cabendo ao escritor optar por aquele que mais se ajustar ao seu enredo, e uma escolha equivocada pode prejudicar a construção de uma boa narrativa. Para o autor, utilizar a primeira pessoa apresenta mais vantagens, posto que isso garante ao texto maior verossimilhança, de forma a aproximar leitor e personagem.

Por exemplo, o conto popular *A cumbuca de ouro e os marimbondos* (presente na unidade didática) corresponde a uma narrativa breve, na qual, para se referir aos protagonistas, o narrador utiliza “o rico e o pobre”, não atribuindo nome aos personagens. Quanto à estrutura, percebe-se a existência da situação inicial: “Havia dois homens, um rico e outro pobre, que gostavam de fazer peças um ao outro”; do conflito decorrente do mais humilde ir pedir um pedaço de terra ao compadre e, ao chegar lá, ver uma cumbuca de ouro. O momento em que o rico retorna furioso, vai até a residência do pobre e atira a casa de marimbondos pela janela equivale ao clímax. Em seguida, vem o desfecho vantajoso para o compadre pobre, as moedas de ouro. Ao analisar essa narrativa, observa-se a presença de elementos característicos do gênero conto.

1.2.2.2 Classificações do conto

Como assevera Moisés (2006), dependendo da temática, da forma estrutural e dos recursos utilizados, o conto pode ser agrupado em categorias. O mesmo autor, porém, deixa claro que não apenas uma característica é responsável por classificar a narrativa, mas o conjunto delas. Segundo ele, “não existem contos puros; toda narrativa breve apresenta múltiplas facetas” (MOISÉS, 2006, p. 73), e haverá aquela que prevalecerá perante as demais.

Quanto a essa categorização do conto, é pertinente mencionar que existem divergências entre os estudiosos e também há teorias distintas. A classificação foi

elaborada por Carl H. Grabo, um dos primeiros a estudar tal gênero, cuja teoria é aceita até hoje (MOISÉS, 2006).

Moisés⁵ (2006) explica que Grabo dividiu o conto em cinco tipos, conforme descrito a seguir:

- Conto de ação: constitui a forma mais usual desde a época das histórias de Sherazade. Trata-se de uma narrativa linear, voltada ao lúdico, de forma a instigar o leitor;
- Conto de personagem: nele, o protagonista é a figura essencial, consistindo no objetivo maior do contista, no qual o autor tece toda a trama, sendo habitual a escolha de um narrador onisciente;
- Conto de cenário ou atmosfera: não é muito frequente e, nele, o espaço é enfatizado, de forma a representar o mais importante na história;
- Conto de ideia: nessa narrativa, o autor busca realizar um apanhado de suas impressões acerca dos envolvidos no enredo. Temos o conto machadiano *O Alienista* (1882) como exemplo dessa categoria;
- Conto de emoção: como o nome já diz, tudo é voltado para causar emoção no leitor, podendo conter elementos de suspense e terror, como nos contos de Poe. Esse “despertar emocional” pode representar surpresa, medo, curiosidade, enfim, diferentes sensações no leitor.

Provavelmente, as divisões do gênero em questão e as discordâncias dos estudiosos podem ter contribuído para as evoluções ocorridas com o conto, até chegar ao que foi denominado “conto moderno”, em parte devido aos aportes teóricos de Poe e Tchecov (MOISÉS, 2006).

1.2.2.3 O conto moderno

Com o decorrer do tempo, o conto sofreu modificações em alguns de seus aspectos, como na forma de narrar, embora sua estrutura tenha permanecido. Gotlib (2006) afirma:

O que caracteriza o conto é o seu movimento enquanto uma narrativa através dos tempos. O que houve na sua “história” foi uma mudança de técnica, não uma mudança de estrutura: o conto permanece, pois,

⁵ Os tipos aqui apresentados são uma síntese do que consta em Moisés (2006, p. 74-80), pautado nos estudos de Carl H. Grabo.

com a mesma estrutura do conto antigo; o que muda é a sua técnica. Esta é a proposta, discutível, de A.L. Bader (1945), que se baseia na evolução do modo tradicional para o modo moderno de narrar. Segundo o modo tradicional, a ação e o conflito passam pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final. Segundo o modo moderno de narrar, a narrativa desmonta este esquema e fragmenta-se numa estrutura invertebrada (GOTLIB, 2006, p. 17).

No último século, o gênero ganhou mais adeptos, o que culminou com suas transformações no aspecto narrativo. Alguns autores, como Tchecov, iniciaram modificações em algumas partes do conto, como eliminar o epílogo e o prólogo, agregando-os à narrativa e não mais separando-os do restante dela. Tais mudanças ocasionaram discrepâncias de opinião entre os autores, mas as ideias inovadoras do escritor russo colaboraram para a definição do conto moderno.

Segundo Moisés (2006), Tchecov, com essa nova maneira de escrever, pretendia envolver o leitor imediatamente, ao considerar que o conto constitui um gênero breve. Outra transformação percebida seria o desenlace aberto, no qual nem sempre os conflitos acabam resolvidos; ao contrário, em algumas narrativas, o desfecho fica em aberto, o que permite ao leitor tirar suas conclusões (MOISÉS, 2006).

Com ideias distintas das de Tchecov, Edgar Allan Poe também figura como um dos precursores da versão moderna do conto. Para o autor americano, manter partes como o epílogo eram cruciais para o sucesso da narrativa, de forma a envolver o leitor e prendê-lo até o final.

1.2.2.4 O conto popular

Dentre as produções selecionadas para este estudo, algumas correspondem a histórias populares, por isso, uma breve definição desse termo faz-se relevante. Pode-se dizer que o termo “contos populares” surgiu da junção de outras narrativas, como mitos, lendas, fábulas, histórias relatadas oralmente, e que mais tarde foram adaptadas para a escrita, apresentando versões variadas.

Com as descobertas feitas pela humanidade no âmbito científico e arqueológico, constataram-se, também, fatos relacionados às histórias populares. Todas essas revelações, segundo Coelho (2008), estimularam a realização de pesquisas sobre as narrativas populares pelos continentes europeu e americano, o

que nos deixou, como herança, inúmeros contos, fábulas e lendas que, embora pertencentes a povos diferentes, possuem aspectos comuns.

Conforme citado anteriormente nesta pesquisa, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm são os organizadores mais conhecidos dessas histórias, as quais conhecemos como contos maravilhosos, de fadas ou populares (MOISÉS, 2006).

Não podemos deixar de mencionar o folclorista e historiador brasileiro Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), um dos autores responsáveis por nos deixar um grande legado quanto ao estudo do folclore e da cultura popular. Para ele, “o conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos” (CASCUDO, 2018, p. 14).

O autor partilha da ideia de que tais narrativas correspondem ao primeiro contato que temos com o intelectual, fazendo menção aos sonhos, heróis, mistos de amor e ódio vivenciados devido às histórias infantis. Outro aspecto relevante, lembrado pelo estudioso, é que os elementos das narrativas populares que mais sofrem alterações são o início e o fim, além do fato de que tais narrativas são também responsáveis por transmitir aspectos ideológicos presentes na sociedade.

No prefácio de sua obra *Contos Tradicionais do Brasil*, Cascudo (2018) compara o conto a

[...] um vértice de ângulo dessa memória e dessa imaginação. A memória conserva os traços gerais, esquematizadores, o arcabouço do edifício. A imaginação modifica, ampliando pela assimilação, enxertias ou abandonos de pormenores, certos aspectos da narrativa (CASCUDO, 2018, p. 14).

Partindo desse ideal, Cascudo (2018) considera que existem quatro características relacionadas ao conto popular: antiguidade, anonimato, divulgação e persistência. Para ele, um conto deve ser velho na memória do povo, manter o anonimato quanto à sua autoria, transmitir conhecimentos e persistir quanto ao seu repertório oral. Não são necessários locais, nomes próprios ou datas específicas; importa a essência da história e os saberes que transmite.

Cascudo (2018) fala da relevância representada pelos símbolos nos contos, detalhes que relatam todo o contexto histórico de um povo. Por exemplo, a alusão às

donzelas⁶, as únicas na antiguidade que podiam usar suas madeixas soltas, simbolizando a liberdade; e, pela cabeça da mulher, era possível reconhecer seu estado civil. Outro exemplo é que são raros os contos que mencionam armas de fogo; em geral, tratam de espadas, cavalos, carruagens e reclusão feminina (CASCUDO, 2018).

Em sua obra, Cascudo (2018) agrupa os contos populares em doze subgêneros, de acordo com os motivos na narrativa, com base na classificação Aarne-Thompson⁷:

- Contos de encantamento: representam elementos mágicos e sobrenaturais;
- Contos de exemplo: apresentam um modelo a ser seguido, com morais;
- Contos de animais: correspondem às narrativas de animais, as fábulas;
- Facécias: histórias engraçadas, como piadas e anedotas;
- Contos religiosos: constituem estórias de intervenção divina;
- Contos etiológicos: aqueles que procuram justificar aspectos, propriedades ou caráter de algum ser;
- Demônio logrado: narrativa com a intervenção do demônio, que geralmente é derrotado;
- Contos de adivinhação: o herói é submetido a decifrar um enigma, para que alcance seus objetivos;
- Natureza denunciante: o crime é revelado por elementos da narrativa, como pedras, flores, frutas e animais;
- Contos acumulativos: apresenta episódios articulados de maneira sucessiva;
- Ciclo da morte: Narrativas em que o diabo é derrotado, a morte é vencedora e o ser humano, utilizando artimanhas, tenta enganá-los;
- Tradição: apresenta elementos que se mantêm persistentes em narrativas tradicionais.

Nos textos a serem explorados nesta pesquisa de mestrado, buscou-se apresentar aspectos comuns ao conto popular. Assim, faz-se pertinente tratar sobre outro elemento fundamental da narrativa: o personagem, com a incumbência de prender o leitor ao texto, ou afastá-lo dele. Segundo os estudos de Coelho (2000), ao

⁶ Vocábulo utilizado na Idade Média para designar moças solteiras.

⁷ Sistema de classificação do gênero conto, elaborado por Antti Aarne (1910), traduzido e ampliado por Stith Thompson duas vezes (1928/1961).

criar a personagem, o autor da narrativa costuma ter como base seres reais ou elaborados conforme as referências que possui.

Em sua obra, Coelho (2000) considera três tipos de personagens:

- Personagem-tipo: mais usuais em contos populares, correspondendo a reis, princesas, servos, seres mágicos;
- Personagem-caráter: é mais complicada, já que equivale a modos e padrões morais, nos quais suas atitudes denotam seu caráter;
- Personagem-individualidade: comum na ficção contemporânea, difícil de ser “rotulada”, profunda e questionadora.

Dessas personagens, as que costumam estar presentes em contos populares são a personagem-tipo e a personagem-caráter, lembrando que a categoria à qual a personagem pertence, de certa forma, determinará a função que exerce na narrativa.

Já o russo Vladimir Propp (2010) concluiu, em seus estudos, que, apesar de existirem muitas personagens, as funções por elas desempenhadas não são tantas assim. Em sua pesquisa, Propp (2010) determinou trinta e uma funções que restringem a ação das personagens, concluindo que é possível transportar os elementos constituintes de um conto para outro sem problema.

Para exemplificar, vejamos a situação inicial, em que um membro da família sai de casa, ou o protagonista depara-se com a privação de algo, a qual ele dá um jeito de transgredir, e então surgiria o vilão da narrativa, que busca formas de superar o protagonista, livrar-se dele e prejudicá-lo. O herói percebe isso mais tarde e tenta reagir; algo mágico acontece, o herói vence e há um final satisfatório (PROPP, 2010).

O autor concluiu, então, que as ocorrências descritas anteriormente são idênticas nos contos populares, principalmente os maravilhosos. Conforme mencionado, a presença de seres mágicos ou elementos sobrenaturais também se faz presente, como bruxas, duendes, fantasmas, assombrações e animais com atitudes humanizadas.

Observemos, por exemplo, narrativas como *Cinderela*, em que a antagonista é representada pela figura da madrasta má, enquanto o príncipe costuma ser considerado o protetor/salvador da indefesa princesa. Outra figura comum em contos populares é o menino inocente/danado que engana um pobre sacerdote ou alguém mais velho. Temos também o conto de exemplo, no qual a personagem é gananciosa e acaba sendo punida por isso, perdendo o que tinha de mais valioso, aprendendo

uma lição; ou, ainda, a figura das fadas, que distribuem dádivas para seres inocentes e puros, a fim de amenizar o mal possível.

2 SOBRE A INTERTEXTUALIDADE COMO FATOR DE TEXTUALIDADE

Koch (1991) observa que, na década de 1960, a linguista Kristeva comparou o texto a um “mosaico de citações” que se constitui de vários outros textos. Dessa forma, pode-se afirmar que um texto está repleto de outros, por isso o termo *intertextualidade*.

Em seus estudos sobre a intertextualidade, Koch (1991) trata de diferenciá-la em dois sentidos: amplo e restrito. O primeiro sugere que o processo discursivo ocorre sempre sobre outro processo, sem um início determinado, na instância do menos perceptível, mais vinculado ao gênero textual, estilo do autor ou mesmo ao tema.

Com base nos estudos de Verón (1980), Koch (2003) menciona que é preciso considerar três dimensões sobre o princípio de intertextualidade:

[...] em primeiro lugar, as operações produtoras de sentido são sempre intertextuais no interior de um certo universo discursivo (por exemplo, o cinema); em segundo lugar, o princípio da intertextualidade é também válido entre universos discursivos diferentes (por exemplo, cinema e televisão); em terceiro lugar, no processo de produção de um discurso, há uma relação intertextual com outros discursos relativamente autônomos que, embora funcionando como momentos ou etapas da produção, não aparecem na superfície do discurso ‘produzido’ ou ‘terminado’ (KOCH, 2003, p. 60).

Ao considerar as dimensões supracitadas, verifica-se que a leitura suscita enunciados que estão guardados na memória, reavivados quando o leitor entra em contato com um novo texto. Reitera-se que tais enunciados nem sempre estão relacionados a um texto-fonte, mas a um conjunto deles.

Para complementar a definição sobre intertextualidade em sentido amplo, mencionam-se, também, os estudos realizados por Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), no qual as pesquisadoras asseveram que, mesmo a intertextualidade podendo apresentar-se de duas maneiras, tal ocorrência não é excludente, ou seja, é possível que, dentro de um texto, ocorram as duas formas intertextuais. Para essas autoras, é importante “compreender que o texto não se resume a um produto material, mas a um processo comunicativo complexo” (CAVALCANTE; FÁRIA; CARVALHO, 2017, p. 12), sobre o qual diversos fatores podem exercer influência, a depender do contexto, dos processos interacionais, do cognitivo e das questões socioculturais.

Um exemplo desse processo em sentido amplo são textos que procuram imitar o estilo de alguns gêneros com intuito humorístico ou crítico. Cavalcante, Faria e

Carvalho (2017) citam a imitação do estilo jurídico, neste caso, a criação de uma lei que assegure a proteção do homem vítima de maus-tratos, a lei “Zé da Penha”, na qual aparece o seguinte enunciado: “Nº 9.486, de 2014: Quando uma mulher diz ‘chegar em casa a gente conversa’ fica caracterizado o crime de Ameaça – Pena: reclusão de 3 anos”. Tal transcrição nos leva a recordar textos da esfera jurídica e a Lei Maria da Penha, aprovada em 2006, a qual ampara os direitos de mulheres vítimas de violência e abusos domésticos.

Outro caso em que há intertextualidade em sentido amplo seria o anúncio de uma empresa de eletrodomésticos, famosa nos anos 1990, cujo slogan era “Não é assim uma Brastemp”, na qual se infere a superioridade da marca perante outras. Esse slogan originou diferentes intertextos relativos à qualidade de outras marcas de eletrodomésticos ou mesmo a qualidade de roupas, calçados, alimentos.

Como é possível observar, nos exemplos a seguir, a intertextualidade é um fenômeno presente em todos os textos, e perceptível a depender do conhecimento partilhado requisitado.

Figura 2 – Frank & Ernest - Contos de fadas atualizados



Fonte: Thaves (2007)

Figura 3 – Cascão e os três porquinhos



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6285

Fonte: Sousa (1999)

Nas tirinhas⁸ anteriores, observa-se um processo de intertextualidade com um clássico da literatura infantil popularizado por Joseph Jacobs⁹, *Os três porquinhos* (século XVIII). Nessa narrativa, os três irmãos decidem construir suas casas. O primeiro porquinho era muito preguiçoso, por isso, construiu sua casa de palha, terminando-a rapidamente. O segundo irmão optou por fazê-la em madeira e o terceiro porquinho, mais dedicado, decidiu construí-la de tijolos, pois assim seria mais segura, apesar de mais trabalhosa (JACOBS, 2022).

Não demorou muito para que um faminto lobo aparecesse para devorar os porquinhos. A primeira vítima foi o morador da casa de palha, a mais frágil, que foi derrubada facilmente pela fera. Desesperado, o porquinho correu para a casa de seu segundo irmão para pedir ajuda, mas, rapidamente, o lobo põe abaixo a casa de madeira. Desesperados, os dois porquinhos correm até a casa do irmão mais dedicado, o qual construiu a casa mais resistente. Juntos, os três conseguem arquitetar um plano para derrotar o lobo mau e a história tem um final feliz.

Após a leitura da Figura 2, uma tirinha publicada no Jornal *O Estado de São Paulo*, em 26 de novembro de 2007, de autoria de Bob Thaves, intitulada *Contos de fadas atualizados*, temos a presença de elementos intertextuais que nos remetem à conhecida história dos *Três porquinhos*, com uma visão atual, em que o lobo mau apresenta aos porquinhos uma ordem de despejo, mostrando uma nova visão da história, condizente com a atualidade, o que demonstra que o lobo também evoluiu.

⁸ A tirinha pertence a um agrupamento do gênero quadrinhos, caracteriza-se pela presença do humor, textos curtos, recursos visuais, linguagem simples, formato retangular e no máximo três quadrinhos (RAMOS, 2009).

⁹ Joseph Jacobs (1854-1916), australiano, antropólogo e pesquisador, dedicou-se, dentre outras atividades, ao estudo do folclore. Realizou a coleta de contos voltados para o público infantil.

Observa-se que essa tirinha apresenta um novo texto, apesar de preservar elementos do texto-fonte: os três porquinhos, o lobo e a casa de tijolos; também ocorre a adição de novos personagens, como os duendes, os quais são responsáveis pela única fala presente na tirinha. Outra novidade é em relação ao novo gênero (tirinha), e à expressão de deboche e satisfação expressa pelo lobo, que, dessa vez, não enfrentará as “adversidades” vividas na narrativa original. Diante dos apontamentos feitos, e com base nas definições de Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), verifica-se que tal intertexto apresenta características e finalidade que o aproximam da *paródia*, que pode causar no leitor processos que denotam a intertextualidade em sentido estrito.

Na Figura 3, temos a tirinha da *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa, de 1999, em que o personagem Cascão aparece “supostamente perdido” na história de Joseph Jacobs, possivelmente por apresentar características afins com os porquinhos. Quem conhece o personagem sabe que o menino não é familiarizado com certos hábitos de higiene, o que, de certa maneira, compara-o ao porco, animal que habita locais sujos, apresenta mau cheiro e possui condições precárias de higiene.

Nessa figura, Cascão ocupa o lugar de um dos porquinhos e foge do lobo. Ao comparar essa tirinha com o texto original, também se percebem semelhanças e diferenças, alteração de personagens, porém, ainda assim, é notável a relação intertextual presente entre os dois textos, trazendo outro exemplo de intertextualidade implícita.

Assevera-se que, para o leitor ser capaz de perceber elementos em comum nos textos, é necessário que ele conheça a versão original do conto *Os três porquinhos*, pois, assim, serão suscitadas lembranças e memórias no processo de leitura de textos que dialoguem entre si, como demonstrado anteriormente.

Quanto ao sentido restrito, Koch (2003, p. 62) define a intertextualidade como “a relação de um texto com outros textos previamente existentes”. Nesse sentido, têm-se os seguintes tipos de intertextualidade: de conteúdo e de forma/conteúdo, explícita/implícita, das semelhanças/das diferenças, com intertexto alheio, próprio ou atribuído a um enunciador genérico, ou ao senso comum e histórias passadas tradicionalmente.

Primeiramente, temos a de “conteúdo X forma/conteúdo”, a qual costuma partilhar temas como versões distintas de uma peça teatral ou uma adaptação

cinematográfica. Esse tipo de relação intertextual também pode ser encontrado em textos jornalísticos, midiáticos e literários de uma mesma escola ou gênero, em uma paródia e em textos de cunho científico (KOCH, 2003).

Por exemplo, em obras da Escola Literária Realista, era comum a abordagem de temas como adultério, matrimônios por interesse, fraqueza humana e preconceitos. Apresenta-se o célebre Machado de Assis, que, tanto em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) quanto em *Dom Casmurro* (1899), aborda questões relacionadas ao adultério, à fraqueza humana, ao preconceito e à decadência burguesa. São, assim, duas obras distintas, porém, com temas afins.

Para complementar a explicação sobre a intertextualidade de “conteúdo X forma/conteúdo”, no quadro a seguir, são apresentadas manchetes publicadas em três sites de notícias distintos durante a mesma semana, os quais remetem aos conflitos ocorridos no Afeganistão em agosto de 2021, constituindo, pois, exemplos desses tipos de processo intertextual.

Quadro 1 – Exemplos de intertextualidade: forma e conteúdo

“O colapso do Afeganistão” (Jornal Gazeta do Povo, 16/08/2021);
“Afeganistão: as imagens que mostram o caos e o desespero dos afegãos após a entrada do Talibã em Cabul” (Portal de Notícias G1, 16/08/2021);
“Cofundador do Talibã chega a Cabul para estabelecer um novo governo afegão” (Notícias Uol, 21/08/2021).
“Afeganistão: um ano após a volta do Talibã, afegãos relatam tortura e desilusão” (G1 Globo, 15/08/22).

Fonte: Jornal Gazeta do Povo (2021), Notícias Uol (2021) e Portal de Notícias G1 (2021; 2022)

A primeira manchete, publicada no Jornal *Gazeta do Povo*, relata a situação vivida pelo Afeganistão devido à retomada do Talibã, grupo extremista islâmico, após as tropas norte-americanas desocuparem a embaixada em Cabul. A segunda matéria, publicada no site Portal de Notícias G1, no mesmo dia, aborda a mesma temática, mostrando a situação caótica da população que tenta desesperadamente deixar o país, ocasionando o caos nos aeroportos. Na última manchete publicada na página de Notícias Uol, na mesma semana, temos a informação da chegada de um dos

líderes do grupo extremista, a fim de estabelecer um novo governo no país. Apesar de serem advindos de três veículos de comunicação distintos, as três manchetes tratam do mesmo assunto (invasão do Talibã no país), denominada, por Koch (1991), de intertextualidade de forma e conteúdo.

É possível verificar a existência de um elemento em comum nos quatro títulos: o conflito ocorrido no Afeganistão. Observe-se que os textos anteriores podem ser considerados na perspectiva de possíveis leitores. Sendo assim, alguém que acompanhe as notícias sobre o conflito ocorrido no Afeganistão poderia perceber que o tema é intertextual, se ele lesse as notícias em jornais diferentes, conforme aponta o quadro anterior.

Percebe-se que, na última manchete, o dia da publicação coincide com o dia do acontecimento de 15 de agosto de 2021 (um ano), isso indica que tal fato tenha gerado a intertextualidade de forma e conteúdo. Além disso, nas demais manchetes presentes no quadro, provavelmente devido à crítica situação do país, o tema foi recorrente em vários meios de comunicação, o que nos leva a considerar o que nos diz Koch (1991) sobre essa categoria intertextual. Inclusive, a busca pelas notícias percorreria a intertextualidade sobre o tema a partir de seu projeto de leitura.

A intertextualidade depende de conhecimento, conhecimento linguístico e conhecimento partilhado. Consideremos o enunciado “*Se Maomé não vai à montanha, a montanha vaia Maomé*”. Nesse caso, há uma modificação no enunciado original, que é compartilhado universalmente, ou seja, “*Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé*.” (provérbio), porém, o sentido é alterado. Nessa situação, verifica-se que a intertextualidade, além de implícita, também corresponde a um intertexto atribuído a um enunciador genérico, ou seja, indeterminado, pertencente à “voz popular”, conhecido pelo povo. Temos, aqui, um caso de *détournement*, que, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012), corresponde à modificação de provérbios e frases feitas por meio da substituição de fonemas, palavras e inversões. Observe-se que a mudança de “vai à” para “vaia” proporciona um novo texto. Enquanto o provérbio original traz um ensinamento de que não devemos nos acomodar diante das situações, mas buscar nossos objetivos e agir, o *détournement* traz uma nova visão, ao utilizar o verbo “vaia”, que expressa o desagrado em relação a algo por meio de gritos ou assobios.

Outro exemplo de intertextualidade implícita é a expressão “*O que os olhos não veem, o facebook conta*”, sentença elaborada a partir do ditado popular “*O que os*

olhos não veem, o coração não sente”. Essa nova versão traz uma crítica ao alcance das redes sociais e ao impacto que pode ocasionar às pessoas, tirando sua privacidade e podendo interferir em suas vidas. Nesse caso, também é necessário que o leitor conheça o texto original para que o processo intertextual seja reavivado.

Em relação à intertextualidade explícita, como o próprio nome já diz, corresponde a informações que estão claras no texto, estando comumente presentes em resenhas, traduções, referências e resumos. Ao passo que, na forma implícita, espera-se que o leitor faça a construção de sentido do texto, como ocorre em contos, paráfrases e algumas paródias (KOCH, 1991). A citação a seguir, extraída de Koch (2003), apresenta um argumento de autoridade, utilizando um processo intertextual explícito:

Começo citando Barthes¹⁰ (1974): “O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis” (KOCH, 2003, p. 59).

Na citação, no fragmento “Começo citando Barthes”, a autora deixa claro seu enunciador, o que contextualiza um exemplo de intertextualidade de forma explícita, pois a autoria do texto-fonte fica evidente para o leitor. Outro caso desse tipo de intertextualidade seria o uso de sentenças conhecidas, proferidas por autores, filósofos ou personagens famosos. Por exemplo, no trecho: “Como disse Brás Cubas: ‘Não tive filhos não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria’”, cita-se o conhecido personagem criado por Machado de Assis, na obra realista *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1881, mais precisamente no último capítulo, em que o personagem finaliza com uma frase marcante, que até hoje é mencionada por muitos.

Ao utilizar essa sentença, fazendo menção ao seu autor, há, pois, o uso de uma citação, que equivale a um caso de intertextualidade explícita.

Há, ainda, a intertextualidade das semelhanças, presente em tipologias argumentativas ou parafraseamentos, e a das diferenças, que pode referir-se ao uso de ironia, como modo de questionar ou contradizer o intertexto. Sobre o quarto tipo,

¹⁰ No excerto, Koch (2003) faz uma referência ao escritor e filósofo francês Barthes, ao mencionar um fragmento da obra do autor, intitulada *Verbetes “Texte”*, *Encyclopedia Universalis*, de 1974.

citam-se, nesse caso, textos que englobam o conjunto de saberes de um povo ou comunidade, sem autoria específica, como os provérbios (KOCH, 1991).

A seguir, são apresentados *slogans* retirados de campanhas publicitárias realizadas pela empresa Hortifruti, em que se observam subversões de produções cinematográficas, remetendo a processos de intertextualidade implícita e de analogia por semelhanças ou diferenças, sendo necessário que o leitor tenha conhecimento do texto-fonte, a fim de que este seja acionado em sua memória discursiva.

Quadro 2 – *Slogans* criados pela empresa Hortifruti: Campanha “Hollywood”¹¹

“E o coentro levou. Um clássico da Hortifruti”.
“O quiabo veste Prada. Ele entrou no seletto mundo da Hortifruti”.
“A era do jiló 4. Quem não for pra Hortifruti vai entrar numa fria”.
“Pepino Maluquinho. O mais levado da Hortifruti”.

Fonte: Hortifruti: Campanha Hollywood (entre 2007 e 2021)

No quadro contendo *slogans* de uma campanha publicitária realizada pela empresa Hortifruti, há como referência nomes de filmes famosos, como o clássico dos anos 40 “E o vento levou”, a comédia dramática estrelada por Anne Hathaway “O diabo veste Prada” em 2006, o filme infantil “A era do gelo 4” de 2012 e, por último, “O Menino Maluquinho”, sucesso de 1995.

A campanha publicitária, intitulada Hollywood, criada em 2007 pela empresa varejista de hortifrutigranjeiros, procura utilizar nomes de produções cinematográficas famosas para criar um vínculo com o cliente, de forma a promover a venda de seus produtos, ao utilizar um caráter subversivo do processo intertextual, o que possibilita ao consumidor fazer associações positivas dos produtos naturais e de qualidade ofertados pela empresa, comparando-os aos prestigiados filmes hollywoodianos.

Na sequência, há exemplos de intertextos relacionados a ditados populares, cuja autoria é desconhecida, pois tratam de itens presentes na memória coletiva de

¹¹ Almeida Junior (2018) também realizou uma pesquisa sobre a Campanha da Hortifruti, porém, voltada para a análise da intertextualidade em anúncios publicitários, o que não é o foco desta dissertação.

um povo ou comunidade e que podem apresentar modificações com o passar do tempo (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012).

Quadro 3 – Exemplos de intertextos inspirados em ditados populares

“Quem não deve, não deve”.
“Quem dá aos pobres, adeus”.
“Quem ri por último é desatento”.

Fonte: Elaboração nossa, com base em ditados populares (2021)

No primeiro exemplo, temos uma menção à expressão “quem não deve, não teme”, a qual foi modificada para “quem não deve, não deve”. Quanto ao segundo, há uma alusão a “quem dá aos pobres, empresta a Deus”. Podemos observar que, nesse processo, há também uma banalização do dito original com uma visão preconceituosa e sarcástica, “quem dá aos pobres, adeus”. Na terceira expressão, baseada na sentença “quem ri por último, ri melhor”, também é possível notar a presença da ironia e do sarcasmo, demonstrando um caráter subversivo.

Vale mencionar dois conceitos presentes no processo intertextual, que apresentam intenções distintas, a *captação* e a *subversão*. Seriam exemplificações com valor de captação, o plágio, no qual o enunciador deseja camuflar a autoria do texto, utilizando artimanhas linguísticas, substituições e apagamentos. Quanto ao caráter subversivo, há letras de músicas, bordões, provérbios, ditados e poemas, em que há a intenção de que ocorra a reativação do texto original na memória do interlocutor. Na subversão, procura-se depreciar o texto original, por meio do sarcasmo e da ironia (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012). A seguir, apresentamos o poema *Canção do Exílio* (1846), de Gonçalves Dias, em que é possível encontrar exemplos tanto de captação quanto de subversão.

Quadro 4 – Exemplos de captação: Canção do Exílio X Hino Nacional X Canção do Expedicionário

<p>Canção do exílio – (Gonçalves Dias)</p> <p>Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá, As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar – sozinho, à noite [...] (DIAS, 1986)</p>	<p>Hino Nacional Brasileiro – (Joaquim Osório Duque Estrada)</p> <p>[...] Do que a terra, mais garrida, Teus risinhos, lindos campos têm mais flores; "Nossos bosques têm mais vida", "Nossa vida" no teu seio "mais amores." [...] (BRASIL, 1971)</p>	<p>Canção do Expedicionário – (Guilherme De Almeida / Spartaco Rossi)</p> <p>[...] Por mais terras que eu percorra Não permita Deus que eu morra Sem que volte para lá Sem que leve por divisa Esse V que simboliza A vitória que virá... (ALMEIDA; ROSSI, 1944)</p>
--	--	--

Fonte: Koch, Bentes e Cavalcante (2012)

Nos exemplos de captação, pode-se perceber que os autores buscam “recriar” o texto-fonte, como ocorre nas produções de Joaquim Osório Duque Estrada e Guilherme de Almeida, ao utilizarem rimas e versos que remetem à Canção do Exílio, sem depreciá-los. Tanto no Hino Nacional quanto na Canção do Expedicionário, pode-se inferir que os autores tiveram a intenção de homenagear o poema original. Dessa forma, entende-se que a captação seria uma maneira de enaltecer a obra de Gonçalves Dias. Veja, na sequência, casos de subversão com o poema em questão.

Quadro 5 – Exemplos de subversão: Canção do Exílio por Trevisan e Mendes.

<p>Canção do Exílio (Dalton Trevisan)</p> <p>Não permita Deus que eu morra Sem que daqui me vá Sem que diga adeus ao pinheiro Onde já não canta o sabiá Morrer é o supremo desfrute Em Curitiba é que não dá [...] (TREVISAN, 2009).</p>	<p>Canção do Exílio (Murilo Mendes)</p> <p>Nossas flores são mais bonitas Nossas frutas são mais gostosas Mas custam cem mil réis a dúzia. Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade E ouvir um sabiá com certidão de idade! (MENDES, 1995, p. 87).</p>
--	---

Fonte: Koch, Bentes e Cavalcante (2012)

Observa-se, nas produções de Dalton Trevisan e Murilo Mendes, o intuito de ironizar, ridicularizar, buscando dar ao texto um teor humorístico e sarcástico, o que caracteriza a subversão. Na versão de Trevisan, o eu lírico roga a Deus para sair de onde está, o sabiá já não canta e o eu poético não quer morrer ali. No poema de Murilo Mendes, percebe-se a valorização de nossas flores e frutas, mas, em seguida, há uma crítica quanto ao preço, observada no verso: “Mas custam cem mil réis a dúzia”. Ademais, o autor exprime a vontade de provar “uma carambola de verdade”, oriunda de sua terra natal, e, por último, expressa o desejo de ouvir o canto de um sabiá com certidão de idade.

Como demonstrado nas exemplificações anteriores, a intertextualidade corresponde a um processo enredado e pode apresentar várias possibilidades correlacionadas. Ante ao exposto, quanto ao processo de intertextualidade abordado neste estudo e considerando que as atividades estão voltadas para uma turma de sétimo ano, optou-se por tratar apenas do termo “intertextualidade”, não apresentando ao aluno as subdivisões deste vocábulo. No entanto, gostaríamos de esclarecer que, nos textos presentes na unidade, percebem-se características que denotam maior ocorrência de intertextualidade em sentido restrito, dentre elas a implícita.

Partindo da definição de Koch (1991, p. 533), “a intertextualidade implícita é aquela na qual o interlocutor precisa recuperá-la para construir o sentido”. Então, pode-se dizer que, nos textos selecionados para esta pesquisa, as fontes explícitas (principalmente de autoria) geram itens lexicais que movimentam a leitura de outros

textos, envolvendo tanto obras do mesmo gênero textual, de escrita de outros autores, quanto dos próprios alunos.

Na visão de Marcuschi (2008), estamos implicados como seres sociais, em uma máquina sociodiscursiva, cujos instrumentos primordiais são os gêneros textuais. A maneira como os utilizamos está relacionada à nossa condição social e ao contexto sócio-histórico, assim como a apropriação do gênero está circundada pela sociedade e pelas vivências culturais do sujeito, afetando diretamente as ações e reações deste ser.

Este estudo pretende propor abordagens neste viés, tratando de temas próximos ao contexto dos sujeitos por meio da abordagem do conto, do caso e dos aspectos da intertextualidade presentes nas produções. Também busca ressignificar a abordagem de tais gêneros, evidenciar a riqueza cultural da comunidade, ao passo que realiza também um resgate histórico de seu surgimento. Ao abordar a intertextualidade nestes textos, será possível perceber os demais discursos, vozes e textos que os constituem.

Koch (2003) afirma:

[...] todo o texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, que alude, ou a que se opõe (KOCH, 2003, p. 59).

Para corroborar o que se vê em Koch (2003), apresenta-se a ideia defendida por Marcuschi (2008, p. 129), de que “nenhum texto se acha isolado e solitário”. Para o autor, a intertextualidade é de grande relevância para que se estabeleçam os tipos e gêneros textuais, assim como para distingui-los ou aproximá-los. Para Marcuschi (2008), o fenômeno da intertextualidade equivale a um princípio constitutivo, o que demonstra que o texto equivale a uma “comunhão de discursos”, que, de certa forma, apresentam interconexões de diversas formas.

Sempre que emite uma mensagem, o falante não o faz sem motivo, por mais simples ou involuntário que possa parecer. No interior dos textos selecionados, há interdiscursos que estão vinculados ao respectivo gênero e, ainda, ao histórico da comunidade, que é pauta no processo criativo, ou seja, a formação do Distrito de Ouro Verde. Dessa forma, pode-se concordar: inconscientemente ou não, o indivíduo tem roteiros, esquematizações, informações privilegiadas, as quais farão parte de sua

textualidade e de seu discurso, pois os discursos, textos e produções são formuladas com base em outros com os quais já teve contato, articulando-os aos saberes prévios (MARCUSCHI, 2008).

Nesta proposta de ensino, ao tratar da intertextualidade, considerou-se relevante esclarecer ao professor alguns conceitos que constituem formas de tal fenômeno. Assim, a seguir, apresenta-se uma subseção destinada, especificamente, a explicar os termos subsequentes.

2.1 ALUSÃO, PARÓDIA, PARÁFRASE E *DÉTOURNEMENT*

Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), pautadas na proposta de Genette (2010) sobre a intertextualidade, observam que a alusão, considerada um tipo de intertexto, pode acontecer tanto em sentido amplo quanto restrito. As pesquisadoras explicam que, em geral, a alusão costuma constituir conexões entre textos de maneira mais implícita, o que exige do leitor uma percepção maior para a criação do sentido, mas que sua ocorrência em sentido amplo também é uma possibilidade.

A alusão ampla, segundo Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), possibilita ao leitor reavivar mais textos-fonte, não somente um. Em geral, os casos desse tipo de alusão ocorrem devido à imitação do gênero ou estilo do autor. Como exemplo de alusão ampla, as autoras citam um meme envolvendo a ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, que, após viralizar na internet, proporcionou o surgimento de outros intertextos alusivos ao caso em questão.

Já na alusão estrita, a referência ocorre sutilmente com indicações e expressões que lembram o texto original. Também pode apresentar mudanças na finalidade do texto ao assumir um tom humorístico ou depreciativo (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017). Na visão das autoras, as categorias do processo intertextual não são estagnadas ou excludentes, ou seja, pode ocorrer um caso de alusão dentro de outra forma de intertextualidade, por exemplo, uma paródia.

Um exemplo de alusão estrita, segundo Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), seria o texto de Jessier Quirino, cujo verso inicial é “Vou-me embora pro passado”, inspirado no famoso poema de Manuel Bandeira “Vou-me embora pra Pasárgada”. Segundo as autoras, aqui temos um caso de alusão dentro de uma paródia, isso com base em critérios não formais de intertextualidade.

Considerou-se relevante tratar sobre paródia, que, segundo Koch (2003), pode apresentar relações de intertextualidade implícita, de semelhanças, de diferenças, possuir caráter de subversão ou captação, conforme mencionado no início desta seção. Ainda sobre o gênero paródia, apresentamos a definição conforme Cavalcante, Faria e Carvalho (2017, p. 17): “transformações que operam desvios de forma e/ou conteúdo, bem como dos propósitos de um texto-fonte, sempre com finalidade humorística, podendo ou não apresentar outras finalidades, como a crítico-depreciativa”.

Diante de tal conceito, Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) defendem que textos de cunho humorístico, satírico e crítico, como novas versões para telas famosas, como: *Monalisa*, de Leonardo da Vinci, e *O grito*, de Edvard Munch, denotam que a intertextualidade está presente em variados gêneros, sejam eles imagéticos ou não.

Outro exemplo de texto que apresenta várias paródias é a fábula *A cigarra e a formiga*, de Esopo. No quadro a seguir, o Texto 1 mostra o texto-fonte *A fábula de Esopo*; já no Texto 2, observa-se um trecho da versão em cordel desta história.

Quadro 6 – Exemplo de paródia

<p>Texto 1: Fábula A cigarra e a formiga</p> <p>A cigarra passou todo o verão cantando, enquanto a formiga juntava seus grãos. Quando chegou o inverno, a cigarra veio à casa da formiga para pedir que lhe desse o que comer.</p> <p>A formiga então perguntou a ela:</p> <p>- E o que é que você fez durante todo o verão?</p> <p>- Durante o verão eu cantei - disse a cigarra.</p> <p>E a formiga respondeu:</p> <p>- Muito bem, pois agora dance!</p> <p>(ROCHA, 2018).</p>	<p>Texto 2: Cordel A cigarra e a formiga [...]</p> <p>Lembra daquela cigarra Que a formiga saudou? Pois, um dia quando a fome Em sua porta chegou Ao se lembrar da amiga Foi pedir pão a formiga Que lhe deu pão, mas falou:</p> <p>- Você amiga cigarra Levou a vida cantando Enquanto tenho vivido Dia e noite trabalhando, Se hoje falta pão aos teus Para mim e para os meus Tem pão na mesa sobrando.</p> <p>Trabalhe e economize, Estude muito e não faça Corpo mole, pois na vida. Só vence quem tiver raça E não se entrete cantando</p>
--	--

	Pra depois ficar chorando Quando o trem da sorte passa. [...] (MONTEIRO, 2012).
--	--

Fonte: Elaboração nossa (2023)

O primeiro texto do Quadro 6 apresenta uma versão das Fábulas de Esopo, elaborada por Ruth Rocha (2018). Já no segundo texto, temos uma versão em cordel da mesma história, escrita pelo poeta Manoel Monteiro (2012). Ao analisar os textos anteriores, é possível verificar uma modificação do conteúdo, da linguagem e do gênero textual, ao apresentar características próprias da produção literária do poeta, entretanto, o novo intertexto remete à obra original, o que constitui, pois, um exemplo de paródia. Além disso, uma das características do cordel é realizar uma crítica por meio de recursos como ironia e sarcasmo; e, ao analisar alguns versos do cordel, como: “E não se entrete cantando/ Pra depois ficar chorando/ Quando o trem da sorte passa”, observa-se certa ironia e um tom crítico-depreciativo, que, segundo Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), são características presentes na paródia¹².

Quanto à paráfrase, Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) a caracterizam como uma reescrita de trechos que apresentam referência ao texto original, considerando-a um recurso significativo e recorrente, que não consiste apenas na modificação de palavras, mas também na existência de um novo sentido ao texto parafraseado. Como asseveram as autoras, parafrasear é algo utilizado como meio argumentativo, a fim de promover maior acessibilidade ao discurso.

Para Sant’Anna (1985), por apresentar cunho didático, a paráfrase é importante na esfera acadêmica, de maneira a otimizar a compreensão do discurso pelo leitor, como uma condensação discursiva. Como exemplo de paráfrase, o autor menciona a reescrita de edições bíblicas, em que se realizam adaptações para uma linguagem mais recente (SANT’ANNA, 1985).

Observe a seguir uma paráfrase elaborada a partir do trecho do *Conto de Mistério*, de Stanislaw Ponte Preta:

¹² Observa-se que podem ser percebidas, no cordel, algumas características que lembrem o *détournement*, pois, conforme Koch, Bentes e Cavalcante (2012), o *détournement* se aproxima da paródia. Mas, neste caso, temos a produção de um cordel completo, enquanto o *détournement* costuma transformar apenas alguns trechos do texto original.

Quadro 7 – Exemplo de paráfrase

<p>Conto de Mistério – Stanislaw Ponte Preta [...]<i>Saiu então sozinho, caminhando rente às paredes do beco. Quando alcançou uma rua mais clara, assoviou para um táxi que passava e mandou tocar a toda pressa para determinado endereço. O motorista obedeceu e, meia hora depois, entrava em casa a berrar para a mulher</i>". [...]</p> <p>Fonte: PONTE PRETA. Stanislaw. Conto de mistério. <i>In: Dois amigos e um chato</i>. 25. ed. São Paulo: Moderna, 1986. p. 65-66.</p>	<p>Paráfrase produzida pela autora</p> <p>Após caminhar só, próximo às paredes da ruela, finalmente chegou a uma rua mais iluminada, chamou um táxi e saiu rapidamente dali. Trinta minutos depois, chegou em casa gritando pela mulher.</p>
---	--

Fonte: Elaboração nossa (2023)

Na paráfrase produzida, verifica-se o uso de termos mais acessíveis ao leitor, de forma a facilitar a compreensão do texto, em consonância com o que asseveram Koch, Bentes e Cavalcante (2012), que a paráfrase tem o objetivo de condensar o texto, com a finalidade de reforçá-lo.

Em relação ao *détournement*, Grésillon e Maingueneau (1984) o definem como a elaboração de uma sentença inspirada em provérbios, mas que acaba por formar um novo enunciado, por meio de recursos sonoros, que remetem ao provérbio original. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012), na maioria dos casos, o *détournement* apresenta um caráter de subversão, com a finalidade de contrariar ou ridicularizar o texto original, denotando, assim, exemplos de intertextualidade implícita. Segundo as autoras, existem vários tipos de *détournement*: aquele formado a partir de provérbios, frases feitas, títulos de filmes e de textos literários, passagens bíblicas, *slogans*, canções, fábulas e hinos.

Para a construção de *détournement*, costuma-se utilizar a troca de fonemas, por exemplo, no intertexto de Luís Fernando Veríssimo “Penso, logo hesito”, no qual o autor realiza alterações fonéticas em relação ao provérbio “Penso, logo existo”, de autoria do filósofo francês René Descartes. Outra possibilidade para tal construção seria a substituição ou acréscimo de palavras, recursos como a negação, omissão ou inversão de vocábulos.

Outro exemplo seria a sentença “Quem vê cara, não vê coração”, a qual possui intertextos como “Quem vê close, não vê corre”, enunciado utilizado atualmente para

referir-se ao trabalho dos criadores de conteúdo digital, atividade que pode parecer, para muitos, algo fácil, mas que também requer esforços, como qualquer outra atividade laboral. No exemplo, utiliza-se o estrangeirismo *close*, que significa, nesse caso, uma foto ou imagem aproximada; como se diz, “um close”.

Neste trabalho, consideramos que a intertextualidade restrita pode servir para ser aplicada de forma mais exemplificativa. Por isso, aceitamos essa definição do que seja a intertextualidade como categoria a ser ensinada e como mecanismo de reconhecimento por parte do aluno. Também esclarecemos que, dentre as categorias intertextuais a serem exploradas, estão a intertextualidade de conteúdo x forma/conteúdo, temática, das semelhanças e diferenças e atribuída a um enunciador genérico.

Em relação às atividades presentes na unidade, gostaríamos de esclarecer que optamos por incorporar à unidade a abordagem intertextual por meio de alusões, *détournement*, paráfrases e paródias, envolvendo as produções escritas constantes no trabalho, haja vista que a proposta é direcionada a um sétimo ano. Por isso, sugerimos, na unidade, alguns exemplos que denotam o fenômeno da intertextualidade. Achamos por bem, não incluir questões referentes a citação e plágio, já que, nas produções em pauta, a construção de paráfrases, paródias e alusões possui maiores conexões com a temática dos textos propostos.

3 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE ENSINO DA INTERTEXTUALIDADE: UNIDADE DIDÁTICA

Nesta pesquisa, verificamos a intertextualidade em causos e contos acessíveis na internet e ainda consideramos produções que compõem o livro *Contos e Causos do Ouro Verde* (2004), produzido pelo corpo docente da Escola Estadual do Campo Dom Pedro I, localizada no Sudoeste do Paraná. Entendemos que os textos representam um verdadeiro resgate da história da comunidade Ouro Verde, localizada no pequeno município de São João. Para a análise, realizou-se a revisão de literatura com base, principalmente, nos estudos teóricos de Koch (1991; 2003) e Marcuschi (2007; 2008).

3.1 METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativista de caráter propositivo, a qual utiliza a pesquisa bibliográfica, tendo como fonte de pesquisa livros, artigos, teses, dissertações e documentos educacionais, tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular do Paraná.

Para Gil (2008), a análise documental apresenta certas vantagens, como o conhecimento do passado e dos processos de transformação social e cultural. Dessa forma, a análise e síntese seguem sondagem documental, tendo em vista que se prevê o estudo de produções realizadas por sujeitos que foram alunos dessa escola, e cujas produções escritas foram organizadas sob forma de livro.

A realização desta pesquisa foi guiada por momentos de pré-análise, exploração do material e posterior estudo dos textos pela pesquisadora, para então elaborar a unidade didática, na qual abordam-se os gêneros causo e conto, bem como a presença da intertextualidade nas duas produções selecionadas. Para tratar dos textos presentes na obra *Contos e causos do Ouro Verde* (2004), escolheu-se uma fotografia da escola, com a finalidade de mostrar a curiosidade dos alunos, de tal forma que o próprio prédio escolar possa levar à intertextualidade. Também consideramos a construção de alusões, paráfrases e paródia, visto que, além de representarem formas intertextuais, facilitam o entendimento do aluno, o que, de fato, contribuiu para a escolha do tema.

No que se refere à abordagem qualitativa, segue-se, principalmente, Bortoni-Ricardo (2008), para quem esse tipo de pesquisa busca a compreensão e interpretação de fenômenos pertencentes a determinado contexto. De acordo com a autora,

Na área da pesquisa educacional, o paradigma positivista, de natureza quantitativa, sempre teve maior prestígio, acompanhando o que ocorria nas ciências sociais em geral. No entanto, as escolas, e especialmente as salas de aula, provaram ser espaços privilegiados para a condução de pesquisa qualitativa, que se constrói com base no interpretativismo (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32).

Assim, o que caracteriza uma pesquisa qualitativa interpretativista é a explicação dos eventos sociais pertencentes a determinado contexto que gerou a produção dos textos que estão sob análise nesta pesquisa.

Bortoni-Ricardo (2008) afirma que o intuito desse tipo de análise é estudar detalhadamente determinada situação e compará-la a outras. No caso deste estudo, conforme já mencionado, a proposta é a elaboração de uma unidade didática que trata sobre o caso, o conto e aspectos da intertextualidade presentes nesses textos, voltada para alunos de 7º ano.

Na pesquisa interpretativista, a análise documental também é um procedimento adotado, no qual os documentos analisados – no caso desta pesquisa – são textos já produzidos por ex-alunas e publicados em um livro com produções de estudantes no ano de 2004, documentos relacionados à formação da instituição escolar, fotos, dentre outros – constituem fontes importantes e que embasarão todo o estudo.

Esta pesquisa, de caráter propositivo, tem como objetivo a produção de uma unidade didática que foi elaborada pensando sobre a realidade das escolas do campo, em especial, a escola localizada no distrito de Ouro Verde, município de São João-PR, a qual motiva uma expectativa cultural que pode ser de grande relevância para o ensino.

A escola atende, em sua maioria, a alunos residentes no local, localidades vicinais e residentes em fazendas da região, contando também com alunos da sede. O prédio é formado por duas escolas: a Escola Municipal São Pedro, com alunos da Educação Infantil e Fundamental anos iniciais, e a Escola Estadual do Campo Dom Pedro I, com Ensino Fundamental de 6º a 9º ano. O período vespertino é destinado às aulas da Matriz Curricular, e o matutino, às atividades destinadas aos alunos com

dificuldades de aprendizagem, aulas de espanhol e treinamento esportivo. A turma escolhida para o desenvolvimento da proposta é um 7º ano, por contemplar os conteúdos que se pretende explorar nesta unidade.

A decisão de explorar os gêneros *causo e conto* deve-se ao fato de constituírem conteúdos importantes na esfera escolar, já que tais narrativas podem suscitar, no leitor, a reflexão sobre assuntos triviais e recorrentes, como a inquietude do primeiro dia de aula, uma situação cômica ou uma conversa com um amigo. No caso das produções presentes no livro *Contos e causos do Ouro Verde* (2004), escritas por Borsati e Cucchi (2004), observa-se que remontam ao surgimento da comunidade, seus primeiros moradores, crenças, costumes e valores da época, os quais foram relatados por residentes locais, pessoas mais velhas e que repassaram toda essa riqueza cultural que originou a produção feita por alunos de 5ª a 8ª série no ano de 2004 (atualmente equivalentes ao 6º ao 9º ano, em decorrência da modificação da Lei 11.274/2006¹³, que homologou o Ensino Fundamental de 9 anos).

De acordo com os estudos realizados por Pontes (2006), contos e causos constituem gêneros que expressam a tradição dos indivíduos e de suas comunidades, sendo responsáveis pela disseminação de valores e crenças desde muito tempo. Por isso, o estudo desses gêneros não considera apenas sua estrutura, elementos composicionais ou os efeitos de sentido que provocam, mas também os processos intertextuais e interdiscursivos que os constituem, o que reforça a relevância desta proposta de ensino.

¹³ Essa Lei, sancionada em 2006, pelo Presidente da República, autorizava um prazo de quatro anos (até 2010) para que todos os municípios e estados se adequassem ao Ensino Fundamental de nove anos.

3.2 DESCRIÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA

Primeiramente, reitera-se que a decisão de trazer para a unidade didática o estudo do conto e do causo deve-se, além, é claro, da importância de proporcionar ao estudante o contato com textos literários e autores distintos, linguagem e temática variadas, ao fato de demonstrar que é expressivo valorizar também as produções locais, vislumbrar nelas processos intertextuais implícitos, que aludem a outras histórias contadas por outrem, em diferentes contextos e épocas.

Em decorrência disso, propõe-se iniciar a aplicação em sala de aula com o gênero conto, em primeiro lugar, com um conto popular, de autoria desconhecida, e duas obras de diferentes autores, linguagens e estilos: Stanislaw Ponte Preta, com sua escrita única, capaz de causar na imaginação do leitor várias possibilidades, deixá-lo mais intrigado a cada parágrafo e trazer desfechos totalmente inusitados; e João Anzanello Carrascoza, em que é tratado um tema presente na realidade de muitas crianças, o primeiro dia de aula. Por meio desses contos, intenciona-se expor ao aluno os elementos presentes nesse gênero textual.

Na sequência, apresenta-se o causo, gênero ligado, principalmente, à modalidade oral, com maior incidência de linguagem informal. Os autores selecionados foram Antônio Henrique Weitzel, cuja narração apresenta elementos relacionados ao sobrenatural, de caráter humorístico; e um causo de assombração e figuras folclóricas, que preserva a modalidade oral típica do interior, contada pela Equipe Xico da Kafua. Observa-se que, nas atividades propostas para os dois gêneros, foram incluídos exercícios que podem instigar o aluno a realizar a associação de tais textos com outros textos, com temáticas que se relacionam, o que deve ser considerado uma tentativa inicial para tratar explicitamente sobre o fenômeno da intertextualidade.

A partir do terceiro momento, propõe-se a análise das duas produções escritas pelas ex-alunas Borsati e Cucchi (2004), e que se optou por definir como “exemplos embrionários dos gêneros conto e causo”, pois as produções em questão apresentam características presentes nos dois gêneros, embora não se possa afirmar, taxativamente, que haja total equivalência entre eles. Por isso, com relação a estes últimos, é preciso considerar que se trata de produção escolar, e é nesse sentido que o rigor da classificação, ou em conto ou em gênero, pode não ser a questão mais

importante. E é por isso mesmo que entendemos tratar-se de produções escolares, também.

Convém lembrar que essas produções são resultado de um projeto da escola, o que culminou com a elaboração de um livro, produzido informalmente, e que, pelo perfil geral dos textos, e devido à temática, o título *Contos e causos do Ouro Verde* orienta a considerar a estrutura da narrativa como a definidora do título de gênero sugerido no título.

Os dois textos sob análise contemplam dois instantes para a produção escrita. Primeiramente, há um resgate sobre a história da Comunidade Ouro Verde, em que a escola localiza-se, e, nos textos, observa-se que as autoras Borsati e Cucchi (2004) relatam costumes, crenças e fatos relacionados à história da comunidade.

Em seguida, no quarto momento, expõe-se o conceito de intertextualidade, no qual são descritos exemplos para o aluno e atividades que relacionem as produções em foco, haja vista que traços das histórias, se comparadas, denotam elementos intertextuais e interdiscursivos que permitem estabelecer uma relação entre textos, motivo de sua seleção. Além disso, sugerem-se exercícios referentes às formas de intertextualidade plausíveis de aplicabilidade no 7º ano, conforme explicitado na subseção anterior.

Caso o professor prefira, pode atribuir à turma parte das atividades como tarefas a serem realizadas em casa, pois, assim, haverá mais carga horária para aulas a serem utilizadas para a aplicação da unidade. Apenas, sugere-se que seja realizada a correção das respectivas atividades em sala. Na sequência, apresenta-se o planejamento das aulas, os objetivos e a organização detalhada desta proposta de ensino.

3.2.1 Planejamento das aulas

Título: A abordagem da intertextualidade voltada para o sétimo ano.

Ano/série: 7º ano - Ensino Fundamental

Número de aulas previstas: 12 aulas de 50 minutos

Práticas de linguagem: Análise Linguística, Leitura, Oralidade e Produção (escrita e multissemiótica).

Objetos de conhecimento: Apreender o sentido geral dos textos, Escuta, Estratégias de leitura, Relação entre textos.

Conteúdos: Contos e suas características; Causos e suas características; Contação de causos; Intertextualidade.

Objetivos da Unidade:

- Explorar contos e causos de fácil circulação na internet;
- Analisar o papel da intertextualidade em duas produções que compõem o livro *Contos e Causos do Ouro Verde*, relacionando-os com outros textos;
- Comparar os elementos intertextuais e interdiscursivos que permeiam os textos analisados por meio de itens lexicais;
- Aplicar o conceito de intertextualidade em sala de aula, buscando contemplar as produções escritas por alunos.

3.2.2 Momentos da unidade didática

Iniciamos, conforme descrito a seguir, com a sugestão de uma conversa com os estudantes sobre os conhecimentos prévios da turma sobre o gênero, para, em seguida, realizar a leitura do conto popular “A cubuca de ouro e os marimbondos”. Além disso, segundo o Planejamento de Língua Portuguesa (documento no qual consta a lista de conteúdos distribuídos por trimestre), proposto pela Secretaria de Estado da Educação e do Esporte (SEED), propõe-se, primeiramente, o trabalho com o gênero conto. Veremos, a seguir, o primeiro momento desta unidade didática.

1º MOMENTO: O CONTO (3 aulas)

Sugere-se a realização de questionamentos referentes ao conto, com isso, pretende-se identificar os conhecimentos que os alunos já possuem sobre o assunto. Se preferir, o professor pode agregar mais perguntas.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de questionamentos possíveis:

1. O que vocês entendem por “conto”?
2. Quando falamos em “contos populares”, o que isso significa?
3. Vocês recordam de narrativas que sejam exemplos disso?

A seguir, propõe-se a leitura de um conhecido conto popular, “A cubuca de ouro e os marimbondos”, de autoria desconhecida. Sugere-se, ao professor, explicar à turma que, nesses contos, por se tratar de narrativas que são contadas e

recontadas, é comum haver controvérsia quanto à sua autoria, assim como versões atribuídas a mais autores, ou, ainda, com a informação que corresponde a criação desconhecida.

A CUMBUCA DE OURO E OS MARIMBONDOS

Havia dois homens, um rico e outro pobre, que gostavam de pregar peças um ao outro. Foi o compadre pobre à casa do rico pedir um pedaço de terra para fazer uma roça. O rico, para fazer peça ao outro, lhe deu a pior terra que tinha. Logo que o pobre teve o sim, foi para a casa dizer à mulher, e foram ambos ver o terreno.

Chegando lá nas matas, o marido viu uma **cumbuca** de ouro, e, como era em terras do compadre rico, o pobre não a quis levar para a casa, e foi dizer ao outro que em suas matas havia aquela riqueza. O rico ficou logo todo agitado, e não quis que o compadre trabalhasse mais nas suas terras. Quando o pobre se retirou, o outro largou-se com a sua mulher para as matas a ver a grande riqueza.

Chegando lá, o que achou foi uma grande casa de **marimbondos**; meteu-a numa mochila e tomou o caminho do mocambo do pobre, e logo que o avistou foi gritando: “Ó compadre, fecha as portas, e deixa somente uma banda da janela aberta!”

O compadre assim fez, e o rico, chegando perto da janela, atirou a casa de marimbondos dentro da casa do amigo, e gritou: “Fecha a janela, compadre!” Mas os marimbondos bateram no chão, transformaram-se em moedas de ouro, e o pobre chamou a mulher e os filhos para as ajuntar.

O ricaço gritava então: “Ó compadre, abra a porta!” Ao que o outro respondia: “Deixe-me, que os marimbondos estão-me matando!” E assim ficou o pobre rico, e o rico ridículo.

Glossário:

Cumbuca: *um tipo de vaso ou tigela com uma abertura utilizado para carregar alimentos ou líquidos.*

Marimbondo: *um tipo de vespa.*

Autoria desconhecida

Fonte: Conto Popular (2007)

Após a leitura do conto popular, o professor deve esclarecer que existem características comuns nas narrativas, responsáveis pela classificação da obra como gênero textual conto.

Recomenda-se explicar ao aluno sobre os elementos constitutivos do gênero conto: personagem, tempo, espaço, narrador e enredo. Com a finalidade de facilitar o entendimento por parte do aluno, recomenda-se o uso das seguintes definições:¹⁴

¹⁴ Os itens descritos como elementos do conto são baseados nos estudos realizados acerca desse gênero pelo professor e pesquisador Massaud Moisés (2006), em sua obra *A criação literária*.

1. **Personagem:** Seres envolvidos na narrativa, que praticam ou sofrem a ação.
2. **Tempo:** Período em que aconteceu ou duração.
3. **Espaço:** Local em que a história ocorreu.
4. **Narrador:** Aquele que conta a história, mas nem sempre participa dela.
5. **Enredo:** A sequência de acontecimentos.

Também é importante explicar que, quanto à estrutura, o conto costuma apresentar as seguintes acepções:

6. **Situação inicial:** Apresentação da história, personagens, tempo e espaço.
7. **Conflito:** O problema que irá nortear todo o texto.
8. **Clímax:** Momento que causa tensão na narrativa.
9. **Desfecho:** Corresponde ao final da história, em que se costuma apresentar a solução do conflito.

O professor pode realizar, junto com a classe, a identificação dos elementos e da estrutura do conto “A cumbuca de ouro e os marimbondos”, segundo consta no quadro a seguir:

Tais atividades podem ser feitas no quadro, junto com a turma.

1. Vamos identificar, no conto “A cumbuca de ouro e os marimbondos”, os elementos constitutivos do gênero conto. **Sugestões:**

- a. Personagens: **o pobre, a esposa e os filhos, e o ricoço.**
- b. Tempo: **passado, não está explícito o tempo exato.**
- c. Espaço: **na casa de ambos e na mata.**
- d. Narrador: **narrador observador – foco narrativo em 3ª pessoa.**
- e. Enredo: **Havia dois compadres, um rico e outro pobre. Após o pobre pedir um pedaço de terra para trabalhar, começam os problemas, pois, lá, encontrou uma cumbuca de ouro, mas, como a terra pertencia ao amigo, decidiu voltar e contar a ele sobre a cumbuca. Então, o rico o expulsou e partiu para a mata em busca da tal cumbuca.**

Para sua frustração, lá encontrou apenas uma casa de marimbondos. Enfurecido, resolveu vingar-se do compadre e atirou-a dentro da casa do pobre. Porém, ao caírem no chão, os marimbondos se transformaram em moedas de ouro. Com isso, o pobre ficou rico, enquanto o rico fez papel de idiota.

2. Agora, vamos identificar, no conto lido: **Sugestões:**

- a. Situação inicial: **Dois compadres que gostavam de pregar peças um no outro.**

- b. Conflito: **Quando o pobre vê a suposta cumbuca de ouro e volta para contar a novidade.**
- c. Clímax: **Quando o rico joga a casa de marimbondos dentro da casa do pobre.**
- d. Desfecho: **O sujeito pobre ficou rico, pois os marimbondos jogados pela janela transformaram-se em moedas de ouro.**

Concluída a atividade anterior, é momento de apresentar a segunda leitura: o “Conto de mistério”, de Stanislaw Ponte Preta. O professor, antes de entregar a cópia impressa para o aluno, pode realizar uma leitura dramatizada, incentivar os estudantes a fecharem os olhos e imaginarem a história. Pode alternar o tom de voz, de forma a criar expectativa no ouvinte e aumentar o suspense.

Para explorar novamente os elementos do conto, sugere-se, ao professor, perguntar aos alunos sobre o que eles pensam que acontecerá, o que há no pacote, o porquê de tanto mistério. Enfim, procure tornar a leitura intrigante.

Como mencionado no início da seção, esse contista possui um estilo discursivo detalhista, que contribui para prender o leitor, aguçando a curiosidade pelo final da história. Vamos à leitura do conto.

CONTO DE MISTÉRIO

Com a gola do paletó levantada e a aba do chapéu abaixada, caminhando pelos cantos escuros, era quase impossível qualquer pessoa que cruzasse com ele ver seu rosto. No local combinado, parou e fez o sinal que tinham já estipulado à maneira de senha. Parou debaixo do poste, acendeu o cigarro e soltou a fumaça em três baforadas compassadas. Imediatamente um sujeito mal-encarado, que se encontrava no café em frente, ajeitou a gravata e cuspiu de banda.

Era aquele. Atravessou cautelosamente a rua, entrou no café e pediu um guaraná. O outro sorriu e se aproximou: “Siga-me!” – foi a ordem dada com voz **cava**. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num **beco** úmido e mal iluminado e ele – a uma distância de uns dez a doze passos – entrou também.

Ali parecia não haver ninguém. O silêncio era **sepulcral**. Mas o homem que ia na frente olhou em volta, certificou-se de que não havia ninguém de tocaia e bateu numa janela. Logo uma dobradiça gemeu e a porta abriu-se discretamente.

Entraram os dois e deram numa sala pequena e enfumaçada onde, no centro, via-se uma mesa cheia de pequenos pacotes. Por trás dela um sujeito de barba crescida, roupas humildes e ar de pobre trabalhador parecia ter medo do que ia fazer. Não hesitou – porém – quando o homem que entrara na frente apontou para o que entrara em seguida e disse: “É este”.

O que estava por trás da mesa pegou um dos pacotes e entregou ao que falara. Este passou o pacote para o outro e perguntou se trouxera o dinheiro. [...]

Saiu então sozinho, caminhando **rente** às paredes do beco. Quando alcançou uma rua mais clara, assoviou para um taxi que passava e mandou tocar a

toda pressa para determinado endereço. O motorista obedeceu e, meia hora depois, entrava em casa a berrar para a mulher:

-- Julieta! Ó Julieta... consegui.

A mulher veio lá de dentro enxugando as mãos em um avental, a sorrir de felicidade. O marido colocou o pacote sobre a mesa, num ar **triunfal**. Ela abriu o pacote e verificou que o marido conseguira mesmo, depois de tanto esforço e economia, comprar aquilo que eles não viam há tanto tempo naquele barraco. Ali estava: um quilo de feijão.

Glossário:

Cava: *de som rouco*

Beco: *rua sem saída e estreita*

Sepulcral: *sinistro, assustador*

Rente: *próximo*

Triunfal: *vitorioso, comemorativo.*

Fonte: PONTE PRETA, Stanislaw. Conto de mistério. *In: Dois amigos e um chato*. 25. ed. São Paulo: Moderna, 1986. p. 65-66.

Essa narrativa inicia com um tom misterioso, um sujeito com ar suspeito, camuflando o rosto, andando por vielas escuras e que, em determinado local, antes combinado, encontra um indivíduo ainda mais suspeito.

A maneira como o autor descreve o passo a passo da narrativa colabora para aumentar as expectativas do leitor. O que está para acontecer? Será um crime? Uma briga? Enquanto avança na leitura, o leitor fica mais curioso para saber o que está por vir.

Então, os dois sujeitos entram em um beco, um atrás do outro, tentando manter a discrição. O primeiro bate em uma janela e uma porta se abre. Lá, adentram os dois, encontrando um terceiro homem, humilde, roupas simples, barba, parecendo assustado e sentado atrás de uma mesa cheia de misteriosos pacotes.

O protagonista pega um dos pacotes, paga em dinheiro e sai furtivamente do local. Pega um táxi, assim que possível, e volta para casa. Ao chegar, chama a esposa Julieta para lhe contar que conseguiu.

De algum cômodo da casa, aparece a esposa, toda sorridente. Os dois se olham, com ar triunfal. Ela, então, abre o pacote, que fora conseguido depois de muito esforço e economia, algo raro de se ver no barraco em que viviam. E, enfim, o conteúdo do misterioso embrulho é revelado: um quilo de feijão.

E, assim, encerra-se o conto. Trata-se de uma história curta, com linguagem simples, mas com elementos que contribuem para deixar o leitor intrigado, afoito por descobrir o desfecho da história, bem como o conteúdo do pacote.

Após a leitura, é interessante que o professor estabeleça um diálogo com a turma sobre as impressões causadas por esse conto, deixe os alunos expressarem suas opiniões. Além disso, no quadro a seguir, apresentamos questões para responder no caderno e que podem ser utilizadas para a compreensão do conto.

Compreendendo o texto

1. Quem são os personagens dessa história? **O homem, o sujeito mal-encarado, Julieta (a esposa) e o sujeito de barba.**
2. Após ler o primeiro parágrafo, o que você pensou que iria acontecer? **Resposta pessoal. Espera-se que o aluno exponha suas expectativas, seria um crime, um assalto, possivelmente algo ilegal.**
3. Sobre a expressão: “*Siga-me! – foi a ordem dada com voz **cavernosa**. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num **beco** úmido e mal iluminado e ele*”. O que você achou que fosse acontecer? **Resposta pessoal. O estudante pode pensar que iriam tratar de um assunto particular, algo suspeito ou ilícito.**
4. O conto que você leu apresenta elementos de mistério. Cite alguns fatos ou expressões que demonstram isso. **Os locais onde acontecem os fatos, a escuridão, o vocabulário utilizado (sepulcral, cavernoso, beco), a preocupação de não ser descoberto.**
5. Quanto ao pacote, o que você achou que havia nele? **Resposta pessoal.**
6. Levante hipóteses: Por que tanta cautela e discrição para a compra do conteúdo do pacote? **Provavelmente por se tratar de algo escasso, de alto valor.**
7. Afinal, qual é o desfecho dessa história? O que você achou dele? **Resposta pessoal.**
8. O conto realiza uma crítica. Qual seria essa crítica? **A crítica refere-se à alta dos preços dos alimentos, tornando um quilo de feijão, prato típico da família brasileira, um artigo de luxo, privilégio de poucos, uma raridade.**

Esperamos que o professor leve o aluno a refletir não apenas sobre os elementos do gênero conto, mas também sobre a mensagem que esse texto apresenta, sobre a alta dos preços. A crítica social está presente no fato de um alimento comum no dia a dia do brasileiro tornar-se privilégio de poucos, devido ao seu custo, chegando ao ponto de ser comercializado de maneira oculta, como se fosse algo ilícito, perigoso ou proibido. É importante comentar com a turma o contexto de produção dessa obra, o período ditatorial, ocorrido no ano de 1964, pois uma das

características das obras de Stanislaw é o uso do sarcasmo para fazer uma crítica social.

O docente pode ler as questões e comentá-las, ou, se preferir, deixar que o aluno o faça. Para finalizar, sugere-se realizar a correção das atividades e deixar a turma compartilhar as respostas.

Concluída a análise do conto anterior, a turma receberá o terceiro conto selecionado, intitulado “Uma lição inesperada”, de João A. Carrascoza. Esse texto conta a história de um menino ansioso para a volta às aulas, o reencontro com os amigos e a ânsia pelo saber, expectativas que são frustradas quando descobre que ficou em outra turma, separado de seus amigos.

As situações vividas por Lilico remetem à infância de muitas crianças, afinal, quem nunca ficou ansioso pelo início das aulas? Aflito por saber qual seria sua nova turma, seus novos professores, disciplinas e conteúdo?

Os fatos relatados correspondem a situações vivenciadas por muitos, o que promove uma identificação do leitor com o texto e sua conseqüente aproximação. O momento em que o garoto menciona a má impressão dos novos colegas, sem ao menos conhecê-los, exemplifica outro fator recorrente, pois quem nunca julgou alguém por sua aparência ou por seus gestos, sem nunca ter trocado palavra alguma com esta pessoa?

Felizmente, no conto, a tristeza de Lilico é dissipada após um trabalho em grupo, o que lhe possibilitou conhecer os novos colegas, devolvendo-lhe a alegria de estar ali novamente, naquele ambiente que tanto saber lhe proporcionava.

Após a leitura desse conto, deve-se conversar com a turma sobre o enredo, reflexões apresentadas, a fim de complementá-las, elaborar atividades para análise e compreensão, presentes na seção *Compreendendo o texto*. A seguir, está o conto escolhido.

UMA LIÇÃO INESPERADA

No último dia de férias, Lilico nem dormiu direito. Não via a hora de voltar à escola e rever os amigos. Acordou feliz da vida, tomou o café da manhã às pressas, pegou sua mochila e foi ao encontro deles. Abraçou-os à entrada da escola, mostrou o relógio que ganhara de Natal, contou sobre sua viagem ao litoral. Depois ouviu as histórias dos amigos e divertiu-se com eles, o coração latejando de alegria.

Aos poucos, foi matando a saudade das descobertas que fazia ali, das meninas ruidosas, do azul e branco dos uniformes, daquele burburinho à beira do portão. Sentia-se como um peixe de volta ao mar. Mas, quando o sino anunciou o

início das aulas, Lilico descobriu que caíra numa classe onde não havia nenhum de seus amigos.

Encontrou lá só gente estranha, que o observava dos pés à cabeça, em silêncio. Viu-se perdido e o sorriso que iluminava seu rosto se apagou. Antes de começar, a professora pediu que cada aluno se apresentasse. Aborrecido, Lilico estudava seus novos companheiros. Tinha um japonês de cabelos espetados com jeito de nerd. Uma garota de olhos azuis, vinda do Sul, pareceu-lhe fria e arrogante. Um menino alto, que quase bateu no teto quando se ergueu, dava toda a pinta de ser um bobo. E a menina que morava no sítio? A coitada comia palavras, olhava-os assustada, igual a um bicho-do-mato. O mulato, filho de pescador, falava arrastado, estalando a língua, com sotaque de malandro. E havia uns garotos com tatuagens, umas meninas usando óculos de lentes grossas, todos esquisitos aos olhos de Lilico. A professora? Tão diferente das que ele conhecera... Logo que soou o sinal para o recreio, Lilico saiu a mil por hora, à procura de seus antigos colegas.

Surpreendeu-se ao vê-los em roda, animados, junto aos estudantes que haviam conhecido horas antes. De volta à sala de aula, a professora passou uma tarefa em grupo. Lilico caiu com o japonês, a menina gaúcha, o mulato e o grandalhão. Começaram a conversar cheios de cautela, mas paulatinamente foram se soltando, a ponto de, ao fim do exercício, parecer que se conheciam há anos. Lilico descobriu que o japonês não era nerd, não: era ótimo em Matemática, mas tinha dificuldade em Português. A gaúcha, que lhe parecera tão metida, era gentil e o mirava ternamente com seus lindos olhos azuis. O mulato era uma caçara responsável, ajudava o pai desde criança e prometeu ensinar a todos os segredos de uma boa pescaria. O grandalhão não tinha nada de bobo. Raciocinava rapidamente e, com aquele tamanho, seria legal jogar basquete no time dele.

Lilico descobriu mais. Inclusive que o haviam achado mal-humorado quando ele se apresentara, mas já não pensavam assim. Então, mirou a menina do sítio e pensou no quanto seria bom conhecê-la. Devia saber tudo de passarinhos. Sim, justamente porque eram diferentes havia encanto nas pessoas. Se ele descobrira aquilo no primeiro dia de aula, quantas descobertas não haveria de fazer no ano inteiro? E, como um lápis deslizando numa folha de papel, um sorriso se desenhava novamente no rosto de Lilico.

Fonte: CARRASCOZA, João Anzanello. **Ler, entender, criar** – Língua Portuguesa – 6ª série. São Paulo: Ática, 2003. p. 179-180.

Sugere-se que o professor solicite aos alunos uma leitura silenciosa e, em seguida, realize a leitura para a turma, enfatizando os sentimentos e emoções dos personagens, dando vida ao texto; estimule a turma a expressar sua compreensão do conto, permita que os alunos realizem inferências e notem situações semelhantes em seu cotidiano.

Na sequência, as questões sugeridas para auxiliar o trabalho do professor para a compreensão textual¹⁵:

¹⁵ As atividades aqui propostas estão pautadas nas competências e habilidades presentes na BNCC (BRASIL, 2018) para o trabalho com o gênero conto. Espera-se que o estudante interprete, analise e

Compreendendo o texto

1. O conto “Uma lição inesperada” tem como protagonista um menino chamado Lilico. Com base na leitura realizada, como podemos caracterizá-lo quanto à sua personalidade? **Sugestões: curioso, ansioso, tímido, inseguro.**
2. Neste conto, qual seria o conflito apresentado? **O menino estar cheio de expectativas para retornar à escola e rever os amigos.**
3. Como podemos descrever, brevemente, o enredo dessa narrativa? **Refere-se a um menino chamado Lilico, que estava ansioso para o retorno das aulas em um novo ano letivo e que fica chateado ao perceber que sua turma já não era a mesma. Inicialmente, o garoto fica decepcionado, mas, ao longo da narrativa, faz novos amigos e percebe que não devemos julgar os outros sem conhecê-los.**
4. O conto fala sobre as expectativas do menino com relação à volta às aulas, descrevendo alguns sentimentos e atitudes do garoto no último dia de férias. Você já vivenciou sentimentos como os de Lilico? Como costumam ser seus últimos dias de férias? Identificou-se com algumas das atitudes do garoto? **Resposta pessoal.**
5. Quanto ao primeiro dia de aula, você recorda de ter passado por situações semelhantes às do menino? Comente. **Resposta pessoal.**
6. Sobre os novos colegas, como foi a primeira impressão que Lilico teve? **Considerou os novos colegas estranhos, com cara de nerd, arrogantes, bobos, malandros, esquisitos.**
7. Após a atividade em grupo, proposta pela professora, o menino mudou de ideia sobre eles. O que ocasionou essa mudança? **O fato de ter conversado, interagido com os novos colegas e desfeito a má impressão inicial.**
8. A situação vivida pelo garoto trouxe-lhe uma descoberta. Qual seria essa descoberta? **Aprendeu que não devemos julgar as outras pessoas; é preciso conhecê-las.**
9. Em sua opinião, é comum as pessoas julgarem as outras sem realmente conhecê-las? O que você pensa sobre isso? **Resposta pessoal.**

Indica-se, ao professor, ler e comentar com a turma sobre as perguntas, buscando auxiliá-la na resolução. Propõe-se compartilhar as respostas, permitir que os estudantes exponham suas opiniões sobre o conto e comentem as respostas dadas.

articule os efeitos de sentido, elementos composicionais do gênero, perceba a relação entre os textos e expresse seu ponto de vista.

Para abordar a intertextualidade, propõe-se ao aluno realizar o exercício 10 e finalizar a paródia. Veja a seguir:

A **paródia** é a criação de um novo texto baseado em outro. Por exemplo, a partir de uma letra de música, é possível elaborar outra letra, que pode apresentar traços de ironia ou fazer uma crítica a determinado assunto. A paródia também pode ser criada a partir de outros gêneros, como poemas, tirinhas ou contos.

10. Vamos concluir a paródia elaborada a partir do conto “Uma lição inesperada?”. Leia com atenção o trecho, dê continuidade a esta paródia e escolha um título adequado.

Título:

O primeiro dia de retorno às aulas, principalmente depois do Natal e Ano Novo, gera certa ansiedade nos alunos. Lilico sempre foi extrovertido, porém, ao perceber que alguns amiguinhos não estavam mais na escola e havia novos alunos, ficou muito chateado. Um dia, uma das alunas novas trouxe uma tartaruga para a escola e pediu para a professora se podia deixar sua amiguinha tartaruga ao seu lado da carteira.

A professora pensou e pensou e disse:

- Qual seria o motivo?

A menina disse:

- Ela me dá muita sorte e eu sou nova aqui. Sinto saudade da minha outra escola e dos meus amiguinhos de sempre.

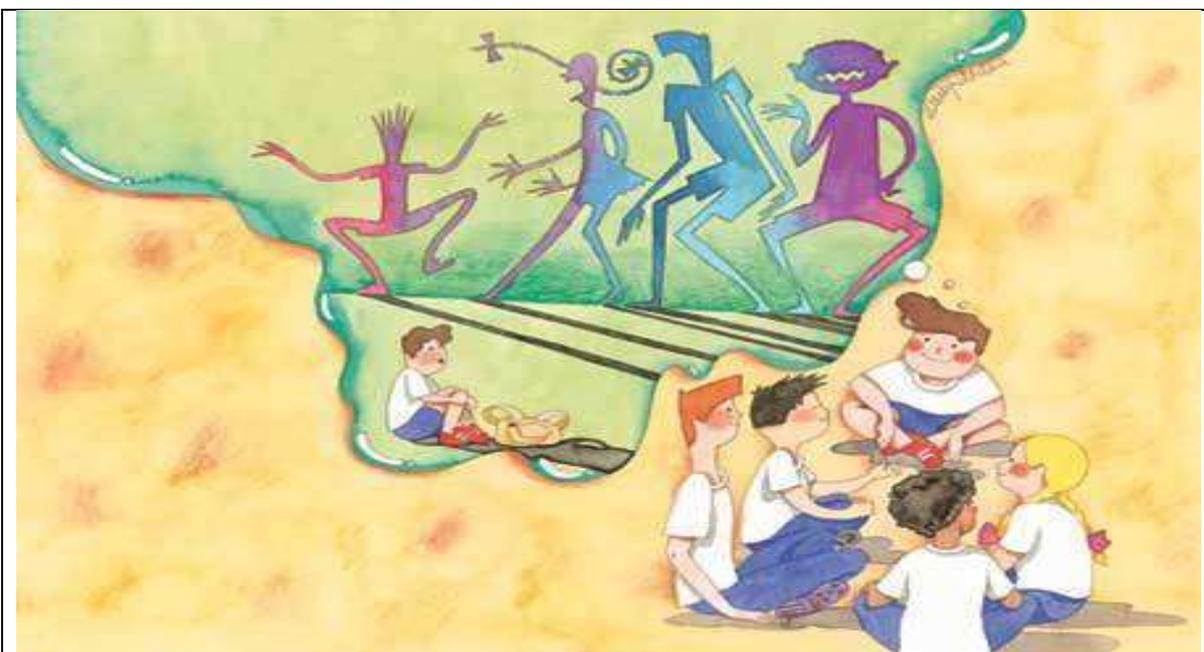
A professora, então, disse:

(continue a história).

Considera-se pertinente esclarecer que se propôs um exercício sobre a paródia, neste momento da unidade, para possibilitar ao estudante relacionar a presença de um texto em outro. O termo *paródia* terá maiores explicações no *Quarto Momento* desta unidade. Entretanto, a paródia é um conteúdo abordado pelas séries iniciais do ensino fundamental, portanto, provavelmente, o aluno já tem algum conhecimento prévio disso.

O professor pode dividir a turma em duplas para que concluam a paródia e, depois, escolher alguns estudantes para realizarem a leitura para a classe. Concluído

esse exercício, para encerrar este momento, sugere-se ao professor projetar ou imprimir a ilustração a seguir e questionar a turma sobre os elementos visuais presentes. Instigar os alunos a apontarem o que há em comum entre o conto *Uma lição inesperada* e a ilustração feita por Daisy Sartori, disponível na internet. Veja a seguir:



Por Daisy Sartori (2010)

Fonte: Nova Escola (2010)

Na sequência, está o último exercício proposto para este *Primeiro Momento*; também acrescentamos uma explicação ao estudante sobre intertextualidade.

11. Que elementos presentes na ilustração nos lembram o conto do personagem Lilico? Aponte-os. **Espera-se que o aluno perceba que a ilustração retrata a situação vivida pelo personagem Lilico, descrevendo o que se passava nos pensamentos dele antes de conviver com os novos colegas, julgando sem realmente conhecê-los.**

** Como vocês puderam perceber, há uma relação entre o conto e a imagem, na qual existem elementos em comum, já que a imagem retrata a situação vivida por Lilico, e apresenta, inclusive, alguns pensamentos expressados no conto, sobre os anseios do menino antes de conhecer os novos colegas. A esta relação entre os textos, dá-se o nome de **INTERTEXTUALIDADE**, a qual iremos aprofundar durante*

a unidade. Professor, sugerimos que você esclareça para a turma as relações entre os dois textos, mencionando que se trata de um processo de intertextualidade, para que o aluno vá construindo e observando a relação presente entre um texto e outro.

Provavelmente, o estudante dirá que a imagem retrata a situação vivida pelo personagem Lilico, descrevendo o que o garotinho imaginava dos novos colegas antes de conhecê-los. Então, o professor pode esclarecer à turma que a ilustração e o texto estão relacionados, e, a essa relação entre textos, dá-se o nome de *intertextualidade*.

Consideramos apropriado mencionar o termo intertextualidade, para que o aluno já vá assimilando o significado desse novo vocábulo. Caso julgue apropriado, o educador pode adiantar à turma que, no decorrer da unidade, eles poderão observar a relação entre um texto e outro, seja em textos visuais ou verbais. A seguir, apresenta-se o segundo momento desta unidade, que abordará o gênero causo.

2º MOMENTO: O CAUSO (3 aulas)

Para iniciar a abordagem, o professor pode fazer alguns questionamentos para averiguar o conhecimento prévio da turma acerca do assunto. Sugerimos a abordagem da oralidade nestas atividades.

Questões para um levantamento prévio do assunto:

1. O que vocês entendem por causo?
2. Quem costuma contar causos?
3. Você acha que há pessoas que ainda contam causos?
4. Sobre quais assuntos eles tratam?
5. Qual seria a finalidade desse gênero?
6. Na sua família ou na família de seus amigos, há quem conte causos?
7. Você poderia transcrever algum desses causos?

Com tais perguntas, provavelmente, alguns alunos dirão que causo é uma história, que é contar algo para os vizinhos, confundirão com fofoca, outros dirão que os pais e avós costumam contar histórias de quando eram crianças, tais como narrativas de lobisomens, bruxas, noivas em matas, bolas de fogo, entre outros. Imaginamos que tais perguntas levem os discentes a questionamentos e, também, a dúvidas sobre o gênero.

Conforme é possível observar no quadro a seguir, procuramos utilizar, na unidade, uma breve explicação sobre o causo, a fim de favorecer o trabalho do professor e a compreensão do aluno.

OS ELEMENTOS DO CAUSO

Os causos são narrativas típicas da oralidade, contadas, em geral, de maneira informal, preservando o modo de falar da região ou comunidade.

As pessoas que costumam contar essas histórias são chamadas de **contadores de causos**. Para deixar a narrativa mais atrativa, o contador usa estratégias, como gestos, entonação, sotaque e vocabulário regional, isso, dependendo do tipo de causo (suspense, humor ou sobrenatural).

Fonte: Oliveira (2006), Pontes (2006) e Batista (2007)

É importante que o professor explique ao aluno que uma questão presente nas narrativas típicas da oralidade e a preservação de uma fala condizente com essa modalidade informal, embora seja a regra, não é a única possibilidade para o gênero causo. Há produções desse gênero que, ao serem transpostas para a linguagem escrita, a depender da intenção do autor, sofrem adaptações com o propósito de não infringir tanto a normatização da língua. Para esta unidade didática, foram selecionados dois causos, os quais apresentam diferentes linguagens, como poderá ser observado nas páginas seguintes.

Primeiramente, propõe-se a discussão e comentários do professor. Recomenda-se, inicialmente, a leitura do causo “O defunto vivo”, de Antônio Henrique Weitzel, o qual relata um fato ocorrido em um local interiorano, onde se costumava realizar o transporte de caixões utilizando caminhões e, justamente, em um desses traslados, em um dia chuvoso, estava um sujeito à beira da estrada pedindo carona e que, para abrigar-se da chuva, decide utilizar o referido ataúde; porém, em meio a tantos solavancos, acaba adormecendo.

Logo à frente, aparece na história outro caroneiro, seguido de mais outros que acabam por formar uma espécie de círculo ao redor da tal urna, o que lembra uma cerimônia fúnebre. Quase concluído o trajeto, o indivíduo acaba despertando e, ao abrir o caixão, estende a palma da mão e questiona, inocentemente, se a chuva cessara. Tal atitude ocasionou grande balbúrdia, fazendo com que todos saltassem do transporte e partissem em disparada.

Trata-se de um texto curto, com uma linguagem simples, de teor humorístico e fácil compreensão. Inicialmente, a turma deve fazer uma leitura individual e, depois,

propõe-se que seja realizada pelo professor, enfatizando a situação, instigando os discentes a fecharem os olhos e imaginarem a cena, conforme a sequência é narrada. É importante que, ao narrar a história, o docente utilize uma entonação adequada à situação e gestualidade, de forma a deixar a narrativa mais interessante e cômica.

Concluída a leitura, pode-se pedir a algum aluno que tente realizá-la, simulando a contação. O passo seguinte é levantar alguns questionamentos direcionados ao gênero conto, para a percepção da compreensão da turma, para, posteriormente, passarmos à próxima história. A seguir, está o primeiro conto sugerido:

O DEFUNTO VIVO

Em alguns **arraiais** do interior mineiro, quando morria alguém, costumavam buscar o caixão na cidade vizinha, de caminhão. Certa feita, vinha pela estrada um caminhão com sua **lúgubre** encomenda, quando alguém fez sinal, pedindo carona. O motorista parou.

- Se você não se incomodar de ir na carroceria, junto ao caixão, pode subir.

O homem disse que não tinha importância, que estava com pressa. Agradeceu e subiu. E a viagem prosseguiu.

Nisto começa a chover. O homem, não tendo onde se esconder da chuva, vendo o caixão vazio, achou melhor deitar-se dentro dele, fechando a tampa, para melhor abrigar-se. Com o balanço da viagem, logo pegou no sono.

Mais na frente, outra pessoa pediu carona. O motorista falou:

-Se você não se importa de viajar com o outro que está lá em cima, pode subir.

O segundo homem subiu no caminhão. Embora achasse desagradável viajar com um defunto num caixão, era melhor que ir a pé para o povoado.

De tempos em tempos, novos caronas subiam na carroceria, sentavam-se respeitosos em silêncio, em volta do caixão, enquanto seguiam viagem.

Avizinhandos-se o arraial, ao passar num buraco da estrada, um tremendo solavanco sacode o caixão e desperta o dorminhoco que se escondera da chuva dentro dele.

Levantando devagarinho a tampa do caixão e pondo a palma da mão para fora, fala em voz alta:

-Será que já passou a chuva?

Foi um corre-corre dos diabos. Não ficou um em cima do caminhão. Dizem que tem gente correndo até hoje.

Glossário:

Arraiais: local com pequena povoação, lugarejo.

Lúgubre: relacionado aos funerais e à morte.

Fonte: WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore literário e linguístico**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.

Para saber mais...

Linguagem formal: apresenta um vocabulário em que predomina a norma padrão.

Linguagem informal: apresenta um vocabulário em que predomina a linguagem coloquial, com gírias e expressões utilizadas na oralidade e no dia a dia dos sujeitos.

Variação linguística: representa os diversos modos de falar a mesma língua, dependendo da região, dos grupos sociais, da época ou do contexto comunicativo.

Fonte: Coelho *et al.* (2012)

A seguir, estão as questões sugeridas na unidade na seção *Compreendendo o texto*. Algumas perguntas sugerem respostas pessoais, porém, caso o aluno apresente dificuldades em recordar histórias, sugerimos que o educador faça suas contribuições.

Compreendendo o texto

1. Em que espaço a narrativa ocorre? **No interior mineiro.**
2. O que ocasiona o humor no texto? **O suposto defunto abrir o caixão durante o trajeto.**
3. Este texto o faz recordar outras histórias? Quais? **Resposta pessoal.**
4. Quanto à linguagem utilizada, é possível identificar expressões regionais que costumam fazer parte da linguagem falada. Identifique algumas. **Expressões como: certa feita, um corre-corre dos diabos, mais na frente, dizem que tem gente.**
5. Descreva quais são as características em comum com as histórias que você recordou. **Resposta pessoal. Relacione notícias de pessoas enterradas vivas, memes, anedotas e expressões populares. No quadro a seguir, apresentamos um exemplo.**
Sugestão: comente com a turma sobre um costume do século XIX, em que algumas pessoas eram enterradas com cordões interligados a sinos, pois essa era a forma de comprovar a morte; caso o indivíduo não estivesse morto, ao acordar, dentro do caixão, mexeria na corda, tocando o sino, e teria a possibilidade de ser resgatado. Inclusive, a expressão “salvo pelo gongo” teria surgido devido a tal costume. Isso aconteceu porque, ao desenterrar ossadas, perceberam que muitos ataúdes estavam arranhados, ou seja, os sujeitos foram enterrados com vida.

Link: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-metodos-bizarros-para-comprovar-morte-na-era-vitoriana.phtml>

Nesta parte da unidade, também se propõe que os alunos comentem as respostas e o professor complemente as explicações. Observe que, na atividade 5, o professor deve buscar anedotas, memes ou, como sugerido, comentar com a turma sobre a expressão, originada no século XIX, “salvo pelo gongo”, em que era costume enterrar as pessoas com um cordão interligado a um sino, o qual soaria e poderia salvar a vida do indivíduo, enterrado vivo, pois, na época, não havia grandes recursos no ramo da medicina, o que teria causado a ocorrência de “defuntos-vivos”, o que só pôde ser descoberto anos depois, devido à exumação. O professor pode mostrar ao aluno que, de certa forma, há uma relação intertextual entre o caso “O defunto vivo”, a expressão “salvo pelo gongo” e os defuntos-vivos.

Nesta unidade, há uma seção intitulada “Para saber mais”. Nela, estão informações extras sobre algum conteúdo ou assunto abordado. Por exemplo, após o caso supracitado, está a tal seção para definir, de maneira sucinta, linguagem formal, linguagem informal e variação linguística.

Também, faz-se pertinente realizar algumas atividades de análise desse caso, para que percebam nas narrativas: situação inicial, conflito, clímax e desfecho. Após explicar à turma sobre os elementos composicionais, pode-se utilizar o caso “O defunto vivo” para mostrar aos alunos sobre cada uma das partes do caso.

Recomenda-se, ao docente, escrever ou projetar a atividade descrita a seguir e fazer a resolução com a turma. Tal proposta precisa ser discutida com a turma e destacada nos textos, para auxiliar o entendimento.

1. Vamos identificar, nos textos lidos, os seguintes elementos:

- a. Situação inicial: **Sugestões: vinha pela estrada um caminhão com sua lúgubre encomenda.**
- b. Conflito: **Quando o motorista dá carona para o sujeito que, para escapar da chuva, deita-se no caixão.**
- c. Clímax: **Quando o defunto-vivo abre o caixão, coloca a mão para fora e fala com os outros passageiros.**
- d. Desfecho: **Quando todos saltaram do caminhão em pânico.**

Na sequência, propõe-se a segunda produção escolhida: “Num rancho às margens do Rio Pardo”, de autoria da Equipe Xico da Kafua (restaurante localizado em Belo Horizonte, Minas Gerais). Esse caso fala sobre assombração, Saci,

lobisomem, preservando as marcas da oralidade, principal motivo de sua escolha. Nele, o personagem, Seu Ico, relata um pouco de seus causos. Pode-se proceder da mesma forma: leitura individual e leitura com a turma.

NUM RANCHO ÀS MARGENS DO RIO PARDO

Era um matuto dos bons e vivia num rancho às margens do Rio Pardo, perto de Cajuru. Seu Ico era o apelido dele. Acreditava em tudo que via e ouvia. E tinha opiniões muito firmes sobre coisas misteriosas. Adorava contar casos de assombração e outros bichos:

— Fui numa caçada de veado no primeiro dia da quaresma! Ai, ai, ai! Num pode caçá na quaresma, mas eu num sabia. Aí apareceu a assombração! Arma penada do otro mundo. E os cachorro disparô. Foro tudo pro corgo pra modi fugi da bicha... Veado que é bão nem nu pensamento, praque eis tamém pressintiru a penuria passanu ali pertu!

— Mas era assombração mesmo, seu Ico?

— Pois u que havera di sê? Esse mundo é surtido!

Pois no mundo sortido do seu Ico também tinha saci!

— Quando é que o senhor viu saci, seu Ico?

— Ara! Vi a famia toda, num foi um saci só... Tinha o saci, a sacia gravi (ele queria dizer grávida), e os sacizim em riba da mãe, tudo pulano numa perna...

— E o que eles fizeram ou disseram pro senhor?

— Nada... O saci cachaço inda ofereceu brasa pro meu paiero (tradução: o saci-pai acendeu o cigarro de palha dele). Gardicido!, eu disse... e entrei pa dentro modi num vê mais as tranquera...

E mula sem cabeça? Ah, seu Ico garante que existe:

— Essa eu nunca vi, mas ouvi o rinchado dela umas par de veis... E otro que eu tamém vi foi o tar de lobisome! Ê bicho fei! Mai num feis nada... desvirô num cachorro preto e sumiu presse mundão de meu Deus. Agora, em dia de pescaria, aparece muito é caboco-d'água. Um caboquim pretim e jeitado que mora dentro do rio... Ah, e tem que vê tamém o caopora. Grandão qui nem ele só, com um corpo peludo. Bichu fei! E o curupira! Vichi Maria, é fei dimais, tem pé virado pa trais...

— E com tudo isso o senhor ainda se arrisca a ir pro meio do mato, seu Ico?

— Pois vô sem medo! Qué sabê? - Dá uma gargalhada rouca e faz um ar maroto. - Qual! Tenho muito, mais muito mais medo é de gente vivo!

Fonte: Equipe Xico da Kafua (2007)

Finalizada essa atividade, faremos o comentário e discussão sobre o que eles entenderam da história, da linguagem utilizada; mencionar sobre os contadores de causos, lembrando de mencionar que há locais e comunidades que possuem pessoas conhecidas como contadores de causos. Explicar aos alunos as táticas utilizadas pelo contador, de forma a deixar o caso engraçado, triste, trágico ou sinistro, considerando a entonação e os gestos. Salientar as diferenças vocabulares entre os

dois causos, incentivando-os a apontarem motivos para isso, destacando, no texto, os vocábulos mais coloquiais, as marcas de oralidade presentes, expressões populares do local, com a finalidade de que reflitam que este gênero pode ser bem variado em diversos aspectos, não apenas quanto aos temas, mas também à linguagem empregada.

Na sequência, temos as questões sugeridas para a compreensão textual.

Compreendendo o texto

1. Quem é o contador nessa história? **Um narrador que também participa da história.**
 2. Com quem o contador dialoga? **O causo apresenta um narrador personagem que dialoga com Seu Ico.**
 3. No texto anterior, algumas expressões podem soar estranhas, por corresponderem a expressões regionais. Quais palavras ou expressões você não conhece? **Resposta pessoal. Respostas possíveis: matuto, penúria, rinchado.**
 4. O causo preserva expressões próprias da linguagem oral. Cite alguns exemplos. **“Ai, ai, ai”, “ah”, “mas eu num sabia”, “ara”, “umas par de veis”, “a ir pro meio do mato”.**
 5. O contador faz menção a histórias pertencentes ao Folclore Brasileiro. Quais? **Saci Pererê, Caipora, Curupira, Mula-sem-cabeça, Negro d’água.**
- Sugestão de site com algumas histórias do Folclore Brasileiro:**
<https://www.todamateria.com.br/lendas-do-folclore/>

No quadro a seguir, apresentamos a subseção “Para saber mais”, na qual sugerimos dois vídeos. O plano é assistir a dois vídeos do contador de causos Rolando Boldrin, porém, antes, é importante indagar se os alunos já conhecem o autor, já ouviram histórias dele, pedindo que observem, durante a projeção, a maneira do contador de causos falar, sua linguagem corporal e entonação.

Na sequência, comentar sobre os vídeos assistidos, os assuntos tratados, a linguagem utilizada e a expressividade do contador. Com isso, espera-se que os alunos relembrem outras histórias que constituam causos. Retomaremos o conceito de causo, explicando que se trata de um gênero voltado à oralidade e que, por isso, as marcas da fala do contador podem ser preservadas no momento da escrita. Possivelmente, alguns alunos recordarão algumas histórias, entretanto, explicaremos que, nas aulas seguintes, terão a oportunidade de compartilhar suas narrativas, pois

agora já puderam observar os elementos desse gênero, tanto na modalidade escrita quanto na oralidade.

Para saber mais...

Para aprofundar os conhecimentos sobre o causo, você pode mostrar à turma os vídeos listados a seguir, nos quais Rolando Boldrin conta dois causos.

A PROCISSÃO (ROLANDO BOLDRIN)

Link: https://youtu.be/QvkwDH_ewWo

A MARIQUINHA TEIMOSA (ROLANDO BOLDRIN)

Link: <https://youtu.be/9VOH9O07m0w>

Sugestões: Professor, comente com a turma sobre Rolando Boldrin.

ROLANDO BOLDRIN

Rolando Boldrin nasceu no dia 22 de outubro de 1936, em São Joaquim da Barra, São Paulo e faleceu em 9 de novembro de 2022. Contador de causos, cantor, compositor, músico, ator, apresentador e pesquisador da cultura brasileira, considerado um dos maiores representantes do gênero causo no Brasil. Com 60 anos de carreira, Rolando Boldrin possui 174 obras, entre discos, composições, peças teatrais, atuou em filmes e novelas, programas de TV e emissoras de rádio.

Fonte: www.rolandoboldrin.com.br

Comentários para auxiliar o professor:

Se necessário, assista mais vezes os causos, enfatize os gestos, as mudanças no tom de voz, a maneira utilizada pelos contadores para deixar o causo com teor de suspense, humor, sobrenatural, dependendo do tipo de causo, o vocabulário utilizado.

Sobre os vídeos:

A procissão

Nesta história, Rolando relata o causo de uma procissão que acontecia tranquilamente até aparecer um ônibus descontrolado (jardineira), fazendo com que o padre que entoava a reza, ao ver o perigo que se aproxima, tente alertar os fiéis, gritando “jardineira”, ocasionando uma situação inusitada.

A mariquinha teimosa

Neste causo, Rolando conta a história de uma jovem de temperamento forte, chamada Mariquinha, que nem mesmo após a morte deixa de ser teimosa.

Fonte: Youtube (2022)

Na aula seguinte, a ideia é realizar uma roda de contação de causos. Nesse momento, os educandos poderão socializar as histórias com os colegas. Seria interessante dispor a turma em círculo, instruí-los sobre a entonação, linguagem

corporal, modo de falar e, então, realizar a contação. Acreditamos que haverá alunos que não contarão nenhuma narrativa, por timidez, porém, alguns, provavelmente, relatarão várias. Concluída essa atividade, sugere-se uma reflexão com a turma sobre o gênero e o que o caracteriza, bem como sua estrutura, conforme apresentado neste momento da unidade.

Após a contação, para as próximas aulas, pretende-se explorar o *Terceiro Momento* de nossa unidade.

3º MOMENTO: INTERTEXTUALIDADE EM PRODUÇÕES ESCRITAS POR EX-ALUNAS (3 aulas)

Salienta-se que fica a critério do professor utilizar esses questionamentos ou adaptá-los à realidade de sua turma.

Nesta parte da unidade, o intuito é conhecer duas produções presentes na obra *Contos e causos do Ouro Verde*, escritas por Borsati e Cucchi (2004), na época, alunas da escola. Antes da leitura, sugerimos alguns questionamentos:

1. Vocês recordam do livro produzido pela escola, que relata histórias da Comunidade?
2. Alguns de vocês possuem o livro em casa?
3. Quais têm familiares que participaram da produção do livro ou relataram alguma história?
4. Recordam-se de algumas histórias do livro?

Após essa conversa, serão entregues, para cada aluno, cópias dos dois textos a seguir, para que seja realizada a leitura. É importante instigá-los a perceber aspectos semelhantes entre os causos contados por eles no segundo momento da unidade, com as duas produções a seguir.

Texto1**CONTOS DO MEU AVÔ**

Sou natural de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, cheguei nesse lugar no ano de 1953, no Distrito de Nova Lourdes, moramos lá por uns 6 anos, depois mudamos para cá onde se deu o nome de Ouro Verde porque tinha muitos pinheiros e era a riqueza natural da época.

A madeira para fazer nossa casa foi arrastada com cavalo e foi construída com madeira lascada, como todas as casas construídas na época.

As estradas eram feitas com picaretas, arada de boi. Nosso único meio de transporte era cavalo e carro de boi.

A terra foi comprada com direito de posse, pois naquele tempo as terras não possuíam documentos, era comprado o direito de posse e as divisas eram separadas por picadas e rios.

Nossos principais produtos agrícolas eram o milho, arroz e feijão. Os animais eram bois, cavalos e porcos, eram criados soltos. No momento da venda, os animais eram tocados até Guarapuava.

O arroz e o feijão eram produzidos para o consumo. A carne era peixe, caça de animais selvagens, porco, galinha, ovos e outros. As roupas eram lavadas em cima de uma tábua no rio e o sabão era feito em casa. Para a limpeza da casa e do assoalho eram utilizados palha, xaxim e cinza.

As programações de missa eram de 6 em 6 meses, pois o padre morava longe e vinha a cavalo. Nossa comunidade não tinha igreja, então as celebrações, batizados e casamentos eram realizados nas casas. As escolas eram construídas pelos pais e os professores eram pagos por eles também. Os materiais eram lousa e giz, a merenda era levada de casa e a limpeza era feita pela professora e alunos.

Naquele tempo não existia posto de saúde, o hospital mais próximo era em Pato Branco. Em São João havia somente uma farmácia com poucos medicamentos, muitas pessoas que moravam longe até morriam por falta de transporte.

Entrevistado: H. B., 72 anos.

Aluna: Carolina Ballin

Fonte: Borsati e Cucchi (2004)

Texto 2**HISTÓRIA DO OURO VERDE**

Em 1960 veio o Prefeito de Chopinzinho para escolher o lugar onde seria construída a primeira escola. As madeiras para a construção da escola eram puxadas da localidade de Marco Zero. Em seis meses a escola ficou pronta. A primeira professora foi Analice Pereira casada com Alduíno Lemes. Em média 40 alunos estudavam na escola.

Naquele tempo, a escola não tinha um nome como hoje. Ela era conhecida como Escola do Ouro Verde, só tinha uma professora para todas as séries e todos estudavam na mesma sala. Os alunos tinham intervalo, mas não tinham lanche fornecido pela escola, os alunos traziam de casa.

Naquela época, era difícil chegar até a escola, mas mesmo assim, os alunos vinham com muita alegria e disposição para aprender.

Entrevistada: J. K.

Aluna: Daiani Augustin

Fonte: Borsati e Cucchi (2004)

Para esta parte da unidade, foram selecionadas duas produções presentes no livro, “Contos do meu avô” e “História do Ouro Verde”. Com isso, pretende-se promover uma discussão com o grupo acerca dos elementos em comum mencionados nos textos, tais como número de professores, alunos, como eram as turmas, a formação dos professores, direção, limpeza, merenda, energia elétrica, meios de transporte, infraestrutura e recursos didáticos.

Após a leitura, propõe-se a realização dos seguintes questionamentos, os quais podem ser feitos oralmente ou por escrito, com exceção da atividade 4, que deve ser escrita.

Questionamentos pós-leitura

1. Qual história lhe chamou mais a atenção? **Resposta pessoal.**
2. Quais assuntos são tratados nas produções? **Espera-se que os alunos percebam que há histórias sobre a formação da comunidade Ouro Verde, construção da escola, modo de vida, costumes e crenças.**
3. Percebeu elementos semelhantes entre essas produções e os contos e causos que lemos em aulas anteriores? **Respostas possíveis: Espera-se que o aluno relacione a linguagem utilizada nos causos, recorde-se da narrativa “Lição inesperada” (lida no 1º momento), os temas em comum com os textos lidos anteriormente, como a escola.**
4. Vamos montar um quadro comparativo entre os dois textos, apontando semelhanças, diferenças e temas afins. Para a realização desta atividade, você pode formar dupla com seu colega. Juntos, discutam e preencham a tabela a seguir, com relação aos textos que tratam sobre a escola. **Para a resolução dessa atividade, recomendamos ao professor combinar com a turma e fazer a resolução junto com eles, dividi-los em grupos. Sugerimos que o aluno faça esta atividade na modalidade escrita.**

Nesse ínterim, verificar com a turma quais são os assuntos das duas produções. Sugere-se escrever uma lista no quadro, pois o objetivo é fazer com que

percebam que o assunto mais tratado é sobre a Comunidade Ouro Verde, observando que predomina a temática da escola, como era, como foi formada, segundo o relato de alguns professores e moradores.

Depois dessa conversa, a ideia é dividir os alunos em duplas e pedir que preencham algumas informações que observarem nas duas produções lidas, como: narrador, temas, personagens, tempo e variação linguística. Para orientar os alunos, será necessário que o professor esclareça que a intertextualidade, neste caso, foi implícita e temática, em decorrência da proposição feita pelos docentes para a elaboração do livro, pois é possível identificar características afins em outras produções do mesmo livro, por exemplo, a formação da escola e da comunidade (conforme observa-se nos dois textos), o modo de vida e as dificuldades vividas.

Para a atividade 4, sugere-se construir uma tabela, nos moldes do quadro a seguir, para que preencham; com isso, pretende-se facilitar a realização da atividade.

Título do texto: Sugestões para o Texto 1: Contos do meu avô. Texto 2: História do Ouro Verde.

Tema/ Assunto: 1. O narrador descreve como era a vida dele, o modo de sustento, o acesso à saúde e à educação. 2. Construção da primeira escola.

Tempo: 1. Passado, de 1953 em diante. 2. Passado, 1960.

Expressões que denotam informalidade, variação linguística: 1. “Picadas”, “arada de boi”. 2. “Madeiras eram puxadas”.

Algum fato curioso: 1. As celebrações religiosas aconteciam nas casas duas vezes ao ano; os pais construía as escolas e pagavam os professores; lavava-se a roupa na beira de rios; para limpeza da casa, utilizavam palha, xaxim e cinza. 2. A escola não tinha um nome como atualmente.

Fatos mencionados sobre professores: 1. Eram pagos pelos pais, preparavam a merenda e limpavam a escola. 2. Havia apenas uma professora.

Rotina escolar: 1. Alunos ajudavam na limpeza. 2. Merenda trazida de casa.

Meios de transporte: 1. Cavalo e carro de boi. 2. Só menciona que era difícil para chegar à escola.

Infraestrutura escolar: 1. Construía pelos pais. 2. Sem muitos recursos.

Recursos didáticos: 1. Lousa e giz. 2. Não menciona.

Turmas: 1. Multisseriadas. 2. Multisseriadas.

Fonte: Elaboração nossa (2022)

O docente pode conversar com a turma, anotar no quadro os elementos em comum nas histórias e o que muda de uma para outra. Almeja-se que a turma perceba e aponte mais elementos em comum nos textos, conforme a discussão avançar.

Com esse debate, pretende-se proporcionar ao aluno refletir que um texto é permeado por outros e que tal processo constitui uma das formas de intertextualidade, elemento presente em muitas produções, mas que, nem sempre, refletimos sobre ele ou relacionamos com outras histórias com as quais nos deparamos no decorrer de nossa vida e que fazem parte de nossas vivências e conhecimentos.

Na sequência, sugerimos a atividade 5, a produção de uma ilustração que represente alguns dos itens descritos na atividade 4. Com isso, pretende-se mostrar aos alunos que a intertextualidade pode manifestar-se, também, em textos imagéticos. Veja o enunciado proposto.

5. Com base na tabela elaborada, produza uma ilustração em que sejam representados elementos alusivos aos textos. **Professor, esclareça aos alunos que, aqui, propomos uma atividade que também expressa a intertextualidade, pois a ilustração será feita em alusão aos textos lidos.**

Finalizada esta atividade, intenciona-se aprofundar as reflexões sobre os elementos intertextuais presentes em outros gêneros textuais e conhecer mais exemplos em que a intertextualidade está presente.

4º MOMENTO: VAMOS EXPLORAR A INTERTEXTUALIDADE (3 aulas)

Neste quarto momento, recorre-se à fotografia atual da escola, a fim de apresentar características que possam servir para comparação com a foto subsequente, que mostra a escola atualmente. Pretende-se suscitar os processos intertextuais presentes nas duas produções do livro *Contos e Causos do Ouro Verde* (2004) e a imagem, para que o aluno possa ampliar sua compreensão do termo intertextualidade.

A seguir, apresentamos uma foto. Observe atentamente:

Foto 1 - Escola Estadual do Campo Dom Pedro I – EF e Escola Municipal São Pedro -EIEF (2022)



Fonte: Acervo da autora (2022)

Após uma leitura da imagem, por meio de questionamentos, almeja-se propor aos discentes uma análise e comparativo da fotografia com os textos, para que percebam elementos comuns aos gêneros, bem como as diferenças encontradas. Por exemplo, espera-se que percebam que, nos textos, a descrição dada permite imaginar as diferenças existentes entre a escola de hoje e a de antigamente. No quadro a seguir, estão as questões propostas:

Questionamentos pós-leitura

1. O que há em comum na fotografia anterior e nos textos “Contos do meu avô” e “História do Ouro Verde”, lidos na terceira etapa? **Observa-se que a escola está presente nos textos e na imagem.**
2. A imagem e os textos tratam sobre a escola em períodos diferentes. Com base nisso, responda às questões a seguir:
 - a. A foto parece pertencer a que época? Como você concluiu isso? **Trata-se de uma foto atual, fato que o aluno poderá constatar ao verificar a fonte da imagem.**

b. Quais são os elementos comuns presentes na Foto 1 e no texto “História do Ouro Verde”? **Espera-se que o aluno observe que a primeira escola foi construída em madeira, o nome era outro, havia apenas uma professora que ministrava aula para todos os alunos, traziam o lanche, pois não havia na escola.**

c. Ao comparar a escola de antigamente com a de hoje, quais são as maiores mudanças em sua opinião? **Espera-se que o aluno perceba as melhorias com relação à infraestrutura (antes madeira, agora alvenaria), a ampliação do prédio escolar, revitalização da fachada, mudança relacionada às disciplinas, ao número de professores, ao transporte, recursos tecnológicos disponíveis.**

Na foto, é possível notar a diferença não apenas do prédio escolar, mas da vegetação, pois, com o desbravamento das terras, muitas espécies foram desaparecendo das paisagens, dando lugar a outras construções e outros tipos de plantas, mostrando um cenário distinto daquele relatado nos contos/causos. Outras diferenças seriam quanto ao número de professores, de alunos, de como costumavam ser as aulas e a rotina escolar daquela época com a atual. Enfim, são várias possibilidades de abordagem para a comparação entre os textos e a fotografia.

Quanto à verificação dos textos, propõe-se que os alunos estabeleçam relações de semelhanças e diferenças entre a imagem e os textos. Nos textos, são descritos como era a escola, o que remete à foto.

EXPLORANDO A INTERTEXTUALIDADE

Nesta parte da unidade, é feita uma explicação do termo “intertextualidade”, de maneira simples e clara, para que o estudante compreenda seu significado. Primeiramente, precisamos esclarecer que o trabalho didático aqui proposto segue Koch (2003) e Cavalcante, Faria e Carvalho (2017).

Para facilitar a aplicação da análise dos textos, apresentamos conceitos concisos de alguns termos, com base nas autoras citadas, com as devidas adaptações.

1. O que é intertextualidade?

Tanto a produção (trata-se do trabalho do produtor do texto, falante ou escritor) quanto a recepção (do ponto de vista do leitor) de um texto dependem do

conhecimento que se tenha de outros textos com os quais ele (o texto), de alguma forma, se relaciona. Essa forma de relacionamento entre textos pode ser, como se verá, bastante variada (KOCH, 2003). Ou seja, todo texto vai exigir, ou daquele que escreve ou daquele que lê, certo conhecimento que decorre de outros textos.

2. Intertextualidade pode ser observada em sentido amplo ou restrito.

O produtor do texto aciona conhecimento sobre outros textos de diversas formas. Para esta Unidade Didática, vamos considerar somente conceitos e categorias que possam ser aplicadas para uma turma de 7^o ano.

2.1 Em sentido amplo, considera-se que todo o texto pode abrigar outros textos. Trata-se de uma presença menos perceptível, mas que pode ser verificada pela estrutura (narrativa, descritiva, dissertativa), pelo gênero (perfil social de circulação – carta, receita de bolo, conto, caso, petição) e mesmo pelo estilo de um autor (Stanislaw Ponte Preta prefere contos de mistério; os Titãs preferem rock e pop; Luís Fernando Veríssimo possui seu misto de humor e crítica) ou uma temática particular presente em diversos textos (pandemia, preservação do planeta, educação inclusiva etc.). Como essas questões aqui elencadas dependem de um processo contínuo de leitura, pode não ser tão simples perceber que um texto em particular esteja acionando, por exemplo, o estilo do Stanislaw Ponte Preta, caso determinado leitor não acompanhe o estilo deste autor em particular.

2.2 Em sentido restrito, é possível verificar a relação de um texto com outros textos previamente existentes, e, de certa forma, isso fica perceptível no processo de escritura do autor, embora não seja tão perceptível assim pelo leitor. Por isso, a estrutura composicional (narrativa ou dissertativa), para além do lexema, pode auxiliar no reconhecimento da intertextualidade que fica aparentemente particularizada.

3 Outra questão importante seria entender que a intertextualidade pode ser explícita ou implícita.

3.1 Será explícita, desde que o autor indique de maneira expressa que está trazendo um texto-fonte para o seu texto. Isso pode ocorrer por citação direta, por uma paráfrase anunciada, por discurso direto e indireto, por recuo da citação, por uma nota de rodapé, entre outras formas de anunciar que outro texto está presente na produção de um texto.

3.2 Quando não há pistas claras, a intertextualidade pode ser implícita, o que exigirá do leitor maior empenho em sua leitura.

4. Formalmente, apenas a intertextualidade estrita pode ser considerada.

Tipos de intertextualidade restrita

4.1 Pela inserção efetiva de partes de um texto em outro (por citação literal; por parafraseamento de conteúdos; por alusão – uma menção indireta, mas que se apresenta como uma pista).

Copresença:

a) citação: Pode ser percebida por verbo que introduz discurso direto e indireto, por dois pontos, aspas, itálico, recuo de margem, fonte reduzida, e trechos sempre literais;

b) parafraseamento: Reformulação de partes de um texto-fonte, que aparecem sob outra forma em outro texto. Trata-se de reescrita que remete a enunciados anteriores, modificando-os parcial ou totalmente.

c) alusão estrita: Referência indireta, que se incorpora sutilmente. A alusão estrita favorece modificações formais no texto a que recorre, transformando-o para finalidades diversas.

4.2 Pela inserção de partes de um texto em outro, por meio da modificação de algum aspecto (forma, estilo ou conteúdo), mas sem que se percam elementos essenciais (semânticos) do texto-fonte. Consideramos, por exemplo, paródias: transformações que operam desvios de forma e/ou conteúdo, bem como dos propósitos de um texto-fonte, sempre com finalidade humorística, podendo ou não apresentar outras finalidades, como a crítico-apreciativa.

Neste tópico, utilizamos algumas versões de ditados populares para mostrar ao aluno a presença de expressões que denotam a intertextualidade, muitas vezes, presentes em nosso cotidiano, mas que não percebemos. Vejamos o quadro explicativo proposto na unidade:

EXPLORANDO A INTERTEXTUALIDADE: *DÉTournEMENT*

Estudante, como você pôde perceber, os textos e a imagem estudados até agora contêm elementos que os relacionam. A relação presente entre diferentes textos é chamada de *intertextualidade*. Veja os exemplos de intertextos inspirados em ditados populares:

“Quem ri por último é desatento”.

“Quem não deve, não deve”.

“Quem dá aos pobres, adeus”.

Professor, espera-se que o aluno perceba o tom irônico presente nos intertextos ao lado. Você pode complementar, estimulando a turma a expor o que compreendeu.

Agora, veja os ditados populares que deram origem a esses intertextos:

“Quem ri por último, ri melhor”.

“Quem não deve, não teme”.

“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”.

Professor, comente com seus alunos sobre o significado de tais ditados populares.

Sugestões:

“Quem ri por último, ri melhor”: saber esperar o momento certo para agir, ser paciente.

“Quem não deve, não teme”: se estou certo quanto a algo, agi de forma honesta, não tenho com o que me preocupar.

“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”: sempre que ajo de bom coração e ajudo ao próximo, é como se estivesse colaborando com Deus.

Na explicação anterior, temos exemplos de intertextualidade implícita, na qual o processo intertextual ocasiona a criação de outro texto. De acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012), intertextos formados a partir de provérbios, frases feitas ou ditados populares, por meio da inversão, substituição ou supressão de fonemas e palavras são denominados *détournement*, sobre o qual abordou-se na subseção 2.1 *Alusão, paródia, paráfrase e détournement*.

Supõe-se que a maioria dos alunos já tenham conhecimento dos ditados apresentados anteriormente, o que facilitará a identificação dos intertextos. Entretanto, caso isso não ocorra, cabe ao professor apresentar à turma os enunciados originais.

A intertextualidade pode estar presente em textos, poemas, músicas e imagens, como ferramenta para renovar o texto, podendo acrescentar um tom irônico ou crítico de maneira criativa. Também é um recurso utilizado para campanhas publicitárias. Ou seja, em todo texto, escrito ou falado, há uma relação explícita ou implícita com outro(s) texto(s).

Pode ser que a relação entre o texto produzido com outro(s) texto(s) ocorra de forma bem perceptível, o que vai depender da vontade do escritor em apontar o texto que trouxe para o seu texto (do produtor). Assim, quando se anuncia que há uma menção clara a outro texto, fica mais fácil identificar o tipo de relação. Porém, quando o escritor cria uma intertextualidade, ele pode supor que os possíveis leitores perceberão a relação que estabelece.

Nesta dissertação, selecionamos as categorias de intertextualidade que podem auxiliar para aplicação em sala de um 7º ano. Nesta Unidade Didática, apresentamos um trabalho basicamente voltado para causos e conto e aspectos da intertextualidade presentes nesses dois gêneros. Quanto às categorias de intertextualidade, pertinentes de serem tratadas na turma em questão, optamos por alusão, paródia, paráfrase e *détournement* (não apresentamos ao aluno esta palavra). Como se pode notar, utilizamos outros gêneros, como anúncios publicitários, provérbios e imagens, para demonstrar a intertextualidade, buscando deixar o mais compreensível para o aluno, mas o que prevaleceu foram os contos e causos.

A seguir está uma proposta de atividade sobre essa categoria de intertextualidade. Conforme mencionado anteriormente, optou-se por não explorar a nomenclatura *détournement*, apenas mostrar para o aluno como um exemplo de intertextualidade.

1. Elabore intertextos com base nas expressões a seguir, como no exemplo:

Exemplo: Quem não deve, não teme: Quem não deve, não deve.

- a. “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”: **Sugestões: “Quem com ferro fere sairá ferrado”.**
- b. “Quem vê cara não vê coração”: **“Quem vê é porque não é cego”.**
- c. “Os últimos serão os primeiros”: **“Os últimos perderão a vaga”.**
- d. “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”: **“Mais vale uma abelha voando do que na minha mão”.**

Ainda na seção “Explorando a intertextualidade”, exemplificamos a ocorrência de processos intertextuais em uma campanha publicitária realizada pela empresa Hortifruti, intitulada Hortiflix, a qual ocorre desde 2016, utilizando o recurso de intertextualidade com clássicos do cinema em uma campanha voltada para o anúncio de hortaliças, frutas e legumes. Essa campanha foi selecionada por expressar, de

maneira clara, a relação com filmes conhecidos dos interlocutores, como: “A Era do Jiló 4”, uma paródia à produção de 2012, *A Era do Gelo 4* e “O Rei Melão”, uma referência ao clássico *O Rei Leão*, lançado em 1994. Vejamos os exemplos:

Professor, você pode mostrar à turma mais exemplos como estes.

EXPLORANDO A INTERTEXTUALIDADE: PARÓDIA

Estudante, você sabia que a *Paródia* também é um exemplo de intertextualidade? Vamos recordar o que é *Paródia*?

Paródia é a transformação de um texto em outro, que, em geral, possui finalidade humorística ou crítica (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017).

A seguir, você verá dois anúncios publicitários realizados pela empresa Hortifruti, em uma campanha chamada Hortiflix, que consistem em paródias produzidas a partir de dois clássicos do cinema.



Fonte: Hortifruti: Campanhas Hortiflix (entre 2016 e 2022)



Fonte: Hortifruti: Campanhas Hortiflix (entre 2016 e 2022)

Após a leitura dos anúncios anteriores, sugere-se ao professor complementar as informações que o aluno não souber sobre as produções, além de comentar a relação intertextual presente no título da campanha “Hortiflix”. Certamente, os alunos farão a associação com “Netflix”, plataforma de *streaming* (serviço que oferece a transmissão de filmes, séries e documentários) conhecida internacionalmente.

No primeiro anúncio, há uma paródia construída a partir do filme *O Rei Leão*, um filme de animação criado pela Walt Disney Pictures e lançado em 1994. A produção em questão retrata a história de um leão chamado Simba, filho do Rei Mufasa e herdeiro do trono, o qual enfrenta grandes aventuras e sofrimentos até conseguir assumir o trono, sendo vítima das armações de Scar, seu invejoso tio.

No slogan da campanha, a utilização da expressão “O Rei Melão” pode provocar no leitor lembranças relacionadas ao texto original, *O Rei Leão*, excelente tática que utilizou a rima para facilitar a associação das palavras pelo leitor e divulgar um produto comercializado pela Hortifruti.

Quanto ao anúncio “A Era do Jiló 4”, também é possível observar a utilização de recursos sonoros para proporcionar a intertextualidade, em que temos como texto-fonte *A Era do Gelo 4*, filme lançado em 2012. A seguir, apresentamos a seção “Para saber mais”, na qual estão algumas informações para auxiliar o professor.

Para saber mais...

A Era do Gelo constitui uma série de filmes de animação, criada em 2002, pela empresa norte-americana *Blue Sky Studios*. O enredo narra as aventuras vivenciadas por animais que viviam no período glacial. O anúncio utilizado tem como referência a quarta animação, produzida em 2012.

O Rei Leão é um clássico de 1994, produzido pela Walt Disney Pictures, no qual o filhote de leão, Simba, herdeiro do trono, é vítima das armações de Scar, seu tio invejoso. A produção retrata a vida de Simba desde o nascimento até a vida adulta, quando, finalmente, retorna para casa e assume o trono.

Links para mais informações: <https://www.culturagenial.com/filme-o-rei-leao/>
<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-181059/>

Estudante, realize as atividades a seguir. A atividade 2 propõe buscar na internet outros exemplos de paródia relacionados aos anúncios publicitários, conforme os exemplos vistos. Já na atividade 3, propõe-se a conclusão de uma paródia sobre o texto “Contos do meu avô”.

2. Pesquise na internet outros exemplos de paródias elaboradas com base nas campanhas Hortiflix e Hollywood. Selecione no mínimo quatro exemplos e anote-os no caderno, juntamente com o texto original. **Sugestões:** “Milhons”, criado a partir de *Minnions*; “Mulher Marerivilha”, criado a partir de *Mulher Maravilha*; “O mágico de Noz”, criado a partir de *O mágico de Oz*; “Chuchurek”, criado a partir de *Shrek* e “Batatas do Caribe”, criado a partir de *Piratas do Caribe*.

3. Apresentamos o início de uma paródia produzida a partir do texto “Contos do meu avô”, lido anteriormente. Leia com atenção e acrescente um final para a paródia.

Contos de minha avó

Vim do Rio Grande do Sul, cheguei aqui por volta de 1950, onde mais tarde passou a se chamar Ouro Verde, pois havia muitos pinheiros naquela época.

Tudo era muito precário, para locomoção só havia carro de boi e cavalos; a terra não tinha documentos e as roupas eram lavadas na beira do rio. Para construir nossa casa, utilizamos madeira lascada, transportada pelos animais.

Naquele tempo... **Professor, auxilie o aluno para a continuação do texto, dê sugestões e exemplos, caso ele tenha dificuldade. Você pode sugerir que ele dê seguimento ao texto pensando na história de suas avós.**

Na sequência, procuramos explicar outra forma de intertextualidade, a paráfrase. Também apresentamos um trecho retirado do texto abordado anteriormente, “Contos do meu avô”, produzido por Cucchi (2004). A partir dele, produziu-se uma paráfrase para mostrar ao aluno.

EXPLORANDO A INTERTEXTUALIDADE: PARÁFRASE

A paráfrase corresponde à reformulação de um texto, no qual as ideias principais são mantidas, porém, escritas com outras palavras. Esse recurso também representa uma forma de intertextualidade. A seguir, apresentamos um trecho de um causo lido anteriormente e, na sequência, uma paráfrase desse trecho.

Texto-fonte:

“[...] cheguei nesse lugar no ano de 1953, no Distrito de Nova Lourdes, moramos lá por uns 6 anos, depois mudamos para cá onde se deu o nome de Ouro Verde porque tinha muitos pinheiros e era a riqueza natural da época”.

Texto produzido por Carolina Ballin Cucchi

Paráfrase produzida:

O ano era 1953, o avô da autora que, primeiramente, residiu na comunidade de Nova Lourdes, por aproximadamente seis anos, mudou-se para um novo local, abundante em araucárias, daí o nome Ouro Verde.

Texto produzido por Géssica C. Diana

O professor deve explicar aos alunos o que é paráfrase; sugerimos que traga mais exemplos antes da realização da próxima atividade. Em seguida, propõe-se a atividade final da unidade, na qual os alunos devem produzir duas paráfrases sobre fragmentos de textos que foram utilizados na unidade. O trecho I corresponde à produção “Contos do meu avô”, escrita por Carolina Ballin Cucchi, enquanto o trecho II foi retirado do texto “História do Ouro Verde”, escrito por Daiani Augustin, também abordado anteriormente em nossa unidade. A seguir, apresentamos a atividade final:

Atividade final

4. A seguir, apresentamos dois fragmentos de textos abordados durante esta unidade. De acordo com as orientações de seu professor, produza uma paráfrase para cada trecho.

a. Trecho I

Naquele tempo, a escola não tinha um nome como hoje. Ela era conhecida como Escola do Ouro Verde, só tinha uma professora para todas as séries e todos estudavam na mesma sala. Os alunos tinham intervalo, mas não tinham lanche fornecido pela escola, os alunos traziam de casa.

Texto produzido por Daiani Augustin (2004)

Sugestão de resposta: trecho I:

Eram outros tempos, a instituição era conhecida com o nome da localidade, Escola do Ouro Verde. Havia somente uma professora que ministrava aula para todas as turmas e cada aluno tinha que trazer seu lanche.

b. Trecho II

As programações de missa eram de 6 em 6 meses, pois o padre morava longe e vinha a cavalo. Nossa comunidade não tinha igreja, então as celebrações, batizados e casamentos eram realizados nas casas. As escolas eram construídas pelos pais e os professores eram pagos por eles também. Os materiais eram lousa e giz, a merenda era levada de casa e a limpeza era feita pela professora e alunos.

Texto produzido por Carolina Ballin (2004)

Sugestão de resposta: trecho II

Naquele período, as celebrações religiosas aconteciam duas vezes ao ano, pois o pároco residia distante do local e o meio de transporte utilizado era o cavalo. Além disso, as celebrações aconteciam nas residências dos moradores. Quanto às escolas, as famílias eram responsáveis por construir e mantê-las. Enquanto a limpeza era realizada pela docente e pelos estudantes.

c. Trecho III

Era um matuto dos bons e vivia num rancho às margens do Rio Pardo, perto de Cajuru. Seu Ico era o apelido dele. Acreditava em tudo que via e ouvia. E tinha opiniões muito firmes sobre coisas misteriosas. Adorava contar casos de assombração e outros bichos [...].

Texto produzido por Equipe Xico da Kafua (2007)

Sugestão de resposta: trecho III

Era um bom sujeito, vivia em um rancho próximo à cidade de Cajuru, localizado à beira do Rio Pardo. Era conhecido como Seu Ico. Não tinha maldade, homem de muitas crenças e costumes, crente de seus valores e adepto a causos misteriosos e sombrios.

3.2.3 Comentários finais ao professor

Com a atividade anterior, concluímos esta unidade didática. Como foi possível verificar, buscamos aliar a abordagem da intertextualidade gradualmente, por isso consideramos apropriado iniciar com o gênero conto, em seguida, o causo, com atividades de análise de suas características e compreensão textual, procuramos agregar a elas atividades que suscitasse outros intertextos.

A partir do terceiro momento, apresentamos duas produções escritas por ex-alunos, com o intuito de valorizar produções locais, de certa forma, pertencentes à realidade dos estudantes e que, por conta do tema que abordam – formação da escola e da comunidade –, proporcionam uma ressignificação da história local. Ainda neste momento, sugerimos a produção de um intertexto alusivo – a ilustração.

No quarto momento, apresentamos a foto atual da escola para estabelecermos relações intertextuais com os textos anteriores. Também enfatizamos a intertextualidade nesta etapa, com mais exemplos de sua ocorrência, seja em textos verbais ou visuais. Aqui, sugerimos explicações e produções de intertextos, como o *détournement* (embora não tenhamos apresentado ao aluno essa palavra), paródia e paráfrase.

Cabe salientar que os encaminhamentos aqui propostos são sugestões para o professor, o qual pode realizar as adaptações que considerar pertinente. Esperamos que nosso trabalho contribua com a prática docente, que as atividades propostas sejam significativas e colaborem para a aprendizagem dos estudantes.

Para tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico, optamos por atividades diversificadas, com textos em prosa e imagéticos, atividades em duplas, vídeos, abordagem da escrita, leitura, oralidade e produção de ilustração. Também acrescentamos à unidade seções como “Para saber mais”, na qual apresentamos informações e sugestões complementares, com links e explicações que colaborem com o educador.

4 UNIDADE DIDÁTICA: A ABORDAGEM DA INTERTEXTUALIDADE VOLTADA PARA O 7º ANO

Orientações ao Professor:

Caro professor, os conceitos que aqui serão trabalhados estão relacionados com os gêneros conto e causo e as possibilidades intertextuais a serem exploradas em um 7º ano. Gostaríamos de enfatizar que a unidade está dividida em quatro momentos e organizada como se fosse um diálogo com o aluno, por isso, o uso do pronome “você” e correlatos está direcionado para o estudante.

Professor, então, considere, em resumo, e brevemente, os seguintes conceitos:

1. Texto: Pode ser considerado uma unidade de sentido contextual (interno), mas pode ser considerado um processo interacional repleto de sentidos, ora construídos pelo autor do texto, ora construídos pelo possível leitor (KOCH, 2003).

2. Conto: Gênero textual que, em geral, é escrito no passado e possui a seguinte estrutura: situação inicial, conflito, clímax e desfecho (MOISÉS, 2006).

3. Causo: Gênero textual de caráter popular que costuma preservar a linguagem informal e tratar de histórias, mantendo viva a cultura local (PONTES, 2006). É comum, ao contar um causo, utilizar algumas estratégias para prender a atenção do ouvinte, tais como: entonação, gestos, alternância no tom de voz e vocabulário regional (OLIVEIRA, 2006; PONTES, 2006; BATISTA, 2007).

4. Intertextualidade: É possível perceber, às vezes explicitamente, às vezes implicitamente, que, em determinado texto, há menção a outros textos, pertencentes ao mesmo gênero ou a gêneros distintos (KOCH, 2003).

Além disso, nesta unidade didática, serão exploradas as seguintes categorias da intertextualidade:

4.1 Alusão: intertexto que preserva elementos ou expressões do texto original (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017).

4.2 Paráfrase: Reescrita de um texto ou fragmento com a finalidade de facilitar a compreensão do leitor (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017).

4.3 *Détournement*: intertexto produzido a partir de provérbios e ditos populares e que preserva a sonoridade dos fonemas (GRÉSILLON; MAINGUENEAU, 1984).

4.4 Paródia: Produção de um texto com base em outro, geralmente com tom humorístico ou crítico (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2012).

5. Produções locais: Trata-se de produções escritas de alunos, organizadas em forma de livro pela Escola Estadual do Campo Dom Pedro I, no ano de 2004.

A seguir, está a unidade em uma versão para utilizar em sala de aula. Optamos por agregar sugestões de respostas e orientações ao professor em negrito, com fonte menor e na cor azul, com a finalidade de auxiliá-lo.

Título: A abordagem da intertextualidade voltada para o 7º ano

Ano/série: 7º ano - Ensino Fundamental

Número de aulas previstas: 12 aulas de cinquenta minutos

Práticas de linguagem¹⁶: Análise Linguística (intertextualidade), Leitura (conto e causo), Oralidade (contação de causos).

Objetos de conhecimento: Apreender o sentido geral dos textos, Escuta, Estratégias de leitura, Relação entre textos.

Conteúdos: Contos e suas características; Causos e suas características; Contação de causos; Intertextualidade.

Objetivos da Unidade:

- Explorar contos e causos de fácil circulação na internet;
- Analisar o papel da intertextualidade em duas produções que compõem o livro *Contos e Causos do Ouro Verde*, relacionando-os com outros textos;
- Comparar os elementos intertextuais e interdiscursivos que permeiam os textos analisados, por meio de itens lexicais;
- Aplicar o conceito de intertextualidade em sala de aula, buscando contemplar as produções escritas por alunos.

1º MOMENTO: O GÊNERO CONTO (3 aulas)

Professor, procure conversar com a turma. Questione e instigue os alunos a interagirem.

Para começo de conversa

Estudante, neste momento, você vai trabalhar com o gênero conto, seus elementos composicionais e suas características.

Vamos conversar sobre o conto?

¹⁶ Os termos Práticas de linguagem, Objetos de conhecimento e os Conteúdos seguem a nomenclatura adotada pela BNCC (2018).

1. O que vocês entendem por “conto”?
2. Quando falamos em “contos populares”, o que isso significa?
3. Recordam-se de narrativas que sejam exemplos disso?

Questões 1 a 3: Respostas pessoais.

Atividade para ser realizada oralmente. Sugere-se instigar os alunos a participarem da discussão, expondo seus conhecimentos prévios sobre o assunto, procure exemplificar para que o estudante estabeleça relações de sentido entre as expressões: contos e populares, associando com histórias conhecidas, por exemplo: “A menina dos brincos de ouro”, “O menino e o padre”, “A menina enterrada viva” e “A sopa de pedra”.

A seguir, apresentamos um conhecido conto popular, “A cumbuca de ouro e os marimbondos”, de autoria desconhecida. Seu professor irá comentar sobre isso.

Professor, explique à turma que, nesses contos, por se tratar de narrativas que são contadas e recontadas, é comum haver controvérsia quanto à sua autoria, assim como versões atribuídas a mais autores, ou, ainda, com a informação que corresponde a criação desconhecida. Comente que, neste primeiro momento, trabalharemos com três contos distintos, para que o aluno observe as diferenças (temas) e as semelhanças (quanto à estrutura) entre eles.

Cite outros exemplos de contos populares, como “O menino e o padre”, “A raposa e o homem” e “Sopa de pedras”.

Agora que seu professor já esclareceu as dúvidas sobre contos populares, vamos à leitura:

Lembramos que o diálogo estabelecido nesta unidade tem o aluno como interlocutor.

A CUMBUCA DE OURO E OS MARIMBONDOS

Havia dois homens, um rico e outro pobre, que gostavam de pregar peças um ao outro. Foi o compadre pobre à casa do rico pedir um pedaço de terra para fazer uma roça. O rico, para fazer peça ao outro, lhe deu a pior terra que tinha. Logo que o pobre teve o sim, foi para a casa dizer à mulher, e foram ambos ver o terreno.

Chegando lá nas matas, o marido viu uma **cumbuca** de ouro, e, como era em terras do compadre rico, o pobre não a quis levar para a casa, e foi dizer ao outro que em suas matas havia aquela riqueza. O rico ficou logo todo agitado, e não quis que o compadre trabalhasse mais nas suas terras. Quando o pobre se retirou, o outro largou-se com a sua mulher para as matas a ver a grande riqueza.

Chegando lá, o que achou foi uma grande casa de **marimbondos**; meteu-a numa mochila e tomou o caminho do mocambo do pobre, e logo que o avistou foi gritando: “Ó compadre, fecha as portas, e deixa somente uma banda da janela aberta!”

O compadre assim fez, e o rico, chegando perto da janela, atirou a casa de marimbondos dentro da casa do amigo, e gritou: “Fecha a janela, compadre!” Mas os marimbondos bateram no chão, transformaram-se em moedas de ouro, e o pobre chamou a mulher e os filhos para as ajuntar.

O ricaço gritava então: “Ó compadre, abra a porta!” Ao que o outro respondia: “Deixe-me, que os marimbondos estão-me matando!” E assim ficou o pobre rico, e o rico ridículo.

Glossário:

Cumbuca: um tipo de vaso ou tigela com uma abertura utilizado para carregar alimentos ou líquidos.

Marimbondo: um tipo de vespa.

Autoria desconhecida

Fonte: Conto Popular (2007)

Professor, explique para os alunos que existem elementos que contribuem para a definição do gênero conto, os quais serão descritos a seguir.

OS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO GÊNERO

Os contos são narrativas consideradas curtas, costumam ser escritos no passado, apresentam poucas personagens e, geralmente, apenas um conflito¹⁷. Dentre os elementos do conto, temos: personagem, tempo, espaço, narrador e enredo, descritos na sequência:

1. **Personagem:** Seres envolvidos na narrativa, que praticam ou sofrem a ação.
2. **Tempo:** Período em que aconteceu ou duração.
3. **Espaço:** Local em que a história ocorreu.
4. **Narrador:** Aquele que conta a história, mas nem sempre participa dela.
5. **Enredo:** A sequência de acontecimentos.

Também é importante explicar que, quanto à estrutura, o conto costuma apresentar a seguinte estrutura:

6. **Situação inicial:** Apresentação da história, personagens, tempo e espaço.
7. **Conflito:** O problema que irá nortear todo o texto.
8. **Clímax:** Momento que causa tensão na narrativa.
9. **Desfecho:** Corresponde ao final da história, em que se costuma apresentar a solução do conflito.

Professor, realize, junto com a classe, a identificação dos elementos e da estrutura do conto “A cumbuca de ouro e os marimbondos”, segundo consta no quadro a seguir:

Tais atividades podem ser feitas no quadro junto com a turma.

1. Vamos identificar, no conto “A cumbuca de ouro e os marimbondos”, os elementos constitutivos do gênero conto. **Sugestões:**

a. **Personagens:** O pobre, a esposa e os filhos, e o ricoço.

¹⁷ Os itens descritos como elementos do conto são baseados nos estudos realizados acerca desse gênero pelo professor e pesquisador Massaud Moisés (2006), em sua obra *A criação literária*.

- b. Tempo: **Passado, não está explícito o tempo exato.**
- c. Espaço: **Na casa de ambos e na mata.**
- d. Narrador: **Narrador observador – foco narrativo em 3ª pessoa.**
- e. Enredo: **Havia dois compadres, um rico e outro pobre. Após o pobre pedir um pedaço de terra para trabalhar, começam os problemas, pois, lá, encontrou uma cumbuca de ouro, mas, como a terra pertencia ao amigo, decidiu voltar e contar a ele sobre a cumbuca. Então, o rico o expulsou e partiu para a mata em busca da tal cumbuca.**

Para sua frustração, lá, encontrou apenas uma casa de marimbondos. Enfurecido, resolveu vingar-se do compadre e atirou-a dentro da casa do pobre. Porém, ao caírem no chão, os marimbondos se transformaram em moedas de ouro. Com isso, o pobre ficou rico, enquanto o rico fez papel de idiota.

2. Agora, vamos identificar no conto lido: **Sugestões:**

- a. Situação inicial: **Dois compadres que gostavam de pregar peças um no outro.**
- b. Conflito: **Quando o pobre vê a suposta cumbuca de ouro e volta para contar a novidade.**
- c. Clímax: **Quando o rico joga a casa de marimbondos dentro da casa do pobre.**
- d. Desfecho: **O sujeito pobre ficou rico, devido à casa de marimbondos e à ganância do amigo.**

Você acabou de ler um conto popular. A seguir, você fará a leitura e discussão, sob as orientações de seu professor, de outros contos. Primeiro, temos o “Conto de mistério”, de Stanislaw Ponte Preta.

Professor, se preferir, antes de apresentar o conto escrito à turma, faça uma leitura e peça que fechem os olhos e imaginem a cena. Leia de maneira dramatizada, a fim de causar expectativa no aluno, aguçando a curiosidade; levante questionamentos e, somente depois, revele o desfecho.

Texto 1

CONTO DE MISTÉRIO

Com a gola do paletó levantada e a aba do chapéu abaixada, caminhando pelos cantos escuros, era quase impossível qualquer pessoa que cruzasse com ele ver seu rosto. No local combinado, parou e fez o sinal que tinham já estipulado à maneira de senha. Parou debaixo do poste, acendeu o cigarro e soltou a fumaça em três baforadas compassadas. Imediatamente um sujeito mal-encarado, que se encontrava no café em frente, ajeitou a gravata e cuspiu de banda.

Era aquele. Atravessou cautelosamente a rua, entrou no café e pediu um guaraná. O outro sorriu e se aproximou: “Siga-me!” – foi a ordem dada com voz **cavernosa**. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num **beco** úmido e mal iluminado e ele – a uma distância de uns dez a doze passos – entrou também.

Ali parecia não haver ninguém. O silêncio era **sepulcral**. Mas o homem que ia na frente olhou em volta, certificou-se de que não havia ninguém de tocaia e bateu numa janela. Logo uma dobradiça gemeu e a porta abriu-se discretamente.

Entraram os dois e deram numa sala pequena e enfumaçada onde, no centro, via-se uma mesa cheia de pequenos pacotes. Por trás dela um sujeito de barba crescida, roupas humildes e ar de pobre trabalhador parecia ter medo do que ia fazer. Não hesitou – porém – quando o homem que entrara na frente apontou para o que entrara em seguida e disse: “É este”.

O que estava por trás da mesa pegou um dos pacotes e entregou ao que falara. Este passou o pacote para o outro e perguntou se trouxera o dinheiro. [...]

Saiu então sozinho, caminhando **rente** as paredes do beco. Quando alcançou uma rua mais clara, assoviou para um taxi que passava e mandou tocar a toda pressa para determinado endereço. O motorista obedeceu e, meia hora depois, entrava em casa a berrar para a mulher:

-- Julieta! Ó Julieta... consegui.

A mulher veio lá de dentro enxugando as mãos em um avental, a sorrir de felicidade. O marido colocou o pacote sobre a mesa, num ar **triunfal**. Ela abriu o pacote e verificou que o marido conseguira mesmo, depois de tanto esforço e economia, comprar aquilo que eles não viam há tanto tempo naquele barraco. Ali estava: um quilo de feijão.

Glossário:

Cavernosa: de som rouco

Beco: rua sem saída e estreita

Sepulcral: sinistro, assustador

Rente: próximo

Triunfal: vitorioso, comemorativo.

Fonte: PONTE PRETA, Stanislaw. Conto de mistério. In: **Dois amigos e um chato**. 25. ed. São Paulo: Moderna, 1986. p. 65-66.

Professor, sugerimos a realização de alguns questionamentos sobre o conto: o que está para acontecer? Será um crime? Uma briga? Algo grave? Terrível? Perigoso? Recomendamos que o professor deixe os alunos exporem suas expectativas. Em seguida, propomos algumas atividades para compreensão do texto.

Compreendendo o texto

1. Quem são os personagens dessa história? **O homem, o sujeito mal-encarado, Julieta (a esposa) e o sujeito de barba.**

2. Após ler o primeiro parágrafo, o que você pensou que iria acontecer? **Resposta pessoal. Espera-se que o aluno exponha suas expectativas, seria um crime, um assalto, possivelmente algo ilegal.**

3. Sobre a expressão: “*Siga-me! – foi a ordem dada com voz cavernosa. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num beco úmido e mal iluminado e ele*”. O que você achou que fosse acontecer? **Resposta pessoal. O estudante pode pensar que iriam tratar de um assunto particular, algo suspeito ou ilícito.**

4. O conto que você leu apresenta elementos de mistério. Cite alguns fatos ou expressões que demonstram isso. **Os locais onde acontecem os fatos, a escuridão, o vocabulário utilizado (sepulcral, cavernoso, beco), a preocupação de não ser descoberto.**

5. Quanto ao pacote. O que você achou que havia nele? **Resposta pessoal.**

6. Levante hipóteses: por que tanta cautela e discrição para a compra do conteúdo do pacote? **Provavelmente por se tratar de algo escasso, de alto valor.**

7. Afinal, qual é o desfecho dessa história? O que você achou dele? **Respostas pessoais.**

8. O conto realiza uma crítica. Qual seria essa crítica? **A crítica refere-se à alta dos preços dos alimentos, tornando um quilo de feijão, prato típico da família brasileira, um artigo de luxo, privilégio de poucos, uma raridade.**

Sugerimos comentar com a turma sobre o autor Stanislaw Ponte Preta, comentar o contexto de produção desse conto, elaborado durante o período ditatorial, no ano de 1964. Lembramos, também, que uma das características deste autor é o uso do sarcasmo para fazer uma crítica social.

Quanto às atividades, fica a critério do professor ler as questões e comentá-las ou deixar que o aluno faça primeiro. Faça a correção das atividades e o compartilhamento das respostas na turma.

O texto que você acabou de ler corresponde a um conto de Stanislaw Ponte Preta (1986), presente na obra intitulada *Dois amigos e um chato*. Uma das características desse autor é aliar o mistério e o humor à ironia, enquanto apresenta uma crítica social.

A seguir, você fará a leitura de outro conto que tem como personagem principal um menino chamado Lilico. Provavelmente, irá se identificar com o personagem.

Professor, oriente os alunos a fazerem uma leitura silenciosa e, na sequência, faça a leitura para a turma, questione e incentive-os a expor seu ponto de vista sobre o conto. Converse com eles sobre o enredo e as reflexões apresentadas.

Texto 2

UMA LIÇÃO INESPERADA

No último dia de férias, Lilico nem dormiu direito. Não via a hora de voltar à escola e rever os amigos. Acordou feliz da vida, tomou o café da manhã às pressas, pegou sua mochila e foi ao encontro deles. Abraçou-os à entrada da escola, mostrou

o relógio que ganhara de Natal, contou sobre sua viagem ao litoral. Depois ouviu as histórias dos amigos e divertiu-se com eles, o coração latejando de alegria.

Aos poucos, foi matando a saudade das descobertas que fazia ali, das meninas ruidosas, do azul e branco dos uniformes, daquele **burburinho** à beira do portão. Sentia-se como um peixe de volta ao mar. Mas, quando o sino anunciou o início das aulas, Lilico descobriu que caíra numa classe onde não havia nenhum de seus amigos.

Encontrou lá só gente estranha, que o observava dos pés à cabeça, em silêncio. Viu-se perdido e o sorriso que iluminava seu rosto se apagou. Antes de começar, a professora pediu que cada aluno se apresentasse. Aborrecido, Lilico estudava seus novos companheiros. Tinha um japonês de cabelos espetados com jeito de nerd. Uma garota de olhos azuis, vinda do Sul, pareceu-lhe fria e arrogante. Um menino alto, que quase bateu no teto quando se ergueu, dava toda a pinta de ser um bobo. E a menina que morava no sítio? A coitada comia palavras, olhava-os assustada, igual a um bicho-do-mato. O mulato, filho de pescador, falava arrastado, estalando a língua, com sotaque de malandro. E havia uns garotos com tatuagens, umas meninas usando óculos de lentes grossas, todos esquisitos aos olhos de Lilico. A professora? Tão diferente das que ele conhecera... Logo que soou o sinal para o recreio, Lilico saiu a mil por hora, à procura de seus antigos colegas.

Surpreendeu-se ao vê-los em roda, animados, junto aos estudantes que haviam conhecido horas antes. De volta à sala de aula, a professora passou uma tarefa em grupo. Lilico caiu com o japonês, a menina gaúcha, o mulato e o grandalhão. Começaram a conversar cheios de **cautela**, mas **paulatinamente** foram se soltando, a ponto de, ao fim do exercício, parecer que se conheciam há anos. Lilico descobriu que o japonês não era nerd, não: era ótimo em Matemática, mas tinha dificuldade em Português. A gaúcha, que lhe parecera tão metida, era gentil e o **mirava ternamente** com seus lindos olhos azuis. O mulato era um **caiçara** responsável, ajudava o pai desde criança e prometeu ensinar a todos os segredos de uma boa pescaria. O grandalhão não tinha nada de bobo. Raciocinava rapidamente e, com aquele tamanho, seria legal jogar basquete no time dele.

Lilico descobriu mais. Inclusive que o haviam achado mal-humorado quando ele se apresentara, mas já não pensavam assim. Então, mirou a menina do sítio e pensou no quanto seria bom conhecê-la. Devia saber tudo de passarinhos. Sim, justamente porque eram diferentes havia encanto nas pessoas. Se ele descobrira aquilo no primeiro dia de aula, quantas descobertas não haveriam de fazer no ano inteiro? E, como um lápis deslizando numa folha de papel, um sorriso se desenhava novamente no rosto de Lilico.

Glossário:

Burburinho: barulho

Cautela: com cuidado

Paulatinamente: aos poucos

Mirava: olhava

Ternamente: carinhosamente

Caiçara: descendente de indígena, negro ou português. Pescador.

Fonte: CARRASCOZA, João Anzanello. **Ler, entender, criar** – Língua Portuguesa – 6ª série. São Paulo: Ática, 2003. p. 179-180.

A seguir, estão atividades para compreensão textual que devem ser comentadas e corrigidas. Se preferir, pode atribuí-las como tarefa de casa.

Compreendendo o texto:

1. O conto “Uma lição inesperada” tem como protagonista um menino chamado Lilico. Com base na leitura realizada, como podemos caracterizá-lo quanto à sua personalidade? **Sugestões: curioso, ansioso, tímido, inseguro.**

2. Nesse conto, qual seria o conflito apresentado? **O menino estar cheio de expectativas para retornar à escola e rever os amigos.**

3. Como podemos descrever, brevemente, o enredo dessa narrativa? **Refere-se a um menino chamado Lilico, que estava ansioso para o retorno das aulas em um novo ano letivo e que fica chateado ao perceber que sua turma já não era a mesma. Inicialmente, o garoto fica decepcionado, mas, ao longo da narrativa, faz novos amigos e percebe que não devemos julgar os outros sem conhecê-los.**

4. O conto fala sobre as expectativas do menino sobre a volta às aulas, descrevendo alguns sentimentos e atitudes do garoto no último dia de férias. Você já vivenciou sentimentos como os de Lilico? Como costumam ser seus últimos dias de férias? Identificou-se com algumas das atitudes do garoto? **Resposta pessoal.**

5. Quanto ao primeiro dia de aula, você recorda de ter passado por situações semelhantes às do menino? Comente. **Resposta pessoal.**

6. Sobre os novos colegas, como foi a primeira impressão que Lilico teve? **Considerou os novos colegas estranhos, com cara de nerd, arrogante, bobo, malandro, esquisitos.**

7. Após a atividade em grupo, proposta pela professora, o menino mudou de ideia sobre eles. O que ocasionou essa mudança? **O fato de ter conversado, interagido com os novos colegas e desfeito a má impressão inicial.**

8. A situação vivida pelo garoto trouxe-lhe uma descoberta. Qual seria essa descoberta? **Aprendeu que não devemos julgar as outras pessoas; é preciso conhecê-las.**

9. Em sua opinião, é comum as pessoas julgarem as outras sem realmente conhecê-las? O que você pensa sobre isso? **Resposta pessoal.**

Espera-se que o aluno perceba que julgar as pessoas pela aparência é algo que costuma acontecer com frequência, embora as coisas não deveriam ser assim. Professor, caso ache apropriado, amplie essa discussão, instigando a turma a expressar seus pontos de vista sobre o assunto.

Estudante, você já deve ter ouvido falar em *paródia*. A seguir, apresentamos uma explicação sobre ela e, também, propomos a atividade 10.

Professor, na atividade 10, o aluno deve continuar a paródia.

A **paródia** é a criação de um novo texto com base em outro. Por exemplo, a partir de uma letra de música, é possível elaborar outra letra, que pode apresentar traços de ironia ou fazer uma crítica a determinado assunto. A paródia também pode ser criada a partir de outros gêneros, como poemas, tirinhas ou contos.

10. Vamos concluir a paródia elaborada a partir do conto “Uma lição inesperada”? Leia com atenção o trecho, dê continuidade a esta paródia e escolha um título adequado. **Lembre-se de que o aluno deve criar um novo título.**

Título:

O primeiro dia de retorno às aulas, principalmente depois do Natal e Ano Novo, gera uma certa ansiedade nos alunos. Lilico sempre foi extrovertido, mas, porém, ao perceber que alguns amiguinhos não estavam mais na escola e havia novos alunos, ficou muito chateado. Um dia, uma das alunas novas trouxe uma tartaruga para a escola e pediu para a professora se podia deixar sua amiguinha tartaruga ao seu lado da carteira.

A professora pensou e pensou e disse:

- Qual seria o motivo?

A menina disse:

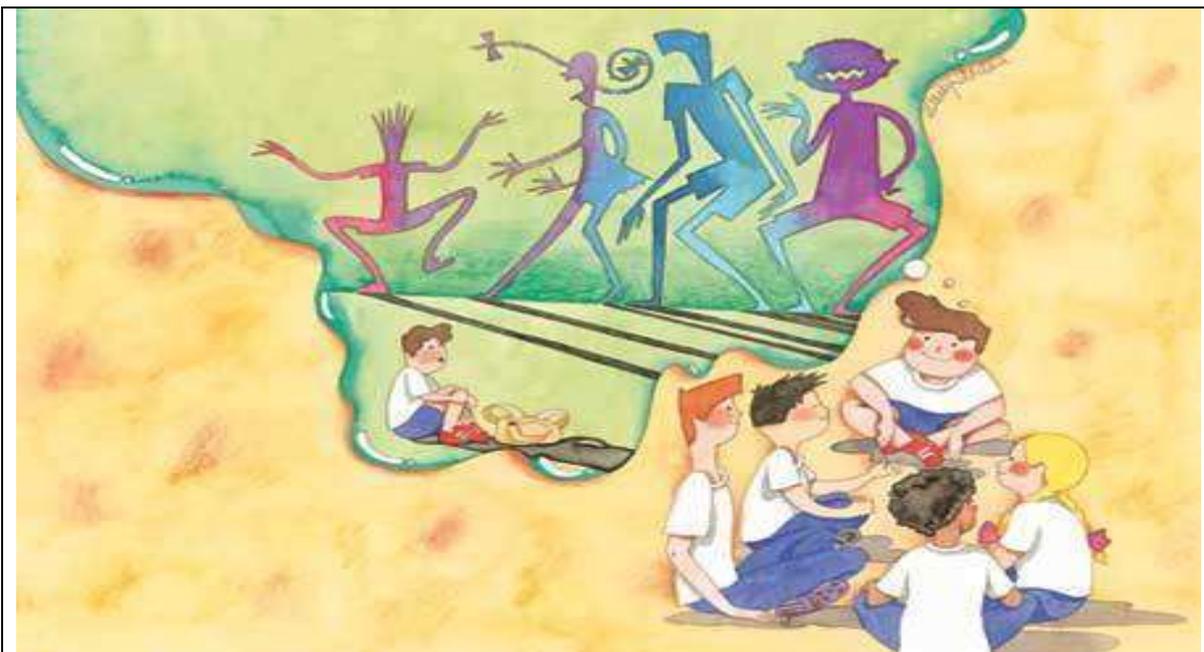
- Ela me dá muita sorte e eu sou nova aqui. Sinto saudade da minha outra escola e dos meus amiguinhos de sempre.

A professora, então, disse:

(continue a história). **Professor, você pode organizar duplas para a realização desta atividade e cada dupla pode ler a conclusão da paródia para a turma.**

Considera-se pertinente esclarecer que se propôs um exercício sobre a paródia, neste momento da sequência, para possibilitar ao estudante relacionar a presença de um texto em outro. O termo *paródia* terá maiores explicações no *Quarto Momento* desta unidade. Entretanto, a paródia é um conteúdo abordado pelas séries iniciais do fundamental, assim, provavelmente, o aluno já tem algum conhecimento prévio sobre o assunto.

Caro estudante, observe atentamente a ilustração produzida por Daisy Sartori (2010), disponível na internet, e responda à atividade 11, relacionando quais são as semelhanças entre elas e o conto “Uma lição inesperada”.



Por Daisy Sartori (2010)

Fonte: Nova Escola (2010)

11. Que elementos presentes na ilustração nos lembram o conto do personagem Lilico? Aponte-os. **Espera-se que o aluno perceba que a ilustração retrata a situação vivida pelo personagem Lilico, descrevendo o que passava nos pensamentos dele antes de conviver com os novos colegas, julgando sem realmente conhecê-los.**

** Estudante, como você pôde perceber, há uma relação entre o conto e a imagem, na qual existem elementos em comum, já que ela retrata a situação vivida por Lilico, apresentando, inclusive, alguns pensamentos expressados no conto, sobre os anseios do menino antes de conhecer os novos colegas. A essa relação entre os textos, dá-se o nome de **INTERTEXTUALIDADE**, a qual iremos aprofundar durante a unidade.*

Professor, sugerimos que você esclareça à turma sobre as relações entre os dois textos, mencionando que se trata de um processo de intertextualidade, para que o aluno vá construindo e observando a relação presente entre um texto e outro.

Prezado estudante, concluímos o *Primeiro momento* desta unidade. A seguir, apresentamos o *Segundo momento*, que aborda alguns casos para análise. Neles, também estão implícitas relações de *intertextualidade*.

2º MOMENTO: O CAUSO (3 aulas)

Atividades para serem respondidas oralmente.

Questões de 1 a 6: respostas pessoais.

Para começo de conversa

Nesta etapa, você poderá saber mais sobre o gênero causo, seus elementos composicionais e suas características. Há vários gêneros nascidos da tradição oral, responsáveis por transmitir a cultura, as crenças e as histórias de um povo.

Vamos conversar sobre o causo?

1. O que vocês entendem por um causo?
2. Quem costuma contar causos?
3. Você acha que há pessoas que ainda contam causos?
4. Sobre quais assuntos eles tratam?
5. Qual seria a finalidade desse gênero?
6. Na sua família ou na família de seus amigos, há quem conte causos?
7. Você poderia transcrever algum desses causos?

Sugere-se que o professor questione, comente, auxilie o estudante a recordar narrativas que exemplifiquem os causos. Essas atividades podem ser feitas oralmente. Professor, oriente o aluno a observar, durante a leitura, a linguagem utilizada neste causo e a utilizada no próximo, a fim de demonstrar que, em um causo, pode aparecer uma linguagem mais formal, informal ou regional.

A seguir, você fará a leitura de um texto pertencente ao gênero causo, escrito por Antônio Henrique Weitzel e, na sequência, lerá o quadro *Elementos do causo*, o qual apresenta uma definição do gênero.

Texto 1

O DEFUNTO VIVO

Em alguns **arraiais** do interior mineiro, quando morria alguém, costumavam buscar o caixão na cidade vizinha, de caminhão. Certa feita, vinha pela estrada um caminhão com sua **lúgubre** encomenda, quando alguém fez sinal, pedindo carona. O motorista parou.

- Se você não se incomodar de ir na carroceria, junto ao caixão, pode subir.

O homem disse que não tinha importância, que estava com pressa. Agradeceu e subiu. E a viagem prosseguiu.

Nisto começa a chover. O homem, não tendo onde se esconder da chuva, vendo o caixão vazio, achou melhor deitar-se dentro dele, fechando a tampa, para melhor abrigar-se. Com o balanço da viagem, logo pegou no sono.

Mais na frente, outra pessoa pediu carona. O motorista falou:

-Se você não se importa de viajar com o outro que está lá em cima, pode subir.

O segundo homem subiu no caminhão. Embora achasse desagradável viajar com um defunto num caixão, era melhor que ir a pé para o povoado.

De tempos em tempos, novos caronas subiam na carroceria, sentavam-se respeitosos em silêncio, em volta do caixão, enquanto seguiam viagem.

Avizinhando-se o arraial, ao passar num buraco da estrada, um tremendo solavanco sacode o caixão e desperta o dorminhoco que se escondera da chuva dentro dele.

Levantando devagarinho a tampa do caixão e pondo a palma da mão para fora, fala em voz alta:

-Será que já passou a chuva?

Foi um corre-corre dos diabos. Não ficou um em cima do caminhão. Dizem que tem gente correndo até hoje.

Glossário:

Arraiais: locais com pequena povoação, lugarejo.

Lúgubre: relacionado aos funerais e à morte.

Fonte: WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore literário e linguístico**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.

OS ELEMENTOS DO CAUSO

Os causos são narrativas típicas da oralidade, contadas, em geral, de maneira informal, preservando o modo de falar da região ou comunidade.

As pessoas que costumam contar essas histórias são chamadas de **contadores de causos**. Para deixar a narrativa mais atrativa, o contador usa estratégias, como gestos, entonação, sotaque e vocabulário regional, dependendo do tipo de causo (suspense, humor ou sobrenatural¹⁸).

Professor, esclareça a explicação apresentada, comente com a turma que, embora a modalidade oral costume predominar nos causos, ela não é a única possibilidade. Peça para os alunos observarem a linguagem e o vocabulário empregado no causo “O defunto vivo”, explique à turma que o próximo causo a ser lido apresenta uma linguagem informal, regional e repleta de variações linguísticas. A seguir, realize as atividades de compreensão textual e corrija com a turma. Caso prefira, encaminhe tais atividades como tarefa.

Fonte: Oliveira (2006), Pontes (2006) e Batista (2007)

¹⁸ Os itens descritos como características do gênero causo são baseados nos estudos de Oliveira (2006), Pontes (2006) e Batista (2007).

Compreendendo o texto

1. Em que espaço a narrativa ocorre? **No interior mineiro.**
2. O que ocasiona o humor no texto? **O suposto defunto abrir o caixão durante o trajeto.**
3. Esse texto faz você recordar outras histórias? Quais? **Resposta pessoal.**
4. Quanto à linguagem utilizada, é possível identificar expressões regionais que costumam fazer parte da linguagem falada. Identifique algumas. **Expressões como: certa feita, um corre-corre dos diabos, mais na frente, dizem que tem gente.**
5. Descreva quais são as características semelhantes às histórias que você recordou. **Resposta pessoal. Relacione notícias de pessoas enterradas vivas, memes, anedotas e expressões populares. No quadro a seguir, apresentamos um exemplo.**

E a intertextualidade, como fica neste momento?

Sugestão: comente com a turma sobre um costume do século XIX, em que algumas pessoas eram enterradas com cordões interligados a sinos, pois essa era a forma de comprovar a morte; caso o indivíduo não estivesse morto, ao acordar, dentro do caixão, mexeria na corda, tocando o sino e teria a possibilidade de ser resgatado. Inclusive, a expressão “salvo pelo gongo” teria surgido devido a tal costume. Isso aconteceu porque, ao desenterrar ossadas, perceberam que muitos ataúdes estavam arranhados, ou seja, os sujeitos foram enterrados com vida. Mostre ao aluno que é possível observar elementos intertextuais entre o caso, a expressão “salvo pelo gongo” e os defuntos vivos.

Professor, esclarecemos que os elementos intertextuais presentes parecem corresponder às categorias de intertextualidade temática e implícita (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012), já que depende de o leitor reconhecer outros intertextos. Salientamos que, caso o aluno não consiga estabelecer tal relação, cabe a você suscitar a intertextualidade.

Link: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-metodos-bizarros-para-comprovar-morte-na-era-vitoriana.phtml>

Seção para auxiliar o professor sobre a retomada de alguns conteúdos.

Para saber mais...

Linguagem formal: apresenta um vocabulário em que predomina a norma padrão.

Linguagem informal: apresenta um vocabulário em que predomina a linguagem coloquial, com gírias e expressões utilizadas na oralidade e no dia a dia dos sujeitos.

Varição linguística: representa os diversos modos de falar a mesma língua, dependendo da região, dos grupos sociais, da época ou do contexto comunicativo.

Fonte: Coelho *et al.* (2012)

Estudante, como você já viu anteriormente, o causo apresenta elementos estruturais, como *situação inicial*, *conflito*, *clímax* e *desfecho*, assim como no gênero conto. Na atividade a seguir, você deve identificá-los no causo “O defunto vivo”.

Professor, escreva ou projete a atividade a seguir, discuta com a turma a estrutura do causo e faça a resolução com a turma.

1. Vamos identificar, nos textos lidos, os seguintes elementos:

- a. Situação inicial: **Sugestões: vinha pela estrada um caminhão com sua lúgubre encomenda.**
- b. Conflito: **Quando o motorista dá carona para o sujeito que, para escapar da chuva, deita-se no caixão.**
- c. Clímax: **Quando o defunto-vivo abre o caixão, coloca a mão para fora e fala com os outros passageiros.**
- d. Desfecho: **Quando todos saltaram do caminhão em pânico.**

O texto que você acabou de ler utiliza uma linguagem simples, com predomínio da linguagem escrita, enquanto o texto a seguir preserva as características da linguagem oral e informal, típica dos contadores de causos, e as marcas da variação linguística regional.

Sobre variedade linguística, lembramos que a mesma língua apresenta variações, dependendo da região, época, contexto e do grupo de falantes envolvidos na situação comunicativa (COELHO *et al.*, 2012). Por exemplo, no Paraná, é comum usar o termo “mandioca”, enquanto, no Nordeste, prevalece “macaxeira”; já em alguns estados do Sudeste, é recorrente o termo “aipim”. Outro caso de variação seria “Nós vamos”, “Nós vai”, “A gente vai”, ou ainda “jaqueta” e “japona”.

Agora, sugerimos a leitura individual; depois, converse com seu professor para realizarem uma leitura dramatizada. Observe que, no causo, há a presença de variações linguísticas próprias da modalidade oral.

Professor, esclareça ao seu aluno que o causo anterior apresenta uma linguagem própria da oralidade, a qual foi preservada, a fim de manter características próprias do gênero.

Texto 2

NUM RANCHO ÀS MARGENS DO RIO PARDO

Era um matuto dos bons e vivia num rancho às margens do Rio Pardo, perto

de Cajuru. Seu Ico era o apelido dele. Acreditava em tudo que via e ouvia. E tinha opiniões muito firmes sobre coisas misteriosas. Adorava contar casos de assombração e outros bichos:

— Fui numa caçada de veado no primeiro dia da quaresma! Ai, ai, ai! Num pode caçá na quaresma, mas eu num sabia. Aí apareceu a assombração! Arma penada do otro mundo. E os cachorro disparô. Foro tudo pro corgo pra modi fugi da bicha... Veado que é bão nem nu pensamento, praque eis tamém pressintiru a penuria passanu ali pertu!

— Mas era assombração mesmo, seu Ico?

— Pois u que haverá di sê? Esse mundo é surtido!

Pois no mundo sortido do seu Ico também tinha saci!

— Quando é que o senhor viu saci, seu Ico?

— Ara! Vi a famia toda, num foi um saci só... Tinha o saci, a sacia gravi (ele queria dizer grávida), e os sacizim em riba da mãe, tudo pulano numa perna...

— E o que eles fizeram ou disseram pro senhor?

— Nada... O saci cachaço inda ofereceu brasa pro meu paiero (tradução: o saci-pai acendeu o cigarro de palha dele). Gardicido!, eu disse... e entrei pa dentro modi num vê mais as tranquera...

E mula sem cabeça? Ah, seu Ico garante que existe:

— Essa eu nunca vi, mas ouvi o rinchado dela umas par de veis... E otro que eu tamém vi foi o tar de lobisome! Ê bicho fei! Mai num feis nada... desvirô num cachorro preto e sumiu presse mundão de meu Deus. Agora, em dia de pescaria, aparece muito é caboco-d'água. Um caboquim pretim e jeitado que mora dentro do rio... Ah, e tem que vê tamém o caapora. Grandão qui nem ele só, com um corpo peludo. Bichu fei! E o curupira! Vichi Maria, é fei dimais, tem pé virado pa trais...

— E com tudo isso o senhor ainda se arrisca a ir pro meio do mato, seu Ico?

— Pois vô sem medo! Qué sabê? - Dá uma gargalhada rouca e faz um ar maroto. - Qual! Tenho muito, mais muito mais medo é de gente vivo!

Fonte: Equipe Xico da Kafua (2007)

Caso prefira, atribua estas atividades como tarefa.

Compreendendo o texto

1. Quem é o contador nessa história? **Um narrador que também participa da história.**
2. Com quem o contador dialoga? **O caso apresenta um narrador personagem (conta a história e participa dela) que dialoga com Seu Ico.**
3. No texto anterior, algumas expressões podem soar estranhas, por corresponderem a expressões regionais. Quais palavras ou expressões você não conhece? **Resposta pessoal. Respostas possíveis: matuto, penúria, rinchado.**
4. O caso preserva expressões próprias da linguagem oral. Cite alguns exemplos. **“Ai, ai, ai”, “ah”, “mas eu num sabia”, “ara”, “umas par de veis”, “a ir pro meio do mato”.**
5. O contador faz menção a histórias pertencentes ao Folclore Brasileiro. Quais? **Saci Pererê, Caipora, Curupira, Mula-sem-cabeça, Negro d'água.**

Sugestão de site com algumas estórias do Folclore Brasileiro:
<https://www.todamateria.com.br/lendas-do-folclore/>

Para saber mais...

Para aprofundar os conhecimentos sobre o causo, sugere-se assistir aos vídeos listados a seguir, nos quais Rolado Boldrin conta dois causos.

A PROCISSÃO (ROLANDO BOLDRIN)

Link: https://youtu.be/QvkwDH_ewWo

Sugestões: Professor, comente com a turma sobre Rolando Boldrin.

A MARIQUINHA TEIMOSA (ROLANDO BOLDRIN)

Link: <https://youtu.be/9VOH9O07m0w>

ROLANDO BOLDRIN

Rolando Boldrin nasceu no dia 22 de outubro de 1936, em São Joaquim da Barra, São Paulo. Contador de causos, cantor, compositor, músico, ator, apresentador e pesquisador da cultura brasileira, considerado um dos maiores representantes do gênero causo no Brasil. Com 60 anos de carreira, Rolando Boldrin possui 174 obras, entre discos, composições, peças teatrais, atuou em filmes e novelas, programas de TV e emissoras de rádio.

Fonte: www.rolandroboldrin.com.br. Acesso em 13 jun. de 2022.

Se necessário, assista mais vezes aos vídeos, enfatize os gestos, as mudanças no tom de voz, a maneira utilizada pelos contadores para deixar o causo com teor de suspense, humor, sobrenatural, dependendo do tipo de causo, o vocabulário utilizado.

Sobre os vídeos:

A procissão: Nessa história, Rolando relata o causo de uma procissão que acontecia tranquilamente, até aparecer um ônibus descontrolado (jardineira), fazendo com que o padre que entoava a reza, ao ver o perigo que se aproxima, tente alertar os fiéis, gritando “jardineira”, ocasionando uma situação inusitada.

A mariquinha teimosa: Neste causo, Rolando conta a história de uma jovem de temperamento forte, chamada Mariquinha, que nem mesmo após a morte deixa de ser teimosa.

Fonte: Youtube (2022)

Professor, a seguir, propomos a realização de contação de causos. Sugerimos dispor a turma em círculo, orientá-los sobre a entonação, linguagem corporal, modo de falar e, então,

realizar a contação. Haverá alunos que não contarão nenhum caso, devido à timidez, porém, outros relatarão mais histórias. Ao concluir a contação, o professor pode realizar uma reflexão com a turma sobre o gênero, as características e a estrutura.

CONTAÇÃO DE CAUSOS

Na próxima aula, faremos uma atividade de contação de causos. Cada aluno deverá contar ao menos uma história. Então, converse com seus pais, avós ou vizinhos e peça para eles contarem histórias da infância, da comunidade, engraçadas, de suspense ou com elementos sobrenaturais.

3º MOMENTO: CONTOS E CAUSOS DO OURO VERDE (3 aulas)

Para começo de conversa

Salienta-se que fica a critério do professor utilizar estes questionamentos ou adaptá-los à realidade de sua turma.

Agora, seu professor irá comentar sobre um livro produzido por alunos de sua escola, no ano de 2004, intitulado *Contos e causos do Ouro Verde*.

1. Vocês recordam do livro produzido pela escola, que relata histórias da Comunidade?
2. Alguns de vocês possuem o livro em casa?
3. Quais têm familiares que participaram da produção do livro ou relataram alguma história?
4. Recordam-se de algumas histórias do livro? **Questões 1 a 4: Respostas pessoais.**

Sugere-se que os alunos respondam a essas atividades oralmente.

A seguir, você receberá cópias de duas produções presentes no livro *Contos e causos do Ouro Verde* (2004), para que faça a leitura. Perceba que as duas produções apresentam temáticas relacionadas à escola e formação da comunidade, além de apresentarem semelhanças com as histórias contadas no segundo momento. (*Tempo estimado para leitura: 30 minutos*).

Professor, comente com a turma que, devido à orientação dos professores responsáveis pela produção em 2004, as duas produções lidas, assim como outras presentes no livro, suscitaram a intertextualidade, por uma questão temática, o que foi, provavelmente, consequência da abordagem docente.

No texto produzido por Carolina Balin Cucchi, com base na história contada pelo avô, também no ano de 2004, há uma descrição da história da comunidade, dentre os quais figura a construção da primeira escola, feita na década de 1960, que tinha somente uma professora.

Texto 1

CONTOS DO MEU AVÔ

Sou natural de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, cheguei nesse lugar no ano de 1953, no Distrito de Nova Lourdes, moramos lá por uns 6 anos, depois mudamos para cá onde se deu o nome de Ouro Verde porque tinha muitos pinheiros e era a riqueza natural da época.

A madeira para fazer nossa casa foi arrastada com cavalo e foi construída com madeira lascada, como todas as casas construídas na época.

As estradas eram feitas com picaretas, arada de boi. Nosso único meio de transporte era cavalo e carro de boi.

A terra foi comprada com direito de posse, pois naquele tempo as terras não possuíam documentos, era comprado o direito de posse e as divisas eram separadas por picadas e rios.

Nossos principais produtos agrícolas eram o milho, arroz e feijão. Os animais eram bois, cavalos e porcos, eram criados soltos. No momento da venda, os animais eram tocados até Guarapuava.

O arroz e o feijão eram produzidos para o consumo. A carne era peixe, caça de animais selvagens, porco, galinha, ovos e outros. As roupas eram lavadas em cima de uma tábua no rio e o sabão era feito em casa. Para a limpeza da casa e do assoalho eram utilizados palha, xaxim e cinza.

As programações de missa eram de 6 em 6 meses, pois o padre morava longe e vinha a cavalo. Nossa comunidade não tinha igreja, então as celebrações, batizados e casamentos eram realizados nas casas. As escolas eram construídas pelos pais e os professores eram pagos por eles também. Os materiais eram lousa e giz, a merenda era levada de casa e a limpeza era feita pela professora e alunos.

Naquele tempo não existia posto de saúde, o hospital mais próximo era em Pato Branco. Em São João havia somente uma farmácia com poucos medicamentos, muitas pessoas que moravam longe até morriam por falta de transporte.

Entrevistado: H. B., 72 anos.

Aluna: Carolina Ballin

Fonte: Borsati e Cucchi (2004)

Professor, após a leitura, questione os alunos, incentive-os a fazer contribuições, dialogar com os pais e recordar histórias com temáticas afins.

Vejam agora o Texto 2, “História do Ouro Verde”, escrito por Daiani Augustin. Você perceberá alguns fatos em comum mencionados no texto anterior.

Texto 2

HISTÓRIA DO OURO VERDE

Em 1960, veio o Prefeito de Chopinzinho para escolher o lugar onde seria construída a primeira escola. As madeiras para a construção da escola eram puxadas da localidade de Marco Zero. Em seis meses a escola ficou pronta. A primeira professora foi Analice Pereira casada com Alduíno Lemes. Em média 40 alunos estudavam na escola.

Naquele tempo, a escola não tinha um nome como hoje. Ela era conhecida como Escola do Ouro Verde, só tinha uma professora para todas as séries e todos estudavam na mesma sala. Os alunos tinham intervalo, mas não tinham lanche fornecido pela escola, os alunos traziam de casa.

Naquela época, era difícil chegar até a escola, mas mesmo assim, os alunos vinham com muita alegria e disposição para aprender.

Entrevistada: J. K.

Aluna: Daiani Augustin

Fonte: Borsati e Cucchi (2004)

Na sequência, sugerimos questionamentos orais sobre as duas produções lidas. Indicamos ao professor que promova uma discussão com a turma sobre os elementos em comum nos textos, tais como: número de professores, alunos, turmas, formação dos professores, direção, limpeza, merenda, energia elétrica, meios de transporte, boa infraestrutura e recursos didáticos. A seguir, estão as questões:

Depois de ler e comentar os textos, incentive os alunos a apontarem aspectos semelhantes nas produções lidas, que correspondam à intertextualidade. **Professor, por tratarem de temáticas semelhantes, pode-se dizer que, aqui, são estabelecidas formas intertextuais implícitas e temáticas. No quarto momento, tratamos das relações intertextuais com mais ênfase.**

Questionamentos pós-leitura: Professor, faça oralmente as questões 1, 2 e 3.

1. Qual história lhe chamou mais a atenção? **Resposta pessoal.**
2. Quais assuntos são tratados nas histórias? **Espera-se que os alunos percebam que há histórias que envolvem o sobrenatural, formação da comunidade Ouro Verde, costumes e crenças.**

3. Percebeu elementos semelhantes entre os contos e causos que lemos em aulas anteriores? **Respostas possíveis: Espera-se que o aluno relacione a linguagem utilizada nos causos, recorde-se da narrativa “Uma lição inesperada” (lida no primeiro momento), os temas em comum com os textos lidos anteriormente, como a escola.**

4. Vamos montar um quadro comparativo entre alguns dos textos lidos, apontando semelhanças, diferenças e temas afins. Para a realização dessa atividade, você pode formar dupla com seu colega. Juntos, discutam e preencham a tabela a seguir, sobre os textos que tratam sobre a escola. **Para a resolução dessa atividade, o professor deve conhecer as histórias do livro, a fim de auxiliar o estudante. Pode combinar com a turma e fazer a resolução junto com eles ou dividi-los em grupos. Na atividade 4, recomendamos que o aluno escreva.**

Estudante, para a atividade 4, sugere-se a construção de uma tabela, nos moldes do quadro a seguir, para que preencha. Com isso, pretende-se facilitar a realização da atividade.

Sugestão de tabela para comparação dos textos a serem analisados:

Título do texto: **Sugestões para o Texto 1: Contos do meu avô. Texto 2: História do Ouro Verde.**

Tema/ Assunto: **1. O narrador descreve como era a vida dele, o modo de sustento, o acesso à saúde e à educação. 2. Construção da primeira escola.**

Tempo: **1. Passado, de 1953 em diante. 2. Passado, 1960.**

Expressões que denotam informalidade, variação linguística: **1. “Picadas”, “arada de boi”. 2. “Madeiras eram puxadas”.**

Algum fato curioso: **1. As celebrações religiosas aconteciam nas casas duas vezes ao ano; os pais construía as escolas e pagavam os professores; lavava-se a roupa na beira de rios; para limpeza da casa, utilizavam palha, xaxim e cinza. 2. A escola não tinha um nome como atualmente.**

Fatos mencionados sobre professores: **1. Eram pagos pelos pais, preparavam a merenda e limpavam a escola. 2. Havia apenas uma professora.**

Rotina escolar: **1. Alunos ajudavam na limpeza. 2. Merenda trazida de casa.**

Meios de transporte: **1. Cavalo e carro de boi. 2. Só menciona que era difícil para chegar à escola.**

Infraestrutura escolar: **1. Construía pelos pais. 2. Sem muitos recursos.**

Recursos didáticos: **1. Lousa e giz. 2. Não menciona.**

Turmas: **1. Multisseriadas. 2. Multisseriadas.**

Professor, comente os elementos apontados neste exercício e escreva as anotações necessárias no quadro.

Sobre a atividade 5: sugerimos a produção de uma ilustração que faça alusão aos textos lidos. Para isso, o aluno pode ter como base a tabela feita. Com essa atividade, pretendemos explorar a intertextualidade por meio da alusão, forma intertextual menos marcada, que remete ao texto-fonte por meio de pistas e sugestões (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017). Com isso, pretende-se mostrar aos alunos que a intertextualidade pode manifestar-se também em textos imagéticos.

Estudante, para concluir este momento da unidade, na sequência, apresentamos, na atividade 5, a produção de uma ilustração que represente alguns dos itens descritos na atividade anterior.

5. Com base na tabela elaborada, produza uma ilustração em que sejam representados elementos alusivos aos textos. **Professor, esclareça aos alunos que, aqui, propomos uma atividade que também expressa a intertextualidade, pois a ilustração será feita em alusão aos textos lidos.**

Estudante, é importante que você observe os elementos comuns nos textos, aspectos que remetem a outros textos, lembrando que isso se chama *intertextualidade*, definida como a relação entre textos, fator este que ocorre em muitos gêneros textuais e que abordamos ao longo desta unidade.

Chegamos ao *Quarto momento* dela. Nele, procuramos aprofundar as reflexões sobre os elementos intertextuais presentes em outros gêneros (foto, anúncios, ditados populares), conhecer e produzir enunciados em que a intertextualidade está presente.

4º MOMENTO: VAMOS EXPLORAR A INTERTEXTUALIDADE (3 aulas)

Caro estudante, neste momento, iremos analisar uma fotografia, na qual poderemos perceber elementos relacionados aos textos “Contos do meu avô” e “História do Ouro Verde”, lidos no 3º momento desta unidade.

A seguir, apresentamos a foto. Observe atentamente:

Foto 1 - Escola Estadual do Campo Dom Pedro I – EF e Escola Municipal São Pedro -EIEF (2022)



Fonte: Acervo da autora (2022)

Após a leitura da imagem, sugerimos as atividades de pós-leitura. O intuito é comparar e identificar elementos intertextuais de semelhanças e diferenças entre os três textos, sobre como era a escola antigamente e como está na atualidade. Professor, promova uma conversa com a turma para partilhar as respostas obtidas.

Questionamentos pós-leitura:

1. Qual é o elemento presente na fotografia e nos textos? **O elemento presente nos textos e na imagem é a escola.**

2. A imagem e os textos tratam sobre a escola em períodos diferentes. Com base nisso, responda às questões a seguir:

a. A foto parece pertencer a que época? Como você concluiu isso? **Trata-se de uma foto atual, fato que o aluno poderá observar pela fonte e, também, por conhecer a escola.**

b. Quais são os elementos comuns presentes na Foto 1 e no texto “História do Ouro Verde”? **Espera-se que o aluno observe que a primeira escola foi construída em madeira, o nome era outro, havia apenas uma professora que ministrava aula para todos os alunos, traziam o lanche, pois não havia na escola.**

c. Ao ler os textos, é possível comparar a escola de antigamente com a de hoje. Quais são as maiores mudanças, em sua opinião? **Espera-se que o aluno perceba as melhorias com relação à infraestrutura (antes madeira, agora alvenaria), a ampliação do prédio**

escolar, revitalização da fachada, mudança relacionada às disciplinas, ao número de professores, ao transporte, recursos tecnológicos disponíveis.

Caro professor, antes de darmos prosseguimento ao *Quarto momento*, gostaríamos de que considerasse os esclarecimentos, direcionados a você, em que contemplamos os principais gêneros e fenômenos intertextuais tratados durante a unidade, com o propósito de auxiliá-lo. Primeiramente, observa-se que o trabalho didático aqui proposto segue Koch (2003) e Cavalcante, Faria e Carvalho (2017).

1. O que é intertextualidade?

Tanto a produção (trata-se do trabalho do produtor do texto, falante ou escritor) quanto a recepção (do ponto de vista do leitor) de um texto dependem do conhecimento que se tenha de outros textos com os quais ele (o texto), de alguma forma, se relaciona. Essa forma de relacionamento entre textos pode ser, como se verá, bastante variada (KOCH, 2003). Ou seja, todo texto vai exigir, ou daquele que escreve ou daquele que lê, certo conhecimento que decorre de outros textos.

2. Intertextualidade pode ser observada em sentido amplo ou restrito.

O produtor do texto aciona conhecimento sobre outros textos de diversas formas. Para esta Unidade Didática, vamos considerar somente conceitos e categorias que possam ser aplicadas para uma turma de 7º ano.

2.1 Em sentido amplo, considera-se que todo o texto pode abrigar outros textos. Trata-se de uma presença menos perceptível, mas que pode ser verificada pela estrutura (narrativa, descritiva, dissertativa), pelo gênero (perfil social de circulação – carta, receita de bolo, conto, causo, petição) e mesmo pelo estilo de um autor (Stanislaw Ponte Preta prefere contos de mistério; os Titãs preferem rock e pop; Luís Fernando Veríssimo possui seu misto de humor e crítica) ou uma temática particular presente em diversos textos (pandemia, preservação do planeta, educação inclusiva etc.). Como essas questões aqui elencadas dependem de um processo contínuo de leitura, pode não ser tão simples perceber que um texto em particular esteja acionando, por exemplo, o estilo do Stanislaw Ponte Preta, caso determinado leitor não acompanhe o estilo desse autor em particular.

2.2 Em sentido restrito, é possível verificar a relação de um texto com outros textos previamente existentes, e, de certa forma, isso fica perceptível no processo de escritura do autor, embora não seja tão perceptível assim pelo leitor. Por isso, a estrutura composicional (narrativa ou dissertativa), para além do lexema, pode auxiliar no reconhecimento da intertextualidade que fica aparentemente particularizada.

3 Outra questão importante seria entender que a intertextualidade pode ser explícita ou implícita.

3.1 Será explícita, desde que o autor indique de maneira expressa que está trazendo um texto-fonte para o seu texto. Isso pode ocorrer por citação direta, por uma paráfrase anunciada, por discurso direto e indireto, por recuo da citação, por uma nota de rodapé, entre outras formas de anunciar que outro texto está presente na produção de um texto.

3.2 Quando não há pistas claras, a intertextualidade pode ser implícita, o que exigirá do leitor maior empenho em sua leitura.

4. Formalmente, apenas a intertextualidade estrita pode ser considerada.

Tipos de intertextualidade restrita

4.1 Pela inserção efetiva de partes de um texto em outro (por citação literal; por parafraseamento de conteúdo; por alusão – uma menção indireta, mas que se apresenta como uma pista).

Copresença:

a) citação: Pode ser percebida por verbo que introduz discurso direto e indireto, por dois pontos, aspas, itálico, recuo de margem, fonte reduzida, e trechos sempre literais;

b) parafraseamento: Reformulação de partes de um texto-fonte, que aparecem sob outra forma, em outro texto. Trata-se de reescrita que remete a enunciados anteriores, modificando-os parcial ou totalmente.

c) alusão estrita: Referência indireta, que se incorpora sutilmente. A alusão estrita favorece modificações formais no texto a que recorre, transformando-o para finalidades diversas.

4.2 Pela inserção de partes de um texto em outro, por meio da modificação de algum aspecto (forma, estilo ou conteúdo), mas sem que se percam elementos essenciais (semânticos) do texto-fonte. Consideramos, por exemplo, paródias: transformações que operam desvios de forma e/ou conteúdo, bem como dos propósitos de um texto-fonte, sempre com finalidade humorística, podendo ou não apresentar outras finalidades, como a crítico-apreciativa.

Na próxima seção, apresentamos o *détournement*, uma das formas da intertextualidade. Não achamos pertinente apresentar esta nomenclatura ao aluno, por isso, o título da seção é apenas “Explorando a intertextualidade”.

EXPLORANDO A INTERTEXTUALIDADE

Estudante, como você pôde perceber, os textos e a imagem estudados até agora apresentam elementos que os relacionam. A relação presente entre diferentes textos é chamada de **intertextualidade**.

Na sequência, traremos mais exemplos de intertextualidade, primeiramente, com algumas versões de ditados populares. Veja os exemplos:

“Quem ri por último é desatento”.

“Quem não deve, não deve”.

“Quem dá aos pobres, adeus”.

Professor, espera-se que o aluno perceba o tom irônico presente nos intertextos ao lado. Você pode complementar, estimulando a turma a expor o que compreendeu.

Agora, veja os ditados populares que deram origem a esses intertextos:

“Quem ri por último, ri melhor”.

“Quem não deve, não teme”.

“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”.

Professor, comente com seus alunos sobre o significado de tais ditados populares.

Sugestões:

“Quem ri por último, ri melhor”: saber esperar o momento certo para agir, ser paciente.

“Quem não deve, não teme”: se estou certo quanto a algo, agi de forma honesta, não tenho com o que me preocupar.

“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”: sempre que ajo de bom coração e ajudo ao próximo, é como se estivesse colaborando com Deus.

A **intertextualidade** pode estar presente em textos, poemas, músicas e imagens, como ferramenta para renovar o texto, podendo acrescentar um tom irônico ou crítico de maneira criativa. Também é um recurso utilizado para campanhas publicitárias.

A seguir, está uma atividade sobre essa categoria de intertextualidade:

1. Elabore intertextos com base nas expressões a seguir, como no exemplo:

Exemplo: Quem não deve, não teme: Quem não deve, não deve.

a. “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”: **Sugestões: “Quem com ferro fere sairá ferrado”.**

b. “Quem vê cara não vê coração”: **“Quem vê é porque não é cego”.**

c. “Os últimos serão os primeiros”: **“Os últimos perderão a vaga”.**

d. “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”: **“Mais vale uma abelha voando do que na minha mão”.**

Professor, o aluno tem liberdade para criar o intertexto; aqui, são apenas sugestões. Também é importante explicar que, nesses casos, a intertextualidade pode ocorrer devido à troca de fonemas, inversões, substituições ou supressões.

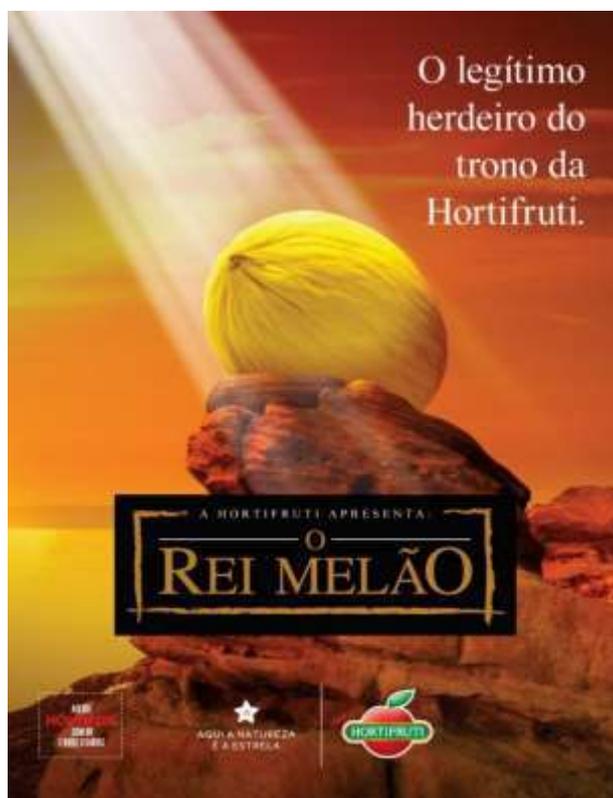
Na próxima seção, vamos explorar paródias produzidas em forma de anúncios publicitários da empresa Hortifruti, fazendo alusão a títulos de filmes.

EXPLORANDO A INTERTEXTUALIDADE: PARÓDIA

Estudante, você sabia que a paródia também é um exemplo de intertextualidade? Vamos recordar o que é paródia?

Paródia é a transformação de um texto verbal ou visual, que, em geral, possui finalidade humorística ou crítica (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017).

A seguir, você verá dois anúncios publicitários realizados pela empresa Hortifruti, em uma campanha chamada Hortiflix, que consistem em paródias produzidas a partir de dois clássicos do cinema.



Fonte: Hortifruti: Campanhas Hortiflix (entre 2016 e 2022)



Fonte: Hortifruti: Campanhas Hortiflix (entre 2016 e 2022)

Ao observar as imagens anteriores, percebemos uma relação (intertextualidade) entre os anúncios que nos fazem recordar de dois filmes famosos: *O Rei Leão* (1994) e *A Era do Gelo 4* (2012). Essa campanha, primeiramente chamada de Hollywood, realizada pela Hortifruti, teve grande destaque e durou mais de uma década, sendo responsável por ampliar o reconhecimento e fama da empresa Hortifruti. Nos últimos anos, a empresa adaptou a campanha baseada no design da Netflix, plataforma de *streaming*, e passou a chamá-la de Hortiflix. Esses são apenas dois exemplos que mostram a presença da intertextualidade.

A seguir está a seção “Para saber mais”, na qual apresentamos mais informações sobre os filmes, colaborando, assim, com o trabalho do professor.

Para saber mais...

***A Era do Gelo* constitui uma série de filmes de animação, criada em 2002, pela empresa norte-americana *Blue Sky Studios*. O enredo narra as aventuras vivenciadas por animais que viviam no período glacial. O anúncio utilizado tem como referência a quarta animação, produzida em 2012.**

***O Rei Leão* é um clássico de 1994, produzido pela Walt Disney Pictures, no qual o filhote de leão, Simba, herdeiro do trono, é vítima das armações de Scar, seu tio invejoso. A produção retrata a vida de Simba desde o nascimento até a vida adulta, quando, finalmente, retorna para casa e assume o trono.**

Links para mais informações: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-181059/>
<https://www.culturagenial.com/filme-o-rei-leao/>

Estudante, realize as atividades a seguir. Na atividade 2, você fará uma pesquisa na internet e, na atividade 3, dará continuidade a uma paródia.

2. Pesquise na internet outros exemplos de paródias elaboradas com base nas campanhas Hortiflix e Hollywood. Selecione no mínimo quatro exemplos e anote-os no caderno, juntamente com o texto original. **Sugestões:** “Milhons”, criado a partir de *Minnions*; “Mulher Marerilha”, criado a partir de *Mulher Maravilha*; “O mágico de Noz”, criado a partir de *O mágico de Oz*; “Chuchurek”, criado a partir de *Shrek* e “Batatas do Caribe”, criado a partir de *Piratas do Caribe*. Sugerimos que o estudante anote em seu caderno o *slogan* dos anúncios e identifique o texto que deu origem a eles.

3. Apresentamos o início de uma paródia produzida a partir do texto “Contos do meu avô”, lido anteriormente. Leia com atenção e acrescente um final para a paródia.

Contos de minha avó

Vim do Rio Grande do Sul, cheguei aqui por volta de 1950, onde mais tarde passou a se chamar Ouro Verde, pois havia muitos pinheiros naquela época.

Tudo era muito precário, para locomoção só havia carro de boi e cavalos; a terra não tinha documentos e as roupas eram lavadas na beira do rio. Para construir nossa casa, utilizamos madeira lascada, transportada pelos animais.

Naquele tempo... **Professor, auxilie o aluno para a continuação do texto; dê sugestões e exemplos, caso ele tenha dificuldade. Você pode sugerir que ele dê seguimento à paródia, pensando na história das avós dele.**

Na sequência, apresentamos outra forma de intertextualidade, a paráfrase. Como exemplo, selecionamos um trecho do texto “Contos do meu avô”, produzido por Cucchi (2004).

Professor, se necessário, mostre outros exemplos de paráfrase ou construa uma junto com a turma.

EXPLORANDO A INTERTEXTUALIDADE: PARÁFRASE

A paráfrase corresponde à reformulação de um texto, no qual as ideias principais são mantidas, porém, escritas com outras palavras. Esse recurso também representa uma forma de intertextualidade. A seguir, apresentamos um trecho de um causo lido anteriormente e, na sequência, uma paráfrase desse trecho.

Texto-fonte:

“[...] cheguei nesse lugar no ano de 1953, no Distrito de Nova Lourdes, moramos lá por uns 6 anos, depois mudamos para cá onde se deu o nome de Ouro Verde porque tinha muitos pinheiros e era a riqueza natural da época”.

Texto produzido por Carolina Ballin Cucchi

Paráfrase produzida:

O ano era 1953, o avô da autora que, primeiramente, residiu na comunidade de Nova Lourdes, por aproximadamente seis anos, mudou-se para um novo local, abundante em araucárias, daí o nome Ouro Verde.

Texto produzido por Géssica C. Diana

Atividade final

4. A seguir, apresentamos três fragmentos de textos abordados durante esta unidade. Produza uma paráfrase para cada trecho.

a. Trecho I

Naquele tempo, a escola não tinha um nome como hoje. Ela era conhecida como Escola do Ouro Verde, só tinha uma professora para todas as séries e todos estudavam na mesma sala. Os alunos tinham intervalo, mas não tinham lanche fornecido pela escola, os alunos traziam de casa.

Texto produzido por Daiani Augustin (2004).

Sugestão de resposta: trecho I

Eram outros tempos, a instituição era conhecida com o nome da localidade, Escola do Ouro Verde. Havia somente uma professora que ministrava aula para todas as turmas e cada aluno tinha que trazer seu lanche.

b. Trecho II

As programações de missa eram de 6 em 6 meses, pois o padre morava longe e vinha a cavalo. Nossa comunidade não tinha igreja, então as celebrações, batizados e casamentos eram realizados nas casas. As escolas eram construídas pelos pais e os professores eram pagos por eles também. Os materiais eram lousa e giz, a merenda era levada de casa e a limpeza era feita pela professora e alunos.

Texto produzido por Carolina Ballin (2004).

Sugestão de resposta: trecho II

Naquele período, as celebrações religiosas aconteciam duas vezes ao ano, pois o pároco residia distante do local e o meio de transporte utilizado era o cavalo. Além disso, as celebrações aconteciam nas residências dos moradores. Quanto às escolas, as famílias eram responsáveis por construir e mantê-las. Enquanto a limpeza era realizada pela docente e pelos estudantes.

c. Trecho III

Era um matuto dos bons e vivia num rancho às margens do Rio Pardo, perto de Cajuru. Seu Ico era o apelido dele. Acreditava em tudo que via e ouvia. E tinha opiniões muito firmes sobre coisas misteriosas. Adorava contar casos de assombração e outros bichos [...].

Texto produzido por EQUIPE Xico da Kafua (2007).

Sugestão de resposta: trecho III

Era um bom sujeito, vivia em um rancho próximo à cidade de Cajuru, localizado à beira do Rio Pardo. Era conhecido como Seu Ico. Não tinha maldade, homem de muitas crenças e costumes, crente de seus valores e adepto a causos misteriosos e sombrios.

Caro estudante, finalizamos nossa unidade e esperamos que as atividades e as leituras propostas tenham contribuído para sua compreensão sobre caso, conto e intertextualidade.

Estimado professor, os encaminhamentos aqui propostos são sugestões para você. Fique à vontade para realizar as adaptações que considerar pertinente. Esperamos que nosso trabalho contribua com sua prática docente, que as atividades propostas sejam significativas e colaborem para a aprendizagem dos estudantes.

Para tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico, optamos por atividades diversificadas, com textos em prosa e imagéticos, atividades em duplas, vídeos, abordagem da escrita, leitura, oralidade e produção de ilustração. Também acrescentamos à unidade as seções “Para saber mais”, nas quais apresentamos informações e sugestões complementares, com links e explicações que colaborem com seu trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, observou-se que alguns gêneros textuais, como conto e causo, responsáveis por transmitir a história dos sujeitos, muitas vezes, acabam deixados de lado no ambiente escolar, substituídos por outros, que em nada se relacionam à história de vida dos educandos. Tal fato corrobora a necessidade de ressignificar gêneros que denotem a trajetória da comunidade, que, em geral, deixam de ser explorados e que fazem todo o sentido para o aluno, ao contar a história de seus antepassados, bem como do lugar onde vivem.

Para a realização propositiva desta unidade didática, tomaram-se, como base, contos e causos de autores nacionais, de forma a explicitar a riqueza literária de nosso país, constituindo uma maneira de valorização de nossos escritores. Buscou-se explorar textos que abordam as crenças, costumes, valores e modo de falar dos brasileiros em diferentes locais do país. Também foram utilizados textos produzidos por ex-alunos, membros da comunidade, familiares e conhecidos dos estudantes, com o intuito de promover a valorização da literatura local, mostrar a riqueza presente em materiais considerados simples e que foram produzidos com a colaboração da comunidade escolar.

Assevera-se que, para a produção deste material, foram utilizados estudos realizados por vários autores, dentre os quais, figuram Koch (1991; 2003), Bakhtin (2006), Moisés (2006), Oliveira (2006) e Marcuschi (2007; 2008).

Na proposta didática apresentada, procurou-se demonstrar distintas formas de abordar a intertextualidade em sala, de maneira a instigar o aluno, trazer aspectos ligados à sua realidade e à comunidade na qual está inserido. A unidade didática foi desenvolvida para ser aplicada, preferencialmente, em uma turma de 7º ano, explorando os gêneros conto e causo e o papel da intertextualidade dentro desses e de outros intertextos, que se relacionam através do tempo. Procurou-se utilizar outros gêneros, como fotografia, anúncios publicitários, ditados populares e ilustração, a fim de tornar a unidade mais atrativa para professores e alunos.

Também optamos por adequar as atividades relativas ao fenômeno da intertextualidade, de acordo com o nível de uma turma de 7º ano, por isso, a unidade contempla atividades relativas às seguintes formas intertextuais: alusão, *détournement*, paródia e paráfrase. Além disso, o conteúdo em questão pode levar a um gama de possibilidades que não são necessárias no momento.

Dessa forma, conclui-se que este estudo pode proporcionar, aos professores, uma ferramenta que possa contribuir para o desenvolvimento e enriquecimento de seu trabalho, otimizar sua prática, trazer outro olhar para a abordagem de textos oriundos da comunidade escolar e, ainda, colaborar para o ensino de Língua Portuguesa. Quanto ao discente, espera-se que esta unidade demonstre a riqueza de sentido presente em produções escritas por alunos, e que, por vezes, não recebem a devida atenção.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JUNIOR, Raul Marcelino. **Intertextualidade e produção de sentidos: análise em anúncios publicitários**. 2018. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.
- ANDRADE, Mário de. Contos e contistas (13/09/1938). *In: O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.
- ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. *In: Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1873. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/355080/mod_resource/content/1/machado.%20instinto%20de%20nacionalidade.pdf. Acesso em: 21 nov. 2021.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 1. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BATISTA, Glaucia A. **Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular**. 2007. 213 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unitau.br/jspui/bitstream/20.500.11874/1633/1/GLAUCIA%20APARECIDA%20BATISTA.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2021.
- BBC NEWS. Afeganistão: as imagens que mostram o caos e o desespero dos afegãos após a entrada do Talibã em Cabul. **Portal de notícias G1**, São Paulo, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/16/afeganistao-as-imagens-que-mostram-o-caos-e-o-desespero-dos-afegaos-apos-a-entrada-do-taliba-em-cabul.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2021.
- BOLDRIN, Rolando. Causo A Procissão. **Sr. Brasil**, youtube (2 min), 31 out. 2012. Disponível em: <https://youtu.be/QvkwDHewWo>. Acesso em: 4 out. 2021.
- BOLDRIN, Rolando. Causo A Marquinha Teimosa. **Sr. Brasil**, youtube (4 min), 12 jul. 2015. Disponível em: <https://youtu.be/9VOH9O07m0w>. Acesso em: 4 out. 2021.
- BORSATI, Daiani F. D. A.; CUCCHI, Carolina B. **Contos e causos do Ouro Verde**. Produção org. pela equipe da Escola Estadual do Campo Dom Pedro I - E. F. São João, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BOSI, Alfredo. **Conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1995.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 5.765/1971**. Hino Nacional. Atualizado ortograficamente em conformidade com Lei nº 5.765 de 1971, e com art.3º da Convenção Ortográfica celebrada entre Brasil e Portugal em 29.12.1943. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm. Acesso em: 10 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº. 11.274/2006**. Altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11274&ano=2006&ato=ab5ATWE5kMRpWTaa5>. Acesso em: 10 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília, 2018.

CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito** – estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. São Paulo: Duas cidades, 1971.

CARRASCOZA, João A. Uma lição inesperada. *In: Ler, entender, criar* – Língua Portuguesa – 6ª série. São Paulo: Ática, 2003. p. 179-180. Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2020/12/cronica-uma-licao-inesperada-joao.html>. Acesso em: 15 out. 2021.

CASCUDO, Luís C. **Contos Tradicionais do Brasil**. 14. ed. Salvador: Ldm, 2018.

CAUSO NUM RANCHO às margens do Rio Pardo. **Equipe Xico da Kafua**. 2007. Disponível em: http://www.xicodakafua.com.br/causos_detalle.php?cod=9. Acesso em: 10 jan. 2022.

CAVALCANTE, Mônica M.; FARIA, Maria da G. dos S.; CARVALHO, Ana P. L. de. Sobre intertextualidades estritas e amplas / *About intertextualities strong and wide*. **Revista de Letras**, v. 2, n. 36, jul./dez. 2017.

CHAUCER, Geoffrey. **The Canterbury Tales**. Tradução de Nevill Coghill. 2000. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu002383.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2022.

COELHO, Izete L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em: https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 18 fev. 2023.

COELHO, Nelly N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly N. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CONTO POPULAR. **A cumbuca de ouro e os marimbondos**. Comentado por Rebeca Fuks, 2007. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/contos-populares-comentados/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores. *In: Valise de cronópio*. Tradução de Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DIAS, Gonçalves. Canção do Exílio. **Constituição e Constituinte**. Brasília, 1986. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/117361/1986_SETEMBRO_071h.pdf?sequence=3. Acesso em: 10 set. 2021.

ESCOLA EDUCAÇÃO. **A abóbora Ernesta**. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/historias-assustadoras-para-contar-no-escuro/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ESOPO. **Fábulas de Esopo** ([VI a.C.], adaptação em pop-up da obra de Esopo. Tradução e adaptação de Carlos Pinheiro. 2. ed. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/gessi/Downloads/Fabulas%20De%20Esopo%20%20Esopo%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/gessi/Downloads/Fabulas%20De%20Esopo%20%20Esopo%20(1).pdf). Acesso em: 20 mar. 2022.

FÁVERO, Leonor L. **Coesão e coerência textuais**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005. (Série Princípios).

G1 GLOBO. Afeganistão: um ano após a volta do Talibã, afegãos relatam tortura e desilusão. **Portal de Notícias G1**, São Paulo, 15 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/08/15/afeganistao-um-ano-apos-a-volta-do-taliba-afegaos-relatam-tortura-e-desilusao.ghtml>. Acesso em: 3 maio 2023.

GALLAND, Antoine. **As mil e uma noites**. Apresentação de Malba Tahan. Tradução de Alberto Diniz. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

GALLAND, Antoine. Ali Babá e os quarenta ladrões. *In: GALLAND, Antoine. As mil e uma noites*. Apresentação de Malba Tahan. Tradução de Alberto Diniz. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

GAZETA DO POVO. O colapso do Afeganistão. **Jornal Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 ago. 2021. Editorial. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/o-colapso-do-afeganistao-taliba/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOTLIB, Nádía B. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

HOMERO. **Odisséia** III Ítaca. Tradução do grego, introdução e análise de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2014. vol. 622.

HORTIFRUTI. **Institucional Hortifruti**. Site. Disponível em: <https://hortiflix.com.br>. Acesso em: 20 out. 2022.

JACOBS, Joseph. **Os três porquinhos**. 1. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2022.

KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

KOCH, Ingedore G. V. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? **Delta**, v. 7, n. 2, p. 529-541, 1991.

KOCH, Ingedore G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore G. V.; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária - Prosa I - Formas em prosa: o conto, a novela, o romance**. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MONTEIRO, Manoel. **A cigarra e a formiga**. 3. ed. Campina Grande, 2012.

NOVA ESCOLA. **Uma lição inesperada**. 24 mar. 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3196/uma-licao-inesperada>. Acesso em: 29 jan. 2023.

OLIVEIRA, Inácio R. **O gênero causo: narratividade e tipologia**. 2006. 136 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14393/1/TESE%20Inacio%20Rodrigues%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2021.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo**. Curitiba, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações**. Curitiba: SEED/PR, 2018.

PONTE PRETA, Stanislaw. "Conto de mistério". *In: Dois amigos e um chato*. 25. ed. São Paulo: Moderna, 1986. p. 65-66.

PONTES, Cláudia A. **Causos que a vida conta**: estratégias narrativas no causo popular oral: um gênero mantenedor da cultura, das crenças e dos costumes. 2006. 199 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: http://server05.pucminas.br/teses/Letras_PontesCA_1.pdf. Acesso em: 22 maio 2021.

PROPP, Wladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

RAMOS, Paulo. **A leitura de quadrinhos** - Coleção Linguagem & Ensino. São Paulo: Contexto, 2009.

ROCHA, Ruth. A cigarra e a formiga. *In: Fábulas de Esopo*. 1. ed. São Paulo: Salamandra, 2018.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase e cia**. São Paulo: Ática, 1985.

SOUSA, Maurício de. **Turma da Mônica**. Maurício de Sousa Produções LTDA, Copyright, 1999, história em quadrinhos. Disponível em: <http://escolacriativa-santoestevao.blogspot.com/2014/09/hq-e-intertextualidade.html>. Acesso em: 30 abr. 2022.

SOUSA, Maurício de. **Turma da Mônica**. Maurício de Sousa Produções LTDA, Copyright, 1999, história em quadrinhos: Espelho, espelho meu. Disponível em: <https://twitter.com/turmadamonica/status/1067871250050154496?lang=no>. Acesso em: 13 out. 2022.

THAVES, Bob. Frank & Ernest: contos de fadas atualizados. **O Estado de São Paulo**, 2007, tirinha, color. Disponível em: <https://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com/2016/05/interpretacao-de-charges.html>. Acesso em: 30 abr. 2022.

TREVISAN, Dalton. Canção do Exílio. **Germina: revista de Literatura e Arte**, v. 5, n. 3, jul. 2009. Disponível em: https://www.germinaliteratura.com.br/sabiaseexilios/asavesqueaquigorjeiam_4.htm. Acesso em: 10 set. 2021.

UOL. Cofundador do Talibã chega a Cabul para estabelecer um novo governo afegão. **Uol Notícias**, São Paulo, 21 ago. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2021/08/21/cofundador-do-taliba-chega-a-cabul-para-estabelecer-um-novo-governo-afegao.htm>. Acesso em: 21 ago. 2021.

VERON, Eliseo. **A produção do sentido**. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1980.

WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore literário e linguístico**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.